

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:  
CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL

ELAINE ROCHA MACIEL CARNEIRO

**A transgressão na adolescência:  
face à dificuldade de tornar-se homem, o apego à mãe**

**Belo Horizonte**

**2017**

ELAINE ROCHA MACIEL CARNEIRO

**A transgressão na adolescência:  
face à dificuldade de tornar-se homem, o apego à mãe**

**Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.**

**Linha de Pesquisa: Psicologia, Psicanálise e Educação**

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Ana Lydia Bezerra Santiago**

**Belo Horizonte**

**2017**

C289t  
T

Carneiro, Elaine Rocha Maciel, 1978-

A transgressão na adolescência [manuscrito] : face à dificuldade de tornar-se homem, o apego à mãe / Elaine Rocha Maciel Carneiro. - Belo Horizonte, 2017.  
117 f., enc.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora : Ana Lydia Bezerra Santiago.

Bibliografia : f. 113-117.

1. De cabeça erguida (Filme) -- Crítica e interpretação -- Teses. 2. Educação -- Teses. 3. Psicologia -- Teses. 4. Psicologia do adolescente -- Teses. 5. Adolescentes (Meninos) -- Assistência em instituições -- Teses. 6. Mães e filho -- Teses. 7. Edipo, Complexo de -- Teses. 8. Dependência (Psicologia) -- Teses. 9. Maturação (Psicologia) -- Teses. 10. Comportamento de apego -- Teses. 11. Psicanálise do adolescente -- Teses. 12. Psicologia do desenvolvimento -- Teses. 13. Psicopatologia do adolescente -- Teses. 14. Delinquência juvenil -- Teses. 15. Carencia paterna -- Teses. 16. Figura paterna -- Teses. 17. Agressividade (Psicologia) -- Teses. 18. Adolescentes e violência -- Teses. 19. Menores -- Reabilitação -- Teses. 20. Assistência a menores -- Teses. 21. Violência -- Aspectos psicológicos -- Teses. 22. Psicologia educacional -- Teses.

I. Título. II. Santiago, Ana Lydia Bezerra. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 155.5

Nome: Carneiro, Elaine Rocha Maciel.

Título: A transgressão na adolescência: face à dificuldade de tornar-se homem, o apego à mãe

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: 30/08/2017.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Ana Lydia Bezerra Santiago (orientadora) – FAE/ UFMG

Assinatura \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Maria José Gontijo – PUC – MINAS

Assinatura \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Raquel Martins de Assis – FAE/UFMG

Assinatura \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Ludmilla Féres Faria (Suplente) – Faculdade Milton Campos

Assinatura \_\_\_\_\_

Profa. Dra. Mônica Maria Farid Rahme (Suplente) - FAE/UFMG

Assinatura \_\_\_\_\_

Ao Bê,  
Por ser amável.  
Por ser fonte que se renova...  
e mantém em mim a necessidade de ti.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente à minha mãe. Ela foi o ponto de partida. Aquela que com o seu olhar direcionou o meu desejo para os estudos. E também por sempre querer que eu vá além.

Ao meu pai, que sempre está a postos para ajudar-me a sustentar minhas escolhas. E por deixar ressoar o seu orgulho pela filha, o que se tornou impulso para eu seguir.

Ao meu irmão, aquele que despertou minha curiosidade e interesse pela escola, sendo o primeiro a tornar-se amado pelo dom do saber.

Ao Bernardo, pela parceria no amor, nos estudos, na vida... Pela alegria da convivência.

Ao Arthur, que lançou mão das mais divertidas ideias para ter-me ao seu lado, quando eu me retirava para a escrita desta dissertação. E também por renovar meus sonhos, por divertir-me, por rejuvenescer-me...

Aos meus sogros, pelo apoio e pela prontidão para ajudar no que for preciso.

Aos demais familiares, que torcem e vibram com as minhas alegrias e conquistas.

Aos meus amigos. O que seria da vida sem eles? Com eles, posso rir, chorar, falar, calar, divertir, brindar a vida...

Às queridas colegas do Núcleo de Psicanálise e Direito, Kátia Mariás, Ludmilla Féres, Márcia Mezêncio e Zezé Salum, pela amizade e pelas discussões, que me ajudaram em meu percurso neste mestrado.

À Elisa Alvarenga, que, com seu desejo, vem abrindo frestas para o meu.

À Lud, minha querida amiga, pelas tantas parcerias, dentre elas, esta trajetória que vai da entrada ao fim do mestrado.

À Ana Lydia, por ter pego na minha mão e tentado, insistentemente, ensinar-me a ser pesquisadora. E também pela precisão da escuta clínica e por traduzir o que eu queria transmitir.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE/ UFMG, pela oportunidade e pela atenção e presteza, sempre que precisei.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa em Psicanálise e Educação (NIPSE) da FAE/UFMG, pela experiência e aprendizado.

À Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas, pela atenção e por interessar-se pela minha pesquisa, permitindo-me ter acesso aos adolescentes entrevistados.

Aos profissionais dos Centros Socioeducativos Horto e Santa Terezinha, que, com tanto cuidado e atenção, me receberam e se dispuseram à discussão.

E, claro, aos adolescentes entrevistados, por toparem compartilhar suas histórias, dando vida a esta pesquisa e permitindo extrair daí algumas elaborações.

## RESUMO

Carneiro, E.R.M. A transgressão na adolescência: face à dificuldade de tornar-se homem, o apego à mãe. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2018.

Esta dissertação parte de uma observação extraída de experiências profissionais com adolescentes autores de ato infracional. Muitos destes apresentavam um grande apego a suas mães. Extraímos daí a hipótese de que haveria uma articulação entre adolescência, transgressão e mãe. Isso nos suscitou algumas perguntas: em que medida a transgressão na adolescência estaria articulada ao amor à mãe? Que lugar estas mães ocupam na vida de seus filhos? Adolescência, transgressão e mãe constituem a estrutura tríplice que compõe as bases de nossa investigação. Partimos de elaborações que nos permitiram localizar a transgressão na adolescência como uma construção situada historicamente e viabilizaram a análise de sua incidência em um contexto determinado. Também nos permitiram discernir o modo como a transgressão é abordada em discursos específicos. A nossa hipótese exigiu-nos uma investigação clínica que aborda o adolescente a partir da relação mãe/filho. A psicanálise propõe-nos a construção da posição masculina e, inevitavelmente, a separação do Outro materno como uma exigência do momento da adolescência. Nossas elaborações teóricas e a análise do filme “*De cabeça erguida*” apontaram-nos a dificuldade primeira desses adolescentes: tornar-se homem. Eles apegam-se à mãe como uma saída para o impossível que marca a experiência sexual. Este apego pode dar-se pelas vertentes do ser ou do ter. Foi o que as entrevistas com dois adolescentes que cumpriam a medida socioeducativa de internação e suas mães esclareceu-nos. Para abordá-los, utilizamos a metodologia de Entrevistas Clínicas de Orientação Psicanalítica. No primeiro caso, o adolescente dedica-se a ser o objeto de gozo materno, mantendo-se fixado à posição infantil. A transgressão o sustenta nesse lugar de objeto que esconde a verdade do sintoma materno. No segundo caso, o adolescente ocupa uma posição de homem junto à mãe pela via da fantasia incestuosa. Com o ato transgressor ele visa o ter, que o permitiria posicionar-se na dinâmica viril. Mas esta via o mantém cativo da parceria materna, o que o leva a bancar o herói junto à mãe. A falta de uma transmissão paterna ou a descrença no pai dificulta o adolescente a tornar-se homem, o que o mantém investido na parceria materna. Ele faz da transgressão a via que o sustenta na posição de ser ou de ter, como o filme e os casos nos revelaram.

**PALAVRAS CHAVE:** Transgressão. Adolescência. Relação mãe/ filho. Psicanálise.



## ABSTRACT

Carneiro, E.R.M. The transgression in adolescence: regarding the difficulty of becoming a man, the attachment to the mother. Masters dissertation, "Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social", Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017.

This dissertation is based on an observation extracted from professional experiences with adolescents who committed an infraction. Many of these had a strong attachment to their mothers. We extracted from there the hypothesis that there would be an articulation between adolescence, transgression and mother. This raised some questions: to what extent would transgression in adolescence be associated to the love to the mother? What place do these mothers occupy in the lives of their sons? Adolescence, transgression and mother constitute the threefold structure that forms the basis of our investigation. We started from elaborations that allowed us to locate transgression in adolescence as a historically situated construction and enabled the analysis of its incidence in a given context. We also discerned how transgression is approached in specific discourses. Our hypothesis called for a clinical investigation that approaches the adolescent to the mother/son relationship. Psychoanalysis proposes to us the construction of the masculine position and, inevitably, the separation of the maternal Other as a requirement of the moment of adolescence. Our theoretical elaborations and the analysis of the film "*Standing tall*" pointed us to the first difficulty of these adolescents: to become a man. They get attached to the mother as an outlet for the impossible that marks the sexual experience. This attachment can take place on the aspects of being or having. It was clarified thru the interviews with two adolescents under the socio educative measure of internment and their mothers. To approach them we used the methodology of Clinical Interviews of Psychoanalytic Orientation. In the first case, the adolescent is dedicated of being the object of maternal enjoyment, keeping fixed to the role of the child. Transgression sustains him in this place of object that hides the truth of the maternal symptom. In the second case, the adolescent occupies a position of the man to the mother by the way of the incestuous fantasy. Thru the transgression act he aims the having that would allow him to position himself in the virile dynamics. But this way keeps him captive of the maternal partnership, which leads him to support being the hero to his mother. The lack of a father's transmission or the disbelief in the father makes it difficult for the adolescent to become a man, which keeps him invested in the maternal partnership. He takes the

transgression as the way to sustain himself in the position of being or having, as the film and the cases revealed to us.

**KEY WORDS:** Transgression. Adolescence. Mother/son relationship. Psychoanalysis.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. ADOLESCÊNCIA, TRANSGRESSÃO E SEUS DISCURSOS.....</b>	<b>17</b>
<b>1.1. A construção da adolescência.....</b>	<b>17</b>
<b>1.2. Adolescência e transgressão na sociedade.....</b>	<b>20</b>
<b>1.3. Prática infracional de adolescentes no Brasil: incidência e dinâmica.....</b>	<b>29</b>
<b>1.4. Delinquência juvenil e transtorno de conduta: diagnósticos da transgressão na         adolescência.....</b>	<b>32</b>
<b>1.5. Ato infracional: a transgressão na adolescência inscrita na lei.....</b>	<b>35</b>
<b>2. PARA UMA CLÍNICA DA TRANSGRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA.....</b>	<b>40</b>
<b>2.1. O transgressor em foco.....</b>	<b>40</b>
<b>2.2. “Meninos do tráfico”: tudo pela minha mãe.....</b>	<b>43</b>
<b>2.3. Mãe: primeiro objeto de amor.....</b>	<b>48</b>
2.3.1. <i>Separar-se do Outro materno.....</i>	<i>53</i>
2.3.2. <i>Desligar-se da autoridade dos pais.....</i>	<i>56</i>
<b>2.4. Uma erótica da transgressão.....</b>	<b>58</b>
2.4.1. <i>A mãe insaciada.....</i>	<i>58</i>
2.4.2. <i>Freud: a transgressão incestuosa e o crime do parricídio.....</i>	<i>61</i>
2.4.3. <i>Lacan: a transgressão não é o crime.....</i>	<i>63</i>
2.4.4. <i>A transgressão como irrupção de gozo.....</i>	<i>65</i>
2.4.5. <i>A transgressão heroica.....</i>	<i>66</i>
<b>3. A TRANSGRESSÃO NO DIFÍCIL TRAJETO DE TORNAR-SE HOMEM.....</b>	<b>70</b>
<b>3.1. De dejetos a campeão do mundo.....</b>	<b>70</b>
<b>3.2. Uma parceria transgressora, apesar da lei.....</b>	<b>73</b>
<b>3.3. A mãe insaciada e o desejo clandestino.....</b>	<b>75</b>
<b>3.4. Do amor como repetição ao amor como invenção.....</b>	<b>77</b>
<b>3.5. Ser “Um-entre-outros” .....</b>	<b>78</b>
<b>4. O ADOLESCENTE TRANSGRESSOR E SUA MÃE.....</b>	<b>83</b>
<b>4.1. Entrevista Clínica de Orientação Psicanalítica.....</b>	<b>83</b>
<b>4.2. Caso 1: Wanderley, o escolhido da mãe.....</b>	<b>86</b>

4.2.1. <i>A primeira transgressão</i> .....	87
4.2.2. <i>A falta do pai na transmissão de valores</i> .....	87
4.2.3. <i>Fazer o outro sofrer</i> .....	88
4.2.4. <i>O lugar do pai no discurso da mãe</i> .....	90
4.2.5. <i>A mãe e a transgressão do filho</i> .....	91
4.2.6. <i>O parceiro do sofrimento materno</i> .....	92
<b>4.3. Caso 2: Caio, um adolescente visando o ter fálico</b> .....	<b>97</b>
4.3.1. <i>O pai e sua insígnia fálica</i> .....	97
4.3.2. <i>A primeira transgressão: visando o ter</i> .....	97
4.3.3. <i>Tornar-se homem à semelhança do pai</i> .....	98
4.3.4. <i>Solução imaginária desmoronada: “meu castelo caiu”</i> .....	99
4.3.5. <i>A reprovação da mãe</i> .....	100
4.3.6. <i>Amor só de mãe</i> .....	102
4.3.7. <i>A identificação imaginária ao bandido</i> .....	103
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>106</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>113</b>

## INTRODUÇÃO

Em 2015, uma foto de uma pichação em um muro, escrita em espanhol, chamou a atenção quando foi divulgada em mídias sociais. A pichação, de autor desconhecido, iniciava-se com a seguinte frase: “Contra toda autoridade”. A letra “a” da palavra “contra” foi grafada com o símbolo do movimento anarquista, indicando um cunho ideológico.

A frase sintetiza a característica mais proeminente na experiência da adolescência. O conflito com toda manifestação de autoridade neste período da vida é o elemento mais destacado por pais, professores e pela sociedade em geral. Para muitos teóricos do assunto, esse seria o fator decisivo para conduzir um adolescente às práticas transgressoras. Mas esta frase não traz novidade. Não foi o primeiro e, provavelmente, não será o último a propagar o conflito geracional que está em jogo. Então, por que este registro no muro ganhou repercussão?

Em manifestações juvenis de rebeldia, é comum que essa frase se manifeste em palavras de ordem que, pelo tom imperativo, concluem-se enfaticamente. Mas, na pichação em questão, a frase é seguida por reticências, indicando que, por trás deste dito, há algo por dizer. O que se segue às reticências parece tratar-se de uma interpretação que o autor anônimo dá à escrita precedente: “Contra toda autoridade... exceto minha mamãe”.



Fonte: VER: <<https://twitter.com/brockmanewz/status/601197898366345216>>. Acesso: 20/06/2017.

Quando toda autoridade é deposta, o que resta é a mãe. Como se a mãe fosse a matriz que repousa por trás de toda manifestação de autoridade. O tom pueril da palavra “mamãe” revela a dimensão infantil que se mantém oculta por trás da reticência da rebeldia adolescente. Mas, por que a mãe guarda uma relação tão íntima com a rebeldia do filho adolescente? Ela seria o centro de gravidade das manifestações juvenis contra toda autoridade?

Em 2015, segundo relatório da ONG mexicana Consejo Ciudadano para la Seguridad Pública y la Justicia Penal, Caracas foi a cidade mais violenta do mundo. A capital venezuelana registrou praticamente 120 homicídios por 100 mil habitantes, o dobro da taxa de homicídios de Fortaleza, cidade brasileira mais violenta no mesmo período, segundo o ranking da organização.

A Venezuela apresenta um histórico de violência que guarda algumas semelhanças com o contexto brasileiro. Um crescimento vertiginoso do número de homicídios nos anos de 1980 e 1990, uma concentração dos assassinatos em bairros populares e com menos recursos, o conflito armado entre gangues de jovens que habitam um mesmo território.

Na década de 80, o bairro Catuche, no centro de Caracas, foi dividido pela oposição entre dois “bandos” de regiões vizinhas: La Quinta e Portillo. A guerra entre estes dois lados era mobilizada pelas disputas territoriais, tráfico de drogas e brigas provocadas nas festas de sexta-feira. Os homicídios de jovens tomaram conta do território. Os adolescentes formavam-se em um ambiente transgressor.

Na maior parte das famílias, o pai era uma figura ausente. A mãe era o esteio do lar. Houve mães que chegaram a perder cinco filhos assassinados no confronto entre as duas gangues. As mães endossavam o envolvimento criminal dos filhos denunciando jovens rivais, vigiando a região para o grupo local, escondendo armas em casa e, principalmente, reivindicando vingança pela morte de um filho. Quando um jovem da região rival era assassinado, as mães decretavam: “Foi merecido!”. As mães eram o elemento propulsor da guerra urbana de Catuche. Quanto mais jovens morriam, mais mães com sede de vingança impulsionavam a violência adiante. Os filhos colocavam-se em guerra a serviço das mães.

Até que, em agosto de 2007, um dos grupos invadiu o território rival e, surpreendendo os moradores, promoveu um dos confrontos armados mais intensos do local. Um jovem de 18 anos foi assassinado. Era o segundo filho que a mãe perdia na guerra de gangues. Após testemunhar os jovens companheiros revoltados com a morte de seu filho, a mãe pensou: “Isso não pode continuar”. Ela recusou-se a reproduzir o ciclo. Os jovens recuaram da vingança diante de uma mãe que, ao contrário, pedia um “cessar fogo”.

Ela demandou ajuda de uma assistente social de uma organização religiosa local, que abordou um dos líderes da gangue em pedido de paz. O jovem forneceu a chave da dinâmica criminal: “Para acabar com a violência, não é com a gente que você deve falar, mas com as velhas fofoqueiras” (PARDO, 2016). Ele estava referindo-se às mães, a causa pela qual os jovens estavam sempre a postos para matar ou morrer. As “comadres” faziam circular a

informação sobre a dinâmica criminal da região. Uma teia de intrigas na qual os jovens se deixavam capturar.

A assistente social mobilizou uma assembleia para reunir mães de ambos os lados do conflito. No primeiro encontro, em torno de dez mães de cada lado dispuseram-se a conversar. Entre as mães presentes, uma havia perdido dois filhos em um único dia, e outra havia enterrado quatro dos seis filhos. Depois de um início tenso, permeado pelo histórico de rivalidade, as mães perceberam que todas queriam por fim àquela situação. Surpreenderam-se com a iniciativa da mãe que, ao perder um filho, não promoveu o revide. A vingança não era necessária. Depois de alguns encontros, as “fofoqueiras” organizaram-se e decidiram firmar um acordo de paz entre os dois “bandos”, baseado em algumas resoluções:

Quem descumprir o acordo será convocado para uma reunião; Quem descumpri-lo três vezes será denunciado para a polícia; Não se pode trazer estranhos para o bairro; Não se pode acender isqueiros nas ruas (um sinal para abrir fogo contra o inimigo). (PARDO, 2016)

A partir desse dia, os homicídios cessaram. Ninguém foi denunciado à polícia. As pessoas começaram a circular na rua sem receio. Deixaram de dormir sob o colchão para se proteger de tiroteios. As “comadres” conseguiram cessar com a violência que as autoridades do país não conseguiam solucionar. Uma mãe concluiu: “Não é que tenham ficado amigos, mas já não estão se matando” (PARDO, 2016). Os jovens, que pareciam dispostos a se colocar contra toda autoridade, recuaram diante das “mamães”. No lugar da violência, a reticência.

Qual função que a mãe exerce na subjetividade do filho adolescente? Em que medida a transgressão na adolescência encontra na mãe um referencial decisivo? O que faz com que a mãe seja uma força centrípeta tanto para a prática transgressora quanto para o seu fim?

A minha experiência de trabalho em duas políticas públicas, que atendem adolescentes autores de atos infracionais, conduziu-me a constatar o quão relevante são estes questionamentos. Primeiro, como psicóloga em um programa que atende adolescentes que cumprem a medida socioeducativa de liberdade assistida. Segundo, como diretora de um centro socioeducativo, onde os adolescentes cumprem a medida de internação. Nessas experiências, chamava a atenção o lugar que as mães ocupavam na vida de muitos daqueles adolescentes. Eles manifestavam uma devoção a elas, revelando um excessivo apego. Demonstravam também uma vontade de serem os provedores da família e de darem à mãe uma vida melhor. Era recorrente buscarem ocupar um lugar privilegiado junto à genitora.

Alguns dos adolescentes expressavam a sua devoção por meio de tatuagens com o nome da mãe ou frases que declaravam o seu amor e o lugar de destaque ocupado por elas.

Uma das mais recorrentes era: “Amor só de mãe”. As letras de músicas que compunham eram outra forma de demonstração deste apego. Elas eram carregadas de gratidão e promessas.

Estas manifestações indicavam-nos que, para muitos destes adolescentes, havia algo de particular na relação mãe/ filho. Isso nos conduziu a querer investigar a transgressão na adolescência, partindo da hipótese de que a relação do filho com a mãe ocupa um lugar central. Adolescência, transgressão e mãe constituem a estrutura tríplice que compõe as bases desta pesquisa.

Ao longo do meu percurso de formação fui orientada por três autores: Sigmund Freud, Jacques Lacan e Jacques-Alain Miller. Por este motivo, eles constituem-se como alicerces de nossa pesquisa. O traçado de nossa investigação desdobra-se em quatro capítulos que se articulam de modos distintos em torno dos três elementos citados – adolescência, a transgressão e a mãe.

No primeiro capítulo, uma questão elementar coloca-se: o que é transgressão na adolescência? Partimos da concepção de Miller sobre a adolescência como uma construção. A partir desse ponto, estabelecemos um diálogo com Stanley Hall. Este autor serviu-nos de interlocutor externo, que nos viabilizou os apontamentos iniciais sobre como a ideia de adolescência se construiu, e como a transgressão se configurou como um elemento componente deste conceito.

Posteriormente, situamos o modo como se especificou a prática infracional dos adolescentes no contexto brasileiro a partir do século XX. Investigamos o modo como a transgressão juvenil se desdobrou em diferentes abordagens no percurso de dois discursos em particular: a clínica psiquiátrica e a esfera jurídica. Trata-se de dois discursos que retratam claramente o modo como as mudanças no contexto social decidiram os rumos do tratamento dado ao adolescente transgressor.

Contudo, os discursos estudados não atestam um papel relevante para a figura materna na dinâmica infracional do púbere. Este percurso teórico inicial conduz-nos a uma abordagem centrada na relação estrita entre a adolescência e a transgressão, seja em uma perspectiva reformadora, clínica ou jurídica.

Para contrapor as elaborações precedentes, apresentamos, no segundo capítulo, o modo como a figura da mãe se localiza para os adolescentes em dois contextos distintos: quando cumprem com uma medida judicial pelo cometimento de um ato infracional e quando estão envolvidos no confronto entre gangues em favela, em decorrência do tráfico de drogas. A experiência prática introduz uma pergunta sobre o papel da mãe neste contexto como uma indagação inevitável. Um impasse a se resolver.



Ainda no segundo capítulo, para uma elaboração teórica, a pergunta inicial reduz-se a: o que é a adolescência? Privilegiamos a psicanálise como referencial teórico que nos viabiliza reordenar o conceito de adolescência. Com as contribuições de Freud, Lacan e Miller, a relação entre os três termos de nossa investigação recoloca-se e esclarece-se. Estes autores nos permitem definir a adolescência a partir da problemática da separação do sujeito em relação a sua mãe. Para prosseguir na abordagem desta temática, investigamos a relação entre a transgressão e a questão do incesto.

Ao contrário do primeiro capítulo, que prioriza a articulação do par adolescência e transgressão, quando partimos do par adolescência e mãe, uma pergunta coloca-se: como resolver o impasse dessa difícil separação? É em torno dessa questão que o conceito de transgressão ganha novos contornos.

No terceiro capítulo, lançamos mão do filme francês *“De cabeça erguida”*. Uma obra que explicita o papel da mãe na difícil passagem que a adolescência comporta entre ser um filho e tornar-se um homem. O filme alinha-se com as elaborações do capítulo anterior e permite esclarecimentos do lugar que a transgressão ocupa na parceria do adolescente com a sua mãe. Um estudo preliminar antes que chegássemos aos sujeitos de nossa pesquisa.

No último capítulo, dois adolescentes que cumprem a medida socioeducativa de internação pelo cometimento de atos infracionais permitiram-nos colocar à prova nossas elaborações teóricas precedentes. Ao falar em um dispositivo de entrevista clínica, eles esclareceram para si mesmos a posição que ocupam na trama transgressora e como isso os mantêm ligados à mãe. Neste capítulo, a tríade adolescência, transgressão e mãe articula-se a partir de uma quarta peça. Este quarto elemento se particulariza no modo como cada adolescente se arranja com o “tornar-se homem”. Ao contrário de nos fornecer os componentes necessários para a montagem de uma teoria bem-acabada da transgressão na adolescência, estes dois sujeitos abrem este campo ao plural.

O percurso da investigação permite-nos elucidar como se estrutura a relação entre a adolescência, a transgressão e a mãe. Mas, ao mesmo tempo em que essa topologia se esclarece, ela evidencia uma lacuna. É nesse espaço vazio que se evidencia o “tornar-se” que está em jogo na experiência do adolescente. “Tornar-se” é o que coloca este sujeito entre a oposição à autoridade e o apego à “mamãe”. É na reticência que o adolescente encontra seu hábitat.

# 1. ADOLESCÊNCIA, TRANSGRESSÃO E SEUS DISCURSOS

## 1.1. A construção da adolescência

A utilização da palavra adolescência é recente em nossa cultura. Até meados do século XIX a criança passava do mundo infantil direto para a vida adulta. Isso significava, por exemplo, trabalhar, servir ao exército ou casar. Geralmente, não havia nenhum tratamento diferenciado para aqueles que acabavam de sair da infância.

Desde o surgimento do conceito de adolescência percebemos que ele varia de acordo com cada época e área do conhecimento. O que é considerado adolescência para a sociologia é diferente do que é para o direito, a psiquiatria, a psicologia ou a psicanálise.

Antes, por exemplo, as discussões giravam em torno da ideia de que a adolescência era uma transição. Entretanto, o que o psicanalista francês Jacques-Alain Miller<sup>1</sup> interpretou, a partir de leituras sobre os discursos contemporâneos, é que na época atual, para a maior parte deles, a adolescência é compreendida como sendo uma construção.

Segundo Miller (1996), “a construção é uma elaboração de saber” (p. 98) e, portanto, um artifício para dar conta de determinado impasse. Ele esclarece que a construção é uma forma de isolar os elementos que se repetem para, a partir deles, elucidar a estrutura que compõe um determinado acontecimento. Por exemplo, podemos nos perguntar: quais são os traços característicos que perduram no modo de manifestação da adolescência ao longo dos tempos?

A psicanálise nos ensina que o que se repete é o que não se inscreve na estrutura de saber. Essa experiência, que não se traduz em termos de saber, é o que retorna sempre ao mesmo ponto. Por isso, continuamos a falar de adolescência.

Por outro lado, Miller (1996) nos alerta que vivemos em uma época que tenta reduzir a experiência a um saber preestabelecido. Ao fazer isso transforma tudo em elaboração de saber e desconsidera que há algo que não se inscreve neste campo.

Por esta via da redução a um artifício de sentido, o que se constrói pode ser facilmente desconstruído. Contudo, quando nos desfazemos de uma construção é preciso colocar algo no lugar. Isso porque a construção serve para dar conta de elementos que não são traduzíveis e que persistem em se manifestar. Em outros termos, para a psicanálise há algo que perturba o

---

<sup>1</sup> Ver MILLER, J.A. Em direção à adolescência. Belo Horizonte. 10 de julho de 2015. Disponível em: <<http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/>> Acesso em: 25/09/2016. Este texto refere-se à intervenção de encerramento da 3ª Jornada do Instituto da Criança, realizada em Paris, em 2015. Neste contexto o referido autor propôs uma orientação de trabalho para a próxima Jornada, que ocorrerá em abril de 2017.

sujeito e que determina a adolescência, sendo inaugurado com a saída da infância. Trata-se de um momento particular da vida marcado pela incidência da puberdade.

Para a psicanálise, adolescência e puberdade se distinguem. A puberdade é uma fase em que acontecem transformações que afetam o corpo e provocam um despertar da sexualidade. Trata-se de um acontecimento universal. Ou seja, que existe em qualquer época no mundo e que provoca um corte no desenvolvimento, pondo fim à infância. Este corte, que marca um antes e um depois, tem consequências subjetivas para o sujeito, pois há algo que afeta o corpo e que não se inscreve no campo do saber. É a partir desta experiência que não se traduz em palavras que podemos pensar a adolescência.

Assim sendo, a adolescência “concerne a efeitos que decorrem dessa incidência do real da puberdade sobre o corpo e promovem verdadeira metamorfose no plano da subjetividade” (SANTIAGO, 2016, p. 30). Neste sentido, ela é uma forma particular do sujeito tratar os problemas decorrentes da puberdade, não havendo um período de duração pré-definido. Este tempo varia de acordo com cada sujeito. Isso porque cada um terá que inventar um modo particular para se haver com esta perda da infância, que é impactante para o adolescente.

Se para a psicanálise a adolescência é entendida como final da infância, há outras perspectivas de abordagem. Uma delas é a ideia defendida pelo jornalista britânico, Jon Savage<sup>2</sup> (2009). Ele chama de “juventude” uma adolescência que, em meados do século XX, começou a interessar ao mercado de consumo. Era um público entre 14 e 18 anos que começou a assumir uma postura independente. O seu mundo encontrava-se claramente distinto do mundo das crianças e dos adultos.

Tratava-se de um público ávido por prazer e por aquisição de bens de consumo. Congruente a isso, havia um mercado em busca de expansão dentro e fora da América. Neste contexto de busca por liberdade e do surgimento de uma sociedade globalizada, o adolescente passou a ser visto como um potencial consumidor, despertando o interesse do mercado.

Para responder aos anseios deste discurso capitalista criou-se o nome *teenager*. Tratava-se de uma estratégia de marketing que fazia parte da ascensão americana rumo ao domínio global. O *teenager* despontou como uma nova definição para o adolescente e foi adotado tanto pelas equipes de publicidade como pelos próprios adolescentes. Sobre isso

---

<sup>2</sup> Jornalista e escritor inglês. Dentre as suas publicações está “A Criação da Juventude: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX” (2009). Nesse livro, ele faz um apanhado histórico e uma análise da juventude dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, França e Alemanha, de 1875 a 1945. Apesar de nomear juventude, a sua pesquisa gira em torno do surgimento da adolescência a partir de uma nova perspectiva, fazendo uma discursão de como o adolescente se tornou importante na sociedade atual.

Savage diz que “dar nome a alguma coisa às vezes ajuda a lhe conferir existência” (p. 485). E esse parece ter sido o efeito obtido com a cunhagem do nome *teenager*, pois a partir deste momento há uma proliferação de discursos sobre a adolescência em nossa sociedade.

Não obstante, quando recorremos à história da psicologia podemos ver que 40 anos antes, em 1904, o psicólogo norte-americano Granville Stanley Hall<sup>3</sup> (1906) havia cunhado o nome “adolescência”. Hall foi um importante nome da psicologia do desenvolvimento da época, principalmente no que concerne aos estudos sobre a criança e o adolescente.

A ideia introduzida por ele é de que a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano seguinte à infância e que antecede a idade adulta. Trata-se de um tempo de passagem que tem um início predefinido e um fim a se alcançar, que corresponde à maturidade do indivíduo. Sobre este período de duração o autor o define como sendo dos 14 aos 24 anos de idade.

Hall (1906) foi o responsável por apresentar um estudo e uma definição sistemática deste momento da vida, o que fez dele referência da época sobre este tema. O referido autor desenvolveu o seu estudo em uma articulação da adolescência com a psicologia, o social, a sexualidade, a religião e a criminalidade. Além de se tornar um ator central na questão da adolescência, ele foi o pioneiro na conceituação da transgressão na adolescência. Estas construções se encontram em sua mais importante obra: *Adolescence: Its Psychology, and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education* (1906).

Como um entusiasta da causa dos adolescentes, Hall (1906) defende que eles deveriam ser tratados com especial cuidado e atenção. Isso porque há algo de diferente neste momento da vida, inaugurado pela puberdade, mas que não se resume às mudanças corporais.

Interessante destacar que nesta mesma época o tema da adolescência também despertava o interesse de outras áreas. Podemos destacar aqui duas iniciativas: na psicanálise, Sigmund Freud publicou em 1905, um ano depois da obra de Hall, os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, tendo um capítulo nomeado de “As transformações da puberdade”.

---

<sup>3</sup> Hall foi um pioneiro nos estudos da psicologia do desenvolvimento da criança, do adolescente e da psicologia educacional. Ele fez doutorado sob a orientação de William James, pela Universidade de Harvard, sendo que a sua tese de doutorado em psicologia foi a primeira do país. Ele ainda teve como mestre Wilhelm Wundt e, logo após o doutorado, realizou um estágio de psicologia no laboratório de Wundt, em Leipzig, na Alemanha. Além de professor em importantes universidades americanas, foi responsável por organizar o primeiro laboratório americano de psicologia, fundou o *Jornal Americano de Psicologia* e foi também o primeiro Presidente da Associação Americana de Psicologia. Enquanto presidente da Universidade de Clark, Hall levou aos Estados Unidos, em 1909, Sigmund Freud, Carl Jung e Sandor Firenczi. A sua importante obra *Adolescence: Its Psychology, and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education*, publicada em 1904, é extensa, cerca de mil e trezentas páginas, dividida em dois volumes. VER: <[https://www.infopedia.pt/\\$stanley-hall](https://www.infopedia.pt/$stanley-hall)> Acesso: 22/12/16.

Freud não trata especificamente do tema da adolescência, mas discute, como o próprio nome indica, as transformações que definem a saída da infância. Vale destacar que quatro anos depois da publicação destes ensaios, a convite de Hall, Freud esteve pela primeira e única vez nos Estados Unidos<sup>4</sup>.

Nesta época, outra iniciativa que também tratava do tema da adolescência ocorreu no teatro. Em 1906, a peça “O despertar da primavera”<sup>5</sup>, do dramaturgo alemão Frank Wedekind, era encenada pela primeira vez, com o subtítulo “A tragédia infantil”. Esse subtítulo talvez seja porque o nome “adolescência” ainda não havia sido consolidado. Trata-se de uma importante peça que ficou mundialmente conhecida e provocou muita polêmica na sociedade da época, chegando a ser censurada. Isso porque ela discute o despertar da sexualidade decorrente da incidência da puberdade. Ela também traz à tona a tensão entre as gerações – estando de um lado o saber do adolescente e de outro dos seus pais e professores – e, conseqüentemente, a separação inerente a esta época da vida.

Este contexto do início do século XX evidencia que havia um novo movimento em torno deste momento da vida. Estes sujeitos, que viriam a ser reconhecidos como adolescentes, começavam a chamar a atenção da sociedade. Mas o que foi determinante para que a sociedade da época lançasse luz sobre o adolescente e especialmente sobre aqueles que transgrediam as regras e as leis?

## **1.2. Adolescência e transgressão na sociedade**

Hall (1906), em seu citado livro, no capítulo intitulado: “Falhas juvenis, Imoralidades e Crimes”<sup>6</sup>, dedica-se a discutir as transgressões praticadas por adolescentes e nomeadas por ele como “crimes juvenis”.

Antes de entrar na discussão das transgressões propriamente ditas, é importante localizar o contexto da época. Em meados do século XX, como demonstrado por Savage, a

---

<sup>4</sup> Trata-se de uma famosa visita de Freud a este país, que se deu em 1909. À época, Hall era o presidente da Clark University de Worcester e convidou Freud para falar nesta Universidade em comemoração aos vinte anos da instituição. As conferências proferidas por Freud foram publicadas com o título: Cinco lições de psicanálise (1910/1996).

<sup>5</sup> Trata-se de uma peça escrita por Frank Wedekind entre os anos de 1890 e 1891, mas que foi encenada pela primeira vez somente em 1906, sob a direção de Max Reinhardt. Nesse mesmo ano ela foi premiada pela Deutsches Theater, em Berlim. Depois de ser frequentemente censurada, em 1974 foi finalmente apresentada na íntegra, em Londres. VER: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Frühlings\\_Erwachen](https://pt.wikipedia.org/wiki/Frühlings_Erwachen)>. Acesso em: 18/12/16.

<sup>6</sup> Tradução nossa do original: Juvenile faults, immoralities, and Crimes. VER: HALL, G. S. Adolescence: Its Psychology, and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education. New York: D. Appleton and Company, 1904. vol. 1, 589 p. Disponível em: <<https://archive.org/stream/adolescenceitsps01hall#page/n7/mode/2up>>. Acesso em: 18/12/16.

consolidação da adolescência estava ligada ao adolescente enquanto potencial consumidor. Meio século antes, na época de Hall, a adolescência estava relacionada a uma massa produtiva. Tratava-se da sociedade pós Revolução Industrial<sup>7</sup>.

A expansão do capitalismo provocou transformações significativas no modelo de sociedade da época. Houve uma migração da população do campo para uma concentração na cidade e uma substituição do trabalho manufaturado pelos das fábricas. Com isso, a urbanização desordenada foi acompanhada pela expansão do trabalho industrial pautado no lucro.

Para que este desenvolvimento se concretizasse era preciso recrutar todo tipo de mão de obra. Assim, cresceu enormemente a inserção de mulheres, crianças e adolescentes no mercado de trabalho. Para que os adolescentes se tornassem cada vez mais produtivos recaíam sobre eles um número maior de proibições e exigências éticas, o que impunha uma aceleração da maturidade.

Hall (1906) analisa que isso teve impacto no crescimento do crime juvenil. Para ele, “toda sociedade tem exatamente o tipo e o número de criminosos que merece”<sup>8</sup> (HALL, 1906, p. 341). O número de adolescentes transgressores vinha crescendo a cada dia e a prática de crimes se tornava cada vez mais precoce. Grande parte dos criminosos adultos havia sido condenada pela primeira vez na adolescência, especialmente entre os 12 e 14 anos de idade.

Vale destacar que antes mesmo da investigação de Hall (1906), no início do século XIX, a criminalidade juvenil já começava a ser discutida e a ser considerada um problema. Foi nesta época que o termo delinquência juvenil surgiu, mais precisamente na década de 1810. Pouco tempo depois, em 1824, foi aprovada em Nova York a primeira legislação específica para menores de idade<sup>9</sup>. Nessa definição-se como delinquente juvenil aquele que tinha menos de 21 anos de idade. Não havia na legislação uma diferenciação clara entre a criança e o adolescente.

Na segunda metade do século XIX, com o crescente aumento dos crimes envolvendo o público jovem, esse se tornou notícia frequente na imprensa. Em decorrência disto, surgiram

---

<sup>7</sup> A Revolução Industrial iniciou na Inglaterra em 1760 e durou entre os anos 1820 e 1840. Ela representou um conjunto de transformações econômico-sociais que aconteceu na Europa e que significou, principalmente, uma transição de métodos de produção artesanais para a produção por máquinas. Com isso, houve a substituição do trabalho artesanal para o assalariado. As diversas mudanças ocorridas na época introduziram uma diferença radical nos aspectos da vida cotidiana, o que teve grandes consequências para a sociedade, inclusive para a juventude. VER: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução\\_Industrial](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolução_Industrial)>. Acesso em 30/07/2017.

<sup>8</sup> Tradução nossa do original: every society has just the kind and number of criminals that it deserves.

<sup>9</sup> Ver SAVAGE, J. **A Criação da Juventude: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 25.

as primeiras instituições exclusivas, como reformatórios e escolas industriais, para jovens que haviam cometido algum tipo de crime.

Na Alemanha, por exemplo, de 1892 a 1895, havia ocorrido um aumento de 50% da criminalidade juvenil. Vale ressaltar que à época as três maiores causas de condenação nos reformatórios juvenis eram por roubo, vagabundagem e desobediência aos pais. Em uma época em que os adolescentes haviam se tornado um problema de repercussão social, qualquer transgressão que ameaçasse a ordem social era abordada como crime.

Dentre os crimes cometidos por adolescentes, Hall destaca as ofensas contra a propriedade, predominantemente roubo de pequeno porte. Este representava, nos reformatórios de Nova York, 94% dos jovens presos, e nos ingleses 87%. Além disso, o autor aponta que os crimes contra a pessoa apresentavam índices significativos somente entre os adultos.

Em uma abordagem desenvolvimentista, Hall (1906) apresenta a evolução da vida antissocial do crime na adolescência. Ele aponta que o crime juvenil teria sua origem na infância. Além disso, ele sugere que se as crianças crescessem com todas as suas tendências psíquicas preservadas, provavelmente a maior parte delas seria criminosa.

O adolescente seria aquele que ainda não desenvolveu suficiente conhecimento e capacidade de controle, o que o afasta da cultura e faz com que seus impulsos naturais se sobreponham ao intelecto. Neste sentido, o crime juvenil seria o resultado da dificuldade dos jovens em se ajustar ao contexto social.

No início da adolescência, essa dificuldade se manifestaria por meio da vagabundagem, uma resposta dos adolescentes às exigências escolares. As restrições sociais, familiares e escolares extremamente perturbadoras, aliadas a um impulso à mudança, conduziriam o adolescente a uma conduta nômade. Sobre isso, o autor explica:

A adolescência é o tempo normal de emancipação do telhado parental, quando a juventude procura estabelecer um lar próprio, mas o aprendiz da vida deve percorrer o tempo suficiente para encontrar os melhores hábitos em que se estabelecer. Esta é a estação primaveril da emigração, e deve ser uma parte indispensável de cada currículo da vida, antes do assentamento, viajar muito longe, se os recursos e a inclinação o permitirem. Mas esta fase deve terminar em um estabelecimento escolhido com sabedoria onde a vida jovem pode ser desenvolvida independentemente, e que com mais complacência e satisfação porque o lugar foi sabiamente escolhido com base em uma ampla comparação. O vagabundo crônico simplesmente falhou em desenvolver os redutores deste estágio normal.<sup>10</sup> (HALL, 1906, p. 349)

---

<sup>10</sup> Tradução nossa do original: *Adolescence is the normal time of emancipation from the parental roof, when youth seeks to set up a home of its own, but the apprentice to life must wander far and long enough to find the best habits in which to set up for himself. This is the spring season of emigration, and it should be an indispensable part of every life curriculum, just before settlement, to travel far and wide, if resources and inclination permit. But this stage should end in wisely chosen settlement where the young life can be*

O autor, portanto, diferencia dois tipos de vagabundagem na adolescência: uma fazendo parte de um “tempo normal”, por ser um momento necessário de emancipação da família, e outra considerada como sintoma de que essa emancipação não se efetivou satisfatoriamente. Como resultado dessa última teríamos uma evolução da vagabundagem para práticas mais gravosas. Diretamente ligada a essa conduta, surgiria, em sequência, a prática do roubo, que Hall (1906) descreve como “resistência à instituição da propriedade”<sup>11</sup> (p. 333). Com isso, ele parece destacar o fato de que os adolescentes dirigiam estes atos à sociedade da época e demonstravam sua recusa em participar do modelo capitalista de distribuição de bens. Desde esta época, vemos uma hipótese de que a transgressão na adolescência seria uma resposta à autoridade.

Além disso, ele indica que com o decorrer da adolescência haveria uma especialização da prática de roubar, que passaria de atos pequenos e desconexos, que visaria satisfazer desejos imediatos, para grandes planos com um sentido melhor definido de sua natureza. A incidência desse crime era consideravelmente maior na Inglaterra. Interessante lembrar que este foi o país berço da Revolução Industrial.

O autor também destaca que, em um contexto social em decadência como o que se experimentava à época, tornava-se menos provável que o jovem criminoso pudesse se recolocar dentro da ordem social. Neste contexto deteriorado, adolescentes se revoltavam contra a família, apresentavam um desgosto pela disciplina, pelo conhecimento e pela religião. Além do mais, consideravam toda a sociedade hipócrita, tratavam seus crimes como atos legítimos e acreditavam que o homem se sustentava em seus vícios. Eles também avaliavam a sua própria posição como a verdadeira, mesmo reconhecendo-se como inimigos da sociedade. A essas características, Hall (1906) nomeou como “insanidade moral”.

Neste contexto, o crime juvenil seria o resultado de uma falha educacional. A partir disso, Hall propõe como tratamento para o adolescente criminoso uma educação preventiva, que promova uma assimilação gradativa da moral. Segundo ele, a moral seria algo que se desenvolveria com a maturidade, o que poderia viabilizar, por exemplo, uma concepção do valor sagrado da propriedade ou a capacidade de autocontrole.

Em vista disso, a preocupação central do autor se dirigia a como reformar adolescentes com tendências perigosas. Tendências que, se não corrigidas, os reduziriam a “parasitas da

---

*independently developed, and that with more complacency and satisfaction because the place has been wisely chosen on the basis of a wide comparison. The chronic vagrant has simply failed to develop the reductives of this normal stage.*

<sup>11</sup> Tradução nossa do original: *resistance to the institution of property.*



sociedade”<sup>12</sup> (HALL, 1906, p. 387). O reformismo de Hall parece sustentar-se no discurso da época que se dedicava à produtividade da população. Para empreender tal propósito o autor se fiava em uma ortopedia moral.

Para ele, a sociedade deveria dedicar grande consideração à criminalidade juvenil. Em primeiro lugar, porque a vagabundagem e o roubo eram considerados o início da carreira criminal. Segundo, porque o adolescente era visto como o indivíduo mais suscetível a influências reformadoras. Com isso, haveria o impedimento da evolução dessas práticas para atos mais graves.

Apesar de abordar todo tipo de transgressão como crime, Hall (1906) diferencia aquela que faz parte do período da adolescência de uma outra que persiste e evolui para a consolidação do crime propriamente dito. Em sua construção, de forma geral, há uma relação direta entre adolescência e transgressão. É o que o autor nos transmite ao falar da adolescência como “um período de semicriminalidade<sup>13</sup>” (p. 404) inerente ao desenvolvimento do adolescente. Para o autor, o entendimento sobre a adolescência apresenta-se como a melhor via para entender a estrutura do crime em cada época e em cada sociedade. Pois, como ele mesmo afirma, “a adolescência é a melhor chave para a natureza do crime”<sup>14</sup> (p. 405).

A transgressão seria, então, uma marca típica da adolescência, sendo frequente o cometimento de atos transgressores neste momento da vida. É comum que as pessoas tenham lembranças de situações vividas na adolescência que remetem a essa questão, seja por meio de simples infrações ou mesmo do cometimento de atos mais graves. Essas transgressões Hall (1906) associa ao imprescindível momento de “emancipação do telhado parental”. Trata-se de um ponto da investigação deste autor em que suas ideias se aproximam da psicanálise. A “emancipação do telhado parental” tem relação com o que a psicanálise nomeia de “separação da autoridade dos pais” ou “separação do Outro materno”, tema que será discutido no capítulo seguinte.

Relaciona-se com essa separação a distinção que Hall faz das transgressões: de um lado as que fazem parte de um “tempo normal” e de outro as “sintomáticas”. Se por um lado é frequente que o adolescente tenha uma postura contrária ao instituído, há um outro tipo de transgressão que ultrapassa esta dita “normalidade”. Este ponto da teoria de Hall despertou-

---

<sup>12</sup> Tradução nossa do original: *parasites of society*.

<sup>13</sup> Tradução nossa do original: *a period of semicriminality*.

<sup>14</sup> Tradução nossa do original: *Adolescence is the best key to the nature of crime*.

nos interesse por destacar um caráter de sintoma que a transgressão pode tomar para alguns adolescentes.

Para explorarmos essa diferença entre o “normal” e o “sintomático” e localizarmos o tipo de transgressão que importa-nos investigar nesta pesquisa, recorreremos às histórias de dois jovens, relatadas em uma obra sobre adolescência<sup>15</sup>. Trata-se de Marie Bashkirtseff, de 17 anos, e de Jesse Pomeroy, de 15 anos. Foi na década de 1870 que cada um deles, a seu modo, tornou-se famoso por suas transgressões. Suas histórias repercutiram na mídia, atravessando fronteiras e marcaram uma época.

São casos que, como nos interessa destacar, colocaram em questão a passagem direta da infância para a vida adulta, reafirmando e dando consistência ao dito “período da adolescência”. Vale lembrar que naquela época ainda não havia o uso corrente do termo adolescência. Porém, a partir destes dois jovens, com base em suas histórias, passou-se a considerar a existência de um “estado intermediário”, que mais tarde foi designado adolescência.

\*

Marie, de origem francesa, em 1875 ousou iniciar a escrita de um diário com estatuto de confissão. Sua escrita teve a função de tratamento de suas perturbações. Pois, como ela mesma declara, os momentos em que escrevia talvez fossem os únicos em que se sentia tranquila. Seu diário foi publicado 12 anos mais tarde, em 1887, quando ela já havia morrido. Foi campeão de vendas na sua primeira versão francesa e fez de Marie não apenas um “verdadeiro gênio” como lhe concedeu fama, tanto na Europa quanto na América.

Os escritos de Marie expõem suas angústias, sofrimentos e “impulsos furiosos”. De forma sincera e inédita, ela dá testemunho de seus tormentos durante a adolescência. Principalmente no que concerne às relações familiares, às experiências com álcool e tabaco, às preocupações com a própria imagem e, até mesmo, à rebeldia contra os adultos, instituições e ideais femininos da época.

Em que ponto precisamente Marie foi uma jovem transgressora? Ao abrir o verbo sobre o que lhe acontecia, Marie rompe com os ideais de uma sociedade. Tudo indica que este era seu propósito deliberadamente, pois a jovem acreditava que jamais existira, até então, uma mulher capturada em todos os seus pensamentos. Se ela conseguisse fazer isso, seu livro destacar-se-ia como o mais interessante.

---

<sup>15</sup> Ver SAVAGE, J. **A Criação da Juventude: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 19 - 31.

Marie desejava ser uma estrela, significante que extraiu da infância, e não mediria esforços para cumprir esse destino. É justamente neste ponto que Marie foi considerada uma transgressora.

\*

Jesse Pomeroy, jovem americano, ganhou fama em 1874, também pela prática de uma transgressão, embora bem distinta da empreendida por Marie. Ele cometeu dez homicídios, sendo a grande maioria destes contra meninos entre 04 e 08 anos de idade. Todas as suas vítimas foram submetidas a extrema crueldade. Tal como alguns meninos praticam crueldades com insetos e pequenos animais, Pomeroy foi desumano com crianças pequenas, o que lhe valeu o título de “menino demônio”. Ele foi capaz dos mais variados atos de “insensível selvageria”.

Símbolo de maldade, apesar de ter somente 15 anos, foi condenado à pena de morte. À época, na lei não havia uma diferenciação de punição decorrente de crime cometido por criança ou adulto. Pelas definições, Pomeroy era considerado uma criança. Até aquele momento a pessoa mais jovem a ser executada tinha 18 anos. A juventude de Pomeroy e os seus atos geraram uma ampla discussão em relação às leis aplicadas ao público jovem. Isso levou ao adiamento de sua execução e a posterior substituição de sua pena por outra: prisão perpétua na solitária. Ele permaneceu 41 anos isolado da sociedade.

Considerou-se que as definições de idade não eram mais adequadas para o contexto da época. A preocupação em proteger os infratores mais jovens levou à reflexão de que estes não deveriam ter o mesmo tratamento que os adultos. Isto colaborou para a definição de um ponto de corte entre a infância e a idade adulta. Como já mencionado, a década era a de 1870, quando ainda não havia uma definição de adolescência.

\*

Estes dois jovens, ambos considerados transgressores, foram assim caracterizados por razões bastante distintas. Marie adotou uma postura contrária a da que esperava-se de uma jovem de sua época. Logo, foi a revelação do que podia estar encoberto pelos bons costumes, boas maneiras e virtualidade dos jovens que fez dela uma transgressora. A transgressão desta jovem, portanto, não se refere à infração da lei jurídica estabelecida. Trata-se sim de uma transgressão em relação ao saber instituído. A algo que fratura a relação com o tempo presente.

A relação entre saber e tempo na transgressão é algo que os atos adolescentes colocam em evidência em cada época. Como os poetas, considera-se também que os jovens estão sempre a frente de seu tempo, por sua “maneira autêntica de ser e estar no mundo”

(SANTIAGO, 2015, p. 21). O choque de gerações é inevitável neste momento da vida, pois, para conseguirem incluir-se no mundo dos adultos, os adolescentes precisam construir o seu próprio saber. Este saber, que representa a instituição do novo, é visto pelos adultos como algo ameaçador. Isso porque “à medida que rompem com as tradições e ideais consolidados em épocas passadas, o não conhecido é tido como algo indesejável, que deve ser controlado e eliminado” (p. 21).

O diário de Marie traz à tona esta diferença entre as gerações. Existia uma forma da sociedade estabelecer as relações e Marie rompe com esta tradição ao questionar os ideais e os costumes da época. Ela não só revela os seus pensamentos como também nos dá testemunho do seu modo de estar no mundo.

Assim como o diário desta jovem, temos, por exemplo, as obras de André Gide, Jean Genet, Arthur Rimbaud, entre outros escritores. Eles também, com a vivacidade da juventude, ousaram fazer de uma forma diferente do estabelecido em sua época. Outro exemplo são os movimentos artísticos, tais como: o rock’n roll, o rap, a dança de rua, o funk, o graffite, entre outros. Estes movimentos, inicialmente considerados práticas marginais, foram incorporados à sociedade como arte. Seguindo esta mesma lógica, temos a moda introduzida pelos jovens, por meio de roupas subversivas, cabelos extravagantes, tatuagens e piercings.

A partir do que Hall nos apresenta, essas situações e as que envolvem a jovem Marie podem ser consideradas como transgressões que fazem parte do “tempo normal” de separação, vivido pelo adolescente. Já no caso de Pomeroy, além de ser uma transgressão notoriamente da ordem da infração da lei jurídica, trata-se de uma forma particular de transgressão na medida em que o ato infracional parece desempenhar um papel central para o adolescente. Neste caso, o ato apresenta-se como uma certa resolução de suas perturbações. Trata-se de um tipo específico de transgressão em que o ato tem um estatuto de sintoma.

Embora não tenha sido o caso de Pomeroy, é comum entre os adolescentes de hoje em dia, que cometem transgressões deste tipo, a inserção prévia em uma dinâmica criminal. Ou seja, eles começam cometendo infrações do tipo: tráfico de drogas, roubo e porte ilegal de armas, e depois também homicídio e latrocínio.

\*

Uma terceira modalidade de transgressão, também recorrente entre jovens, refere-se a infrações menos gravosas, que podem ser consideradas como violações de regras ou mesmo leis. Mas, neste último caso, trata-se de contravenções penais ou de crimes de menor potencial

ofensivo<sup>16</sup>. Exemplos dessas transgressões de leis ou regras são os atos de falsificação de carteira de identidade, condução de veículos sem habilitação, pequenos furtos, pichações, brigas, consumo de drogas, desrespeito aos pais, professores e outras autoridades, evasão escolar, dentre as mais frequentes.

Não é possível descrever a incidência desta modalidade de transgressão pelo fato de, muitas vezes, estes atos não gerarem processos jurídicos, mas eles fazem parte do dia a dia dos adolescentes.

\*

Dos três tipos de transgressões destacados, os que se referem ao saber e aos atos de menor gravidade não geram grandes problemas para a sociedade. Referem-se àquelas transgressões que estão postas para todos os adolescentes, em menor ou maior grau. Isto é, escrever um diário que vai contra as normas da sociedade da época, ter comportamentos subversivos, cometer pequenos furtos, usar drogas, falsificar documentos, dentre outros exemplos, podem ser consideradas transgressões que contribuem para reafirmar o “período da adolescência”, definido por Hall. Elas também fazem parte do “estado intermediário” entre a infância e a vida adulta e que, inclusive, é abordado por vários autores de diferentes maneiras.

Como vimos com Miller (1996), o que é nomeado de “período da adolescência” é compreendido como uma construção. E a tendência dos teóricos na atualidade é de desconstruir os discursos. Porém, no caso das infrações mais gravosas não há como desconstruir. Este tipo de transgressão permanece como um problema de incidência, ou seja, os atos infracionais praticados por adolescentes envolvidos na dinâmica criminal perturbam a ordem social, gerando consequências graves para o adolescente e para a sociedade.

Dentre elas, destacam-se os altos índices de homicídios nesta faixa etária. Os dados nos mostram que eles são a causa da maioria das mortes de adolescentes no Brasil. De acordo com o *Mapa da violência 2015*<sup>17</sup>, em 2013, no país, ocorreram 7.643 homicídios contra adolescentes entre 12 e 18 anos de idade. Este número é bem mais alto do que a soma das demais causas externas de morte nesta mesma faixa etária, que é de 5.849. O número de homicídio é até mesmo superior a todas as causas naturais, que somam 6.276. Por isso, o crime violento envolvendo os adolescentes configura-se hoje no país como um grave fenômeno social.

---

<sup>16</sup> De acordo com o artigo 61 da Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995, que dispõe sobre os Juizados Especiais Cíveis e Criminais e dá outras providências, “consideram-se infrações penais de menor potencial ofensivo, para os efeitos desta Lei, as contravenções penais e os crimes a que a lei comine pena máxima não superior a 2 (dois) anos, cumulada ou não com multa”.

<sup>17</sup> VER: *Mapa da violência 2015 – Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil*. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015\\_adolescentes.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015_adolescentes.pdf)>. Acesso: 26/12/2016.

Portanto, a nossa pesquisa foca na análise dessa modalidade específica de transgressão, cuja consequência é mais gravosa e que pode ser considerada da ordem do sintoma. Mas, antes de avançarmos nesta discussão, alguns dados serão apresentados que demonstram a incidência deste tipo de transgressão na adolescência e atualizam a discussão iniciada por Stanley Hall (1906).

### **1.3. Prática infracional de adolescentes no Brasil: incidência e dinâmica**

Na virada do século XIX para o XX, curiosamente, assim como na época da Revolução Industrial, em que a sociedade passava por importantes mudanças, uma série de transformações ocorreu no Brasil. Dentre elas: a abolição da escravatura, a migração da população do interior do país para os grandes centros urbanos, o aumento acelerado da população brasileira decorrente da grande imigração estrangeira, a reconfiguração da dinâmica econômica, entre outras<sup>18</sup>. Essas transformações, que levaram a um reordenamento das relações sociais, tiveram consequências sobre as transgressões dos adolescentes. Não é por acaso que o adolescente infrator começou a tornar-se uma preocupação no país. Diante disso, em 1927, criou-se a primeira legislação específica para o adolescente<sup>19</sup>. Até então esse público recebia o mesmo tratamento do adulto.

No final do século XX, o problema do envolvimento do adolescente com a criminalidade agravou-se. Ele contribuiu para o grande crescimento das taxas de crimes violentos no Brasil, principalmente o homicídio.

A partir da década de 80 o país passou a apresentar uma das maiores taxas de crimes violentos do mundo<sup>20</sup>. Entre os anos de 1980 e 2011, mais de 1,1 milhão de pessoas foram assassinadas no país. Isso significa que, em média, nestes 32 anos uma pessoa foi morta a cada 15 minutos. Esse número é superior aos dos maiores conflitos armados do mundo e faz com que o Brasil esteja entre os países mais violentos. Quando calculamos os dados por taxa de homicídio, que corresponde ao número de mortes por ano em relação ao número de habitantes nesse mesmo período, constatamos que o Brasil saltou de 11,7 homicídios por 100

---

<sup>18</sup> VER: <[http://www.pppe.ufpr.br/teses/teses/D09\\_larocca3.pdf](http://www.pppe.ufpr.br/teses/teses/D09_larocca3.pdf)>.

<sup>19</sup> Esta questão jurídica será desenvolvida no subtítulo 1.5 deste capítulo.

<sup>20</sup> ZILLI, L.F.; BEATO, C. Gangues juvenis, grupos armados e estruturação de atividades criminosas na Região Metropolitana de Belo Horizonte". In: Dilemas, Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Rio de Janeiro: Edição Especial n 1, 2015, p. 73-110. Disponível em: <<http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/DILEMAS-E1-Art3.pdf>> Acesso em 21/10/16.

mil habitantes, em 1980, para 27,1 homicídios por 100 mil habitantes<sup>21</sup>, em 2011. Um crescimento bruto de aproximadamente 130% de homicídios.

No que se refere aos jovens entre 15 e 29<sup>22</sup>, o *Mapa da violência 2014*<sup>23</sup> traz números aterrorizantes de homicídios nesta faixa etária. Em 2011, uma média de 75 jovens foram mortos por dia no país. Isso significa que ocorreram 27.471 homicídios contra jovens no referido ano, dentro de um total de 52.198 registros, o que representa quase 53% do total de homicídios. Este dado por si só já é alto, mas, ao comparamos com o percentual da população jovem do país, conseguimos ter a real dimensão do problema. Enquanto 53% dos homicídios foram contra jovens, estes representam somente 27% da população total do Brasil. Isso demonstra a desproporcionalidade existente entre o número de jovens e o número de homicídios nesta faixa etária.

Outro estudo, o *Mapa da violência 2015*<sup>24</sup>, apresenta-nos dados específicos sobre homicídios na adolescência, principalmente contra os adolescentes de 16 e 17 anos. Quando se analisa a evolução histórica do número de mortes vemos que esta faixa etária foi responsável pela elevação dos dados de homicídio na adolescência. Enquanto, por exemplo, em 1980 foram assassinados 506 adolescentes de 16 e 17 anos, em 2013 este número saltou para 3.749. Um inacreditável aumento de 640,9%.

Os adolescentes vítimas e autores de homicídios em sua maioria são do sexo masculino, pardos ou negros, com baixa escolaridade, baixa renda, moradores de favelas, envolvidos em conflitos estritamente localizados e territorializados, sendo o crime cometido com uso de armas de fogo<sup>25</sup>.

A morte desse público decorre, principalmente, do envolvimento na dinâmica criminal. Ela provém de conflitos de gangues por estabelecimento de território, por consolidação de poder local, por desentendimentos internos entre seus membros ou por outras disputas decorrentes da dinâmica criminal. As gangues de jovens, muitas vezes formadas e

---

<sup>21</sup> 40% dos países têm taxas inferiores a 03 homicídios por 100 mil habitantes.

<sup>22</sup> No âmbito da legislação brasileira, o Estatuto da Criança e da Adolescência (ECA) define como adolescente aquele que tem idade entre 12 e 18 anos incompletos e o Estatuto da Juventude define como jovem aquele que tem entre 15 e 29 anos. Os dados estatísticos referentes à juventude nos interessam por abarcar a faixa etária definida como adolescência.

<sup>23</sup> Mapa da violência 2014 – Juventude Viva, os jovens do Brasil. Disponível em <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf)>. Acesso em 24/12/2016.

<sup>24</sup> VER: *Mapa da violência 2015* – Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015\\_adolescentes.php](http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_adolescentes.php)>. Acesso: 26/12/2016.

<sup>25</sup> VER: ZILLI, L.F.; BEATO, C. Gangues juvenis, grupos armados e estruturação de atividades criminosas na Região Metropolitana de Belo Horizonte”. In: Dilemas, Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Rio de Janeiro: Edição Especial n 1, 2015, p. 73-110. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7317/5896>> Acesso em 21/10/16.

sustentadas a partir do tráfico de drogas, significam um complexo e grave problema no Brasil no que se refere à criminalidade juvenil.

O filme *Cidade de Deus*<sup>26</sup> ilustra bem uma relação conflituosa dentro de um território dominado por gangues e pelo tráfico de drogas. Nele, muitas pessoas são mortas pelos motivos citados acima. Diante das várias cenas impactantes, destacamos, especificamente, uma das últimas do filme. Precisamente, o momento em que um grupo de meninos, que aparenta ter de 10 a 12 anos de idade, encontra com o chefe da boca<sup>27</sup> para quem eles cometiam assaltos. Antes mesmo do chefe dar as ordens para o próximo trabalho, em uníssono os meninos gritam “quem disse que a boca é sua?”, e executam com vários tiros o referido chefe, vingando a morte de um amigo. Em seguida eles comemoram gritando: “A boca é nossa!!!”. Essa cena objetiva mostrar a repetição da violência que ocorre nas gangues, seguindo um mesmo padrão. Vê-se como ocorre a sucessão de chefes e a modalidade do surgimento de um novo conflito entre os jovens.

Desde a época de Hall muita coisa mudou. No século XIX o roubo era o crime de maior incidência entre os adolescentes nos EUA e na Europa. Os altos índices de homicídios eram registrados entre os adultos. Isso contrasta com o contexto brasileiro atual na medida em que o tráfico de drogas tem despontado como a prática criminosa mais recorrente entre os adolescentes no país, superando, inclusive, a ocorrência do roubo<sup>28</sup>. Além disso, os homicídios têm atingido números alarmantes entre os adolescentes.

De forma geral, os dados sobre a incidência de atos infracionais na adolescência nos indicam um fenômeno característico da adolescência de nossa época. Antes, como vimos com Hall, a sociedade pós Revolução Industrial estava dedicada à educação moral de seus adolescentes para torná-los produtivos. Hoje estamos diante de uma massa de jovens que, além de não fazerem parte do projeto de sociedade da época, fizeram da prática criminosa um modo de vida.

---

<sup>26</sup> Filme brasileiro, dirigido por Fernando Meirelles, 2002. Trata-se de uma adaptação roteirizada do livro homônimo ao filme, escrito por Paulo Lins. O filme retrata o crescimento do crime organizado na favela homônima, localizada na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>27</sup> Refere-se a boca de fumo, local onde é gerenciado o comércio de drogas ilícitas, tais como maconha, cocaína, crack, etc.

<sup>28</sup> Em 2014, das 9.106 apreensões de adolescentes em Belo Horizonte, o tráfico de drogas representou 25%, o roubo 15,66%, o uso de drogas 11,45% e o furto 8,83%. Dos adolescentes (entre 12 e 18 anos incompletos) apreendidos, 87,94% eram do sexo masculino e 12,06% do sexo feminino, sendo que a grande maioria, 79,65%, tinha entre 15 e 17 anos de idade. VER: TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS. Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional. Dados Estatísticos 2014. Belo Horizonte: TJMG, Abril/2015. Disponível em: <<http://www.tjmg.jus.br/ejef/noticias/cia-bh-divulga-balanco-de-2014.htm#.VkpDOHgVmOM>>. Acesso em: 10/11/2015.



Como podemos investigar, para além das estatísticas, esta adesão ao tráfico e ao roubo, que se configuram na atualidade como principais formas de transgressão na adolescência? A proposta deste trabalho é investigar este ponto junto aos próprios adolescentes autores de atos infracionais. Antes disso, interessa-nos repertoriar algumas das explicações já apresentadas por outros autores e estudos que se baseiam nos discursos da psiquiatria e do direito, sobretudo.

#### **1.4. Delinquência juvenil e transtorno de conduta: diagnósticos da transgressão na adolescência**

Para a psiquiatria a transgressão na adolescência é considerada uma patologia. Deve-se ressaltar, contudo, que o que é patológico em uma época pode não ser em uma outra. Nos anos 60, de acordo com o Manual de Psiquiatria Infantil, de Ajuriaguerra (1970), a transgressão na adolescência era chamada de *delinquência juvenil* ou *conduta antissocial*.

Nesse Manual, especificamente no capítulo intitulado “A criança, o adolescente e a sociedade”, encontramos descrições dos atos cometidos por estes indivíduos, que são explicados de tal modo que podem ser considerados como transgressões.

Ajuriaguerra (1970) faz uma leitura clínica sobre a transgressão, que é compreendida a partir de fatores biológicos, sociais, familiares e da personalidade do delinquente. A sua leitura sobre a adolescência é bastante convergente com o que foi proposto por Hall, principalmente no que concerne a relação com a autoridade e com o contexto da época.

Para Ajuriaguerra (1970) a adolescência é uma época específica da vida em que há uma recusa, por parte do adolescente, das imposições dos adultos. Principalmente uma oposição aos papéis pré-estabelecidos. O grupo passa a ser um lugar privilegiado para a busca de uma identidade e a transgressão se apresenta como uma forma de manifestação da diferença em relação ao adulto.

O autor se ocupa de alguns tipos de transgressões, especificamente no que concerne aos atos delinquentes cometidos na adolescência, tais como o roubo, a agressão física, os delitos sexuais, a fuga, a vadiagem e a toxicomania.

Ele aborda o que chamou de uma “adolescência inadaptada” utilizando as classificações: personalidade incomum, psicopata, personalidade dissocial, distúrbio do caráter e do comportamento e delinquência infanto-juvenil. Em sua construção teórica o autor deixa claro que nem todos os inadaptados são delinquentes, tratando-se apenas de um caso específico dentro desta categoria. Para ele não existe uma definição clara sobre a delinquência

juvenil, tratando-se de uma “noção artificial de caráter jurídico, social e moral” (AJURIAGUERRA, 1970, p. 879).

Apesar de abordar a ideia de transgressão no discurso jurídico e sociológico, o autor afirma que, para a psiquiatria, não basta a constatação do ato, é preciso compreender as motivações daquele que o cometeu e o contexto psicossocial. Neste sentido, Ajuriaguerra se refere à influência do meio familiar na delinquência, apontando que, se este meio é saudável, os filhos estão imunes a este distúrbio.

Ele analisa o contexto familiar a partir do modo como se estruturam os papéis do par parental. Sobre o pai, ele reconhece que à época ele não tinha mais o mesmo valor por ter se demitido de sua função. Isso parece ter consequências diretas sobre o papel da mãe quanto à prevenção da delinquência do filho.

A hipótese do autor é que o mais importante não é se a mãe é rejeitadora, superprotetora ou rígida com o filho. Ele diz: “O que parece influir mais efetivamente é o lado não assegurador da mãe – a própria mãe sofrendo de insegurança, carecendo de apoios suficientes por parte do cônjuge” (p. 883). Ou seja, o que decide a influência da mãe na delinquência do filho não é o modo como ela o trata, mas a interferência que o pai tem sobre ela. Se o pai não dá suporte à mãe, isso cria problemas para a relação dela com o filho, o que pode ser um fator determinante para a prática da delinquência. Mais à frente, retomaremos esta discussão ao tratarmos do lugar que a mãe ocupa na vivência transgressora dos adolescentes.

Por outro lado, na atualidade temos como referência na psiquiatria o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5<sup>29</sup> (2014). Ao contrário do Manual de Ajuriaguerra (1970), o DSM-5 não traz contribuições clínicas sobre a transgressão. Ele apenas explicita a tendência atual em criar critérios e enquadrar os indivíduos. Assistimos a uma patologização dos comportamentos sob a justificativa de prevenir os futuros delinquentes.

No DSM estão catalogados todos os transtornos mentais e a forma de tratá-los, sendo que em cada nova edição novas patologias são criadas. O transtorno que pode ser considerado como transgressão é o nomeado de *transtorno de conduta*, presente no DSM desde 1980. Esse transtorno se caracteriza por ser um “padrão de comportamento repetitivo e persistente no qual são violados direitos básicos de outras pessoas ou normas ou regras sociais relevantes e apropriadas para a idade” (DSM, 2014, p. 472).

---

<sup>29</sup> O DSM é uma publicação da Associação Americana de Psiquiatria, que teve sua primeira edição em 1952. Ele está em sua quinta edição, lançada em 2013, nos Estados Unidos.

O DSM-05 (2014) define quatro grupos principais, denominados: *agressão a pessoas ou animais, destruição de propriedade, falsidade ou furto e violação grave de regras*. Dentro de cada um desses grupos há a descrição de comportamentos típicos, somando um total de 15 comportamentos. Para ser diagnosticado como tendo transtorno de conduta é preciso identificar na pessoa a presença de três ou mais destes comportamentos nos últimos 12 meses, com pelo menos um dos comportamentos presentes nos últimos seis meses.

O manual considera que as pessoas com este tipo de transtorno, em geral, iniciam comportamentos agressivos ou reagem agressivamente a determinadas situações. Dentre os comportamentos típicos citados estão: falsificar, destruir propriedade, furtar, roubar, fazer provocações e ameaças, iniciar brigas físicas, utilizar armas (faca, arma de fogo, bastão, etc.), ser fisicamente cruel com pessoas ou animais, estuprar, agredir ou mesmo cometer homicídio, sendo este último descrito como casos raros (DSM, 2014, p. 472). Vale ressaltar que se considera também violações de normas (da escola, de casa, etc.) como comportamentos possíveis dos indivíduos com transtorno de conduta (p. 473). Para o DSM-05 é comum que pessoas com este tipo de transtorno enfrentem problemas com o sistema de justiça criminal.

Os sintomas referentes a este transtorno geralmente surgem na infância ou na adolescência, sendo que “o tipo com início precoce é um preditor de pior prognóstico e de risco aumentado para comportamento criminal” (p. 473). Acredita-se que o transtorno com início na infância tende a persistir na vida adulta. Já o com início na adolescência é menos propenso a ter comportamentos agressivos.

Esta dissociação entre a transgressão e a adolescência rompe com as referências discutidas nesta pesquisa até então. Essa perspectiva de um diagnóstico sem clínica gera algumas dificuldades, dentre as quais destacaremos duas.

Primeiro ponto: sobre o conceito de adolescência. No Manual de Psiquiatria de Ajuriaguerra (1970), assim como na obra de Hall (1906), a adolescência está destacada como um momento específico da vida, a partir do qual, inclusive, estes autores abordam o tema da transgressão. O DSM-5 (2014), ao contrário, faz desaparecer essa referência exclusiva à adolescência. Por consequência, ele aborda a transgressão de modo indiscriminado, sem considerar as especificidades de sua ocorrência em cada momento da vida. Há uma ruptura com o fundamento desenvolvimentista que serviu de alicerce às elaborações de Hall (1906).

Trata-se também de uma dissolução do referencial clínico que conduziu a abordagem de Ajuriaguerra (1970). O que temos no DSM é uma medicina baseada em evidências, que faz uma avaliação objetiva. Ele padroniza e busca causas biológicas para os comportamentos tidos pela sociedade como “desviantes”. Não é por acaso que a terminologia “delinquência

juvenil” não é utilizada e tampouco há referência à palavra “transgressão”, diferente do que pôde ser observado em Ajuriaguerra (1970).

Segundo ponto: sobre a noção de patologia. O documentário *A infância sob controle*<sup>30</sup> apresenta uma visão crítica e ilustra bem este novo discurso psiquiátrico, que elimina a subjetividade. No documentário, os defensores da patologização dos comportamentos sustentam a ideia de que é possível prevenir a criminalidade por meio de uma intervenção sobre a criança. Isso evitaria o aparecimento da delinquência. Um deles, logo no início do documentário, lança a pergunta: “como crianças lindas tornam-se adultos violentos?”.

Estes especialistas buscam identificar em crianças, cada vez mais novas, os “germes da delinquência”, para, posteriormente, combatê-los. A partir de métodos científicos, busca-se definir o que é normal e o que é patológico. Ao aumentar as patologias em cada nova edição do DSM, diminui-se o limiar entre o normal e o patológico e, conseqüentemente, aumenta a possibilidade de uma pessoa ser diagnosticada com algum transtorno.

Apesar do DSM-05 (2014) sustentar que os critérios apresentados são de ordem médica, profissionais ouvidos no documentário contradizem isso. Eles afirmam que se tratam de critérios morais, sociais e políticos. E ainda destacam que há uma tendência à medicalização de comportamentos delinquentes e que apresentam uma ameaça à sociedade.

Por fim, o campo da psiquiatria nos permite evidenciar a diferença entre dois discursos: um clínico, que apresenta uma dinâmica das relações entre a mãe, o pai, a criança e o adolescente, e outro que elenca somente comportamentos e atitudes. Interessa-nos desenvolver um trabalho privilegiando a perspectiva clínica. A proposta é sair do campo meramente do comportamento observável e, a partir dos dados e discursos contemporâneos, tentar encontrar uma dinâmica clínica. Diante disso, mostra-se relevante localizarmos, na atualidade, o que se encontra definido na lei sobre as transgressões na adolescência.

### **1.5. Ato infracional: a transgressão na adolescência inscrita na lei**

As primeiras legislações que abordaram a transgressão na adolescência, no Brasil, se alicerçaram em fundamentos morais que refletiam os valores da sociedade da época. A primeira regulamentação específica sobre a adolescência no Brasil foi em 1927, com o

---

<sup>30</sup> Documentário francês, dirigido por Marie-Pierre Jaury, 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tcELUuqx1w4>> . Acesso em: 05/02/2017.

Código de Menores<sup>31</sup>, que vigorou até 1979 e possuía um capítulo específico sobre a transgressão no viés do direito, intitulado *Dos menores delinquentes*.

O adolescente daquela época era nomeado de “menor” e a transgressão chamada de “delinquência”. Estes indivíduos eram tidos como pervertidos ou em perigo de o ser. Os abandonados também se encontravam confundidos com os delinquentes, ao serem todos considerados menores em situação irregular. Cabia ao Estado intervir de forma tutelar e repressora junto aos carentes, abandonados, inadaptados e infratores. A ideia de transgressão era sustentada por uma relação entre abandono, pobreza e marginalidade.

Nesta concepção, a definição de transgressão e a sua classificação quanto à gravidade levava em conta, além da natureza e das circunstâncias da infração, as condições pessoais do adolescente. Fundamentado na personalidade moral, buscava-se analisar se se tratava de “indivíduo perigoso pelo seu estado de perversão moral” (BRASIL, 1927) e objetivava-se a sua regeneração.

Em 1979 esta lei foi revogada e entrou em vigor a Lei 6.697, que instituiu o novo Código de Menores. Esse Código teve como grande mudança a inserção da doutrina da proteção integral, mas manteve o paradigma do menor em situação irregular. Dentre as situações irregulares previstas estava o adolescente com desvio de conduta, em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária, e o autor de infração penal. Neste contexto, manteve-se a nomenclatura menor, mas o termo “delinquência” deixou de ser utilizado.

Quando da suspeita de uma infração, para a avaliação e a aplicação das punições cabíveis, além da análise da personalidade do adolescente e seus antecedentes, passaram a ser considerados os motivos e as circunstâncias da ação. Já os adolescentes abandonados, apesar de não serem considerados infratores, eram encaminhados para internatos, junto com os infratores, pelo fato de ameaçarem a ordem pública.

Diferente das legislações anteriores, em 1990 entrou em vigor a Lei nº 8.069, chamada de Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Essa lei rompeu com os princípios, até então concebidos, havendo a substituição da doutrina da situação irregular pela doutrina da proteção integral da criança e do adolescente. Essa nova doutrina sustenta-se em uma concepção do adolescente como pessoa em condição peculiar de desenvolvimento, o que aproxima a legislação brasileira da perspectiva desenvolvimentista proposta por Hall (1906). O autor

---

<sup>31</sup> Este código era também chamado de *Código Mello Mattos*, em homenagem ao autor do projeto, o dr. José Cândido de Albuquerque Mello Mattos, que foi o primeiro Juiz da Infância e Juventude do Brasil, tendo sido nomeado em 1924.

defendia que o crime juvenil era resultado de um desenvolvimento insuficiente que afasta o adolescente da cultura e ressalta seus impulsos naturais.

A mudança da lei aborda o adolescente como merecedor de proteção da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público. O adolescente passa de mero objeto de intervenção do Estado para sujeito de direito. Isso implica serem respeitados todos os direitos fundamentais<sup>32</sup> inerentes à pessoa humana. Mas também os direitos inerentes a qualquer cidadão, inclusive ao que venha a praticar alguma infração à lei.

Nestas circunstâncias, o ato infracional passa a ser apurado com base no Sistema de Garantias, tendo assegurado o devido processo legal, como: igualdade na relação processual, ampla defesa e contraditório, defesa técnica por advogado, proporcionalidade e presunção de inocência. A infração à lei passa a ser designada como “ato infracional”, sendo este entendido como conduta tipificada como crime ou contravenção penal. O uso desta terminologia própria – ato infracional – busca exaltar a diferenciação do tratamento que se deve dar ao adolescente, distinguindo-o do tratamento penal ao crime.

Isso implica em uma mudança na noção de transgressão da legislação brasileira voltada para o adolescente. O sujeito deixa de ser julgado por sua situação irregular e passa a sê-lo de acordo com o devido processo legal. A decisão não está mais sustentada nas características e na personalidade do adolescente. Ao contrário, restringe-se à decisão processual sobre o ato cometido. Funda-se uma justiça juvenil e, com isso, a transgressão restringe-se ao conceito de crime, separando-se, em outra esfera do direito, os adolescentes pobres ou abandonados.

Outra mudança de concepção que o ECA trouxe foi a extinção da nomenclatura “menor” como maneira de designar aqueles menores de 18 anos. Com isso, o ECA inaugura uma noção clara de adolescência distinta da infância. Passam a ser designados como criança os que têm até 12 anos incompletos e como adolescente entre 12 e 18 anos incompletos.

Nas legislações anteriores, tanto a criança quanto o adolescente, independente de terem cometido atos infracionais, terem sido abandonados ou serem pobres, como vimos anteriormente, recebiam o mesmo tratamento e iam para o mesmo tipo de instituição. O ECA faz uma precisa distinção entre estes dois públicos. À criança são aplicadas exclusivamente as medidas protetivas<sup>33</sup>, mesmo que tenha cometido algum ato infracional. Ao adolescente

---

<sup>32</sup> Conforme o artigo 3º do ECA, os direitos fundamentais se referem à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.

<sup>33</sup> Conforme o ECA, as medidas protetivas são aplicáveis sempre que os direitos das crianças e dos adolescentes foram violados ou ameaçados. A responsabilidade incide sobre os pais, que devem viabilizar o seu cumprimento. São medidas previstas: I – encaminhamento aos pais ou responsável, mediante termo de responsabilidade; II – orientação, apoio e acompanhamento temporários; III – matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento oficial de ensino fundamental;

também podem ser aplicadas as medidas protetivas, caso tenha tido algum direito violado, mas, na esfera infracional, o tratamento se difere.

O adolescente que transgrediu a lei é chamado de “autor de ato infracional”. A lei prevê que esse adolescente não sofrerá as consequências jurídicas de natureza penal. Ou seja, os menores de 18 anos são penalmente inimputáveis devido à sua condição peculiar de desenvolvimento. Entretanto, isso não significa que eles ficam impunes. Eles respondem de forma diferenciada, por meio das medidas socioeducativas<sup>34</sup>.

No Brasil, em 2013, havia 89,7 mil adolescentes cumprindo medidas socioeducativas em meio aberto e 23,1 mil em medidas restritivas ou privativas de liberdade. Dos que cumpriam a internação, 95% eram do sexo masculino, a maioria tinha o ensino fundamental incompleto e mais de 50% não frequentavam a escola quando cometeram o ato infracional<sup>35</sup>.

A medida socioeducativa se distingue da pena principalmente pela finalidade. É uma modalidade sancionatória diferenciada, pois a ênfase do que é imposto pela justiça não está colocada sobre as restrições ou coerções, mas sobre a finalidade educativa da medida. Esta sanção judicial obriga o adolescente a responder pelo que se consideram os eixos fundamentais de seu desenvolvimento: convivência familiar, educação escolar e formação profissional. Estes eixos servem de parâmetro para o trabalho socioeducativo com o adolescente. Trata-se de considerar que a transgressão na adolescência deve ser abordada a partir de um projeto educativo que visa, por meio da garantia do acesso a direitos, reestabelecer os laços do adolescente com a sociedade.

Essa proposta parece se alinhar à perspectiva sustentada por Hall (1906) para o tratamento da delinquência juvenil. Ele considera o crime na adolescência como resultado de uma “falha educacional” e a educação a via para a “reforma moral” dessa dificuldade no desenvolvimento.

Na atualidade, contudo, o discurso securitário tem ganhado força. Isso tem feito com que medidas de segurança sejam tomadas no campo político, justificadas, inicialmente, como

---

IV – inclusão em programa comunitário ou oficial de auxílio à família, à criança e ao adolescente; V – requisição de tratamento médico, psicológico ou psiquiátrico, em regime hospitalar ou ambulatorial; VI – inclusão em programa oficial ou comunitário de auxílio, orientação e tratamento a alcoólatras e toxicômanos; VII – abrigo em entidade; VIII – colocação em família substituta.

<sup>34</sup> Conforme previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), as medidas socioeducativas são respostas jurídicas imputadas aos adolescentes que cometeram atos infracionais, sendo elas: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviço à comunidade (PSC), liberdade assistida (LA), semiliberdade e internação em estabelecimento educacional. A PSC e a LA são consideradas medidas em meio aberto, enquanto que a semiliberdade e a internação são restritivas e privativas de liberdade, respectivamente.

<sup>35</sup> Ver dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2015). In: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=25621&catid=192&Itemid=>](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=25621&catid=192&Itemid=>)> Acesso em: 18/02/16.

preventivas e em prol do controle social. Este discurso afeta todas as áreas de nossa sociedade, principalmente o campo do direito. Não é por acaso que o tema da redução da maioridade penal tem ganhado força em nosso país. Vários projetos de lei, que propõem a modificação da legislação para adolescentes autores de atos infracionais, têm tramitado no legislativo e movimentado discussões sobre este tema em diversos setores da sociedade.

Essa discussão de cunho social e moral demonstra uma crença de que a mudança na legislação teria impactos positivos no cometimento de atos infracionais pelos adolescentes. Esta ideia é disseminada mesmo não havendo argumentos ou estudos técnicos e, tampouco, experiências que comprovem esta hipótese e que justifiquem tal mudança na legislação.

Um dos pontos da proposta demonstra uma tendência a desconsiderar a adolescência como um momento específico da vida, ao buscar igualar, por exemplo, os que têm mais de 16 anos aos adultos. Com isso, propõe-se o mesmo tratamento: o cumprimento de pena no sistema prisional.

Essa ideia se contrapõe à construção de Hall (1906), que sustenta a diferenciação entre o adolescente e o adulto, apontando o primeiro como mais “suscetível a influências reformadoras” pelas peculiaridades desta etapa do desenvolvimento. Contrário a isso, entende-se que não há motivos para diferenciar o adolescente do adulto. Principalmente quando se trata de crimes graves que contaram com a participação de adolescentes e com grande repercussão na mídia. Fomenta-se a ideia de que os adolescentes permanecem impunes perante a lei e que, com isso, representam uma ameaça à sociedade.

Se o DSM (2014) e a proposta de redução da maioridade penal promovem uma dissolução da adolescência é exatamente porque esta se trata de uma construção, um artifício de sentido. Contudo, como já dissemos, uma construção é um meio para dar conta do que não é traduzível em termos de saber, mas que é justamente o que irá persistir em se manifestar. Se a adolescência é uma construção é porque ela vem recobrir um furo do saber na experiência da puberdade. Neste sentido, ela é um impasse a ser extinto para discursos que pretendem traduzir toda experiência humana em um saber preestabelecido.

Porém, se os discursos que a sociedade promove abdicam de circunscrever a puberdade em sua estrutura, isso não irá impedir que este momento demarcado da vida persista em se manifestar e perturbar a ordem social vigente. Como experiência, ela irá perdurar, enquanto os discursos serão substituídos a cada geração.

Se estamos tratando de um tema que se avizinha ao que está excluído do discurso instituído, é exatamente daí que podemos extrair o material clínico que nos permita conduzir uma prática. Portanto, continuamos a falar de adolescentes.



## 2. PARA UMA CLÍNICA DA TRANSGRESSÃO NA ADOLESCÊNCIA

### 2.1. O transgressor em foco

Se a transgressão na adolescência pode apresentar alguma relação causal com a mãe do autor do ato transgressor esta hipótese foi extraída da análise dos casos de adolescentes que cumpriam medida socioeducativa. Foi o que se destacou da experiência de trabalho em duas políticas públicas que atendem adolescentes autores de atos infracionais. Uma como psicóloga do Programa Liberdade Assistida<sup>36</sup>, realizando atendimentos clínicos, e a outra como diretora de um centro socioeducativo<sup>37</sup>, realizando supervisões clínicas e atendimentos clínicos, assim como participando de discussões de casos com a equipe de atendimento e de atividades com os adolescentes.

Neste contexto, chamava a atenção o lugar distinto reservado às mães por parte da maioria dos adolescentes. Nas falas destes não era incomum o crime estar justificado em um tributo à mãe. Elogiavam a dedicação delas e demonstravam um sentimento de devoção<sup>38</sup> profunda e de grande admiração.

Por outro lado, qualquer menção que indicasse falta de respeito à mãe era suficiente para gerar conflitos entre os adolescentes. Por exemplo: quando os adolescentes estão em um centro socioeducativo, cumprindo a medida de internação, eles tendem a criar entre eles regras próprias de convivência, às expensas das regras estabelecidas pela instituição. São regras que têm um estatuto de pacto. O seu descumprimento gera punições rigorosas por parte dos adolescentes. Uma delas, que para os adolescentes está entre as mais gravosas, é a proibição de faltar com respeito à mãe de outro interno. Esta regra, quando descumprida, pode levar um adolescente a ser agredido, ameaçado de morte ou morto pelos demais. Esse descumprimento pode acontecer no cotidiano da instituição diante de uma fala de um dos

---

<sup>36</sup> Programa da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, que atende aos adolescentes que cumprem a medida socioeducativa de liberdade assistida.

<sup>37</sup> Centro Socioeducativo de Justinópolis, da Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas do Estado de Minas Gerais, destinados ao atendimento aos adolescentes que cumprem a medida socioeducativa de internação.

<sup>38</sup> A palavra “devoção” tem sua origem na cultura grega e, inicialmente, era usada para se referir a uma forma de piedade dirigida aos pais, sendo, neste contexto, a piedade entendida como amor e respeito. Somente mais tarde a devoção começou a ser empregada no sentido religioso. Ela dizia de uma veneração e de um amor incondicional e absoluto a Deus, à uma imagem ou à uma pessoa religiosa. Atualmente, o seu conceito foi ampliado, deixando de ter um endereçamento somente a figuras religiosas e passando a se referir a um sentimento de amor e de admiração especial de uma pessoa por outra ou por algo. Este sentimento pode ser traduzido no sentido de uma dedicação e de uma entrega absoluta. Retirado dos sites: <<http://queconceito.com.br/devocao>> e <<http://conceito.de/devocao#ixzz41D2r3CFL>>. Acesso em 25/02/2016.

adolescentes que faça referência à mãe de outro e que seja interpretada como desrespeitosa. Ou por meio de atitudes, que também sejam consideradas desrespeito, cometidas diretamente com a mãe de algum deles, durante a sua presença na instituição para a visita familiar que acontece semanalmente em espaços coletivos.

No centro socioeducativo as demonstrações de carinho às mães eram constantes. Nos dias de visita, em alguns casos, observava-se uma relação muito próxima entre mãe e filho, o que para um observador desavisado poderia passar por um relacionamento amoroso, um casal de namorados.

Constantemente, os adolescentes falavam de suas mães de forma excessivamente afetiva, como se fossem tudo em suas vidas. Muitas vezes, como já mencionado, justificavam a prática infracional no desejo de ser um provedor para a mãe ou de dar a ela uma vida melhor, uma casa ou mesmo poupar-lhe o fardo do trabalho. Foram afirmações como estas, que eram feitas de forma contundente, que indicaram a hipótese de uma relação entre a adolescência, a transgressão e a mãe.

Apesar de alguns adolescentes relatarem que suas mães não aceitavam o dinheiro advindo de práticas ilícitas, nomeando-o de sujo, outros, ao contrário, relatavam que eles frequentemente ajudavam no sustento da família. Neste último caso, mesmo sabendo que o filho não exercia atividade lícita, a mãe aceitava a contribuição financeira sem questionar a origem dela.

Esta devoção de muitos adolescentes por suas mães não é apenas um fato observável nos jovens da socioeducação. Ela também é evidente em outras manifestações, como, por exemplo, nas tatuagens que os adolescentes cravam em seu corpo. Cifradas geralmente em lugares bem à mostra, como no antebraço, também podem ser encontradas em várias outras partes do corpo, como no peito ou no pescoço. Alguns gravam o nome próprio da mãe, outros a palavra “mãe” e outros ainda escolhem frases em sua homenagem. Uma frase recorrente é: “Amor só de mãe”, algumas vezes complementada por: “o resto é puro ódio”.



Nas manifestações culturais também se observa a devoção destes adolescentes às suas mães. É comum vermos letras de músicas compostas por eles, principalmente de rap e funk, exaltando e declarando o seu amor à mãe. Pode-se citar, a propósito, o grupo “Detentos do Rap”, que produziu um álbum intitulado “Amor... Só de Mãe o Resto é Puro ódio”, em que a principal música se chama: “Amor... Só de mãe”. Esse grupo de rap foi formado por jovens que estavam cumprindo pena em uma das penitenciárias paulistas. O primeiro álbum deles – “Apologia ao crime” –, gravado dentro da prisão, vendeu mais de 30 mil cópias.

Na música “Amor... Só de mãe”<sup>39</sup> destaca-se a mãe como a fonte de um amor infantil, um amor que perduraria por toda a vida como único e absoluto, por quem se deve viver.

[...]  
nela é o único amor é a fonte desde criança  
[...]  
O mundo dá volta e é sempre ela que vai te ajudar,  
por mais que a gente fale de irmão, é só nela que dá pra confiar.  
Compartilha tristeza e alegria pois ninguém é tão fiel assim  
e eu sei o que ela pedi pra ela, é porque jamais vai querer pra ti,  
entende agora vagabundo, porque o amor é só de mãe?  
Viva por ela.

Na música um diálogo com a mãe chama a atenção. Nele o filho fala do seu envolvimento com a criminalidade. A mãe não parece se surpreender e não esboça reação. Uma parceria íntima parece sustentar esta cumplicidade:

[...]  
– alô!  
– alô, filho? É a mãe, onde que “cê” ta?  
– oh mãe, to fazendo um corre com os parceiros que foi preso no assalto ali.  
– assalto? E você como é que “cê” ta?  
– to bem mãe... ai nós foi fazer um corre com a mãe do parceiro ali entendeu?  
Mais é o seguinte, caiu no esquecimento, mais ai, ta preso,  
Mas não ta morto não... ta preso, mas não tá morto não,  
Entendeu?  
– ta bom filho, Deus te acompanhe.

Adiante, a música indica que não importam outras mulheres nem o que o sujeito tem para oferecê-las. O que importa é o sofrimento da mãe, que ele traduz como prova de amor. Um amor que se sustenta no que faz sofrer:

[...]  
Truta agora percebe as pessoas que você deu valor,  
enquanto aquela que merece, implorava pelo seu amor  
do que adiantou as noitadas com as vagabundas que só queriam dinheiro  
quantos mil reais na cena  
mas é só ela que está sofrendo  
bandido reflita na ideia raciocina porque o caminho é constante  
sem liberdade sem aliado mas com amor que é de mãe.

<sup>39</sup>Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/detentos-do-rap/760887/>>. Acesso em: 10/11/2016.

E, por fim, localiza a posição da mãe: torna-se cúmplice da tragédia do filho lá onde ela não quer saber do que se trata:

[...]

– Meu filho? Meu filho é um jovem...Jovem preso em uma cadeira de rodas, pro resto da vida.  
Toda mãe sabe, tampa o sol com a peneira...E eu fui mais uma.

A música aborda o que está em jogo na parceria do filho com a mãe. Ele se dedica absolutamente a viver por ela. E o que ela tem a oferecer a ele? Seu sofrimento, como prova de amor. É nisso que a parceria se constitui, no fato de que o filho que se envolve no crime tem como contrapartida o amor em sofrimento da mãe. Afinal, trata-se realmente de saber o que um tem a oferecer ao outro nessa relação. Além disso, do que a mãe não quer saber na escolha do filho pela prática transgressora? No que se sustenta a cumplicidade da mãe com as escolhas do filho?

Esses são apenas indicativos iniciais de uma investigação a se percorrer. Para investigar essa parceria “em sofrimento”, passemos a uma leitura de depoimentos que se depreendem desta experiência transgressora.

## 2.2. “Meninos do tráfico”: tudo pela minha mãe

A relação entre a transgressão e a mãe também não passou despercebida a dois nomes importantes e influentes do movimento Hip Hop no Brasil: o produtor Celso Athayde<sup>40</sup> e o rapper MV Bill. Ambos nasceram e foram criados em favelas da cidade do Rio de Janeiro e suas trajetórias se cruzam em uma parceira que vai da música ao engajamento político, em um comprometimento com jovens envolvidos com a criminalidade.

Entre as várias parcerias de trabalho, destaca-se o projeto *Falcão*<sup>41</sup>, que durou oito anos e resultou na produção de um documentário intitulado: “Falcão – Meninos do Tráfico” (ATHAYDE; BILL, 2006) e de dois livros, um homônimo ao documentário e o outro com o título: “Falcão – Mulheres e o tráfico” (ATHAYDE; BILL, 2007). Este último surgiu da descoberta feita ao longo do projeto de que as mulheres tinham uma presença marcante na vida dos jovens. Como os próprios autores descreveram, a vida dos *Falcões* estava “visceral e

---

<sup>40</sup> É um produtor de eventos e ativista social brasileiro, especializado em favelas e periferias. Nasceu no Rio de Janeiro, sendo que morou em favelas, abrigos públicos e na rua. Ele é autor de vários livros e fundador da Central Única das Favelas (CUFA), a maior organização não governamental focada nas favelas do Brasil.

<sup>41</sup> Falcão é o nome usado para se referir ao jovem que trabalha para o tráfico de drogas, tendo como função vigiar e proteger a favela de possíveis invasões da polícia ou dos rivais.

integralmente ligada à vida de suas mães, filhas, irmãs, amigas, esposas e namoradas” (ATHAYDE; BILL, 2007, verso do livro).

Para realizar tal projeto, Athayde e MV Bill percorreram favelas das grandes cidades brasileiras e mergulharam no universo destes jovens, recolhendo imagens e depoimentos. O objetivo foi “mostrar, sem cortes ou edições espetaculares, o lado humano destes jovens. Suas razões, suas angústias, suas loucuras, seus sonhos, suas maldades, afabilidades e contradições” (ATHAYDE; BILL, 2006, p. 9).

Mesmo para aqueles que têm larga trajetória neste trabalho com adolescentes autores de atos infracionais em favelas ou centros socioeducativos, as histórias relatadas nos dois livros são impactantes e causam horror. Isso porque expõem a realidade árida e cruel do tráfico de drogas e de tudo que dele se desdobra, principalmente a matança. Dos 17 jovens *falcões* selecionados para o projeto, ao final somente um sobreviveu e se encontrava preso. Ao longo dos oito anos, MV Bill e Athayde presenciaram ou tiveram conhecimento de vários homicídios, sendo muitos deles narrados sem cortes nos dois citados livros.

Nesta dura realidade, as histórias destes jovens, principalmente adolescentes, são contadas por meio de entrevistas conduzidas por MV Bill e Athayde. São também entrevistadas pessoas próximas, dentre elas as mães. Não há relato de entrevistas com os pais. Estes só aparecem em poucos momentos nas falas de alguns dos jovens e de suas mães, que se queixam de sua ausência e manifestam raiva ou indiferença. Sobre esta figura, Athayde nos diz: “o que mais aproximava as histórias deles era a ausência do pai. Isso fazia diferença [...]. A impressão que dá é que a espécie paterna está em extinção” (p. 96-97).

Esta ausência nos remete a um componente social da realidade destas famílias, na atualidade. Cada vez mais elas são do tipo monoparental, estando presente junto aos filhos, frequentemente, apenas a figura materna. Diante da ausência do pai, o que se via nos relatos eram filhos tentando ocupar o lugar de provedores, como, por exemplo, no caso de um dos jovens *falcão*, cujo pai morreu quando ele tinha 6 anos de idade. O jovem afirma que é necessário honrar a família, que ele vai até onde alcançar para dar do bom e do melhor a sua mãe e seus irmãos, para que eles não passem mais por dificuldades.

Sobre sua trajetória na criminalidade, ele relata que aos 11 anos começou a fumar cigarro, aos 12 a fumar maconha e aos 14 a cheirar cocaína, sendo essa última na mesma época em que entrou para a criminalidade. Na ocasião a sua família estava passando pelo que ele chamou de “sufoco” e de “tragédia”: assistia sua mãe saindo todos os dias para trabalhar, ele queria ter coisas que a mãe não conseguia lhe dar e, para completar, o “barraquinho” de madeira onde moravam pegou fogo. O jovem parece vincular a entrada para a criminalidade

com as dificuldades da mãe: o fato desta não ter para lhe dar o que ele queria e as perdas que viveu. Uma mãe marcada por uma falta.

Ele recorda, ainda, que a sua mãe bebia muito. Outra lembrança que destaca como marcante em sua vida foi um tapa na cara que levou de um policial aos 10 anos de idade. Considera essa cena como decisiva para a entrada na vida do crime e afirma carregar no peito os sentimentos de revolta, ódio, tristeza e mágoa devido a tudo que viveu.

Esse jovem acredita que o futuro é o que ele vive hoje e já presume o seu destino: “a gente só ganha mesmo o que pode ganhar nessa vida: cadeia e morte. Ou então uma cadeira de rodas” (p. 79). De forma enigmática conclui que está “do lado certo na vida errada” (p. 78). Revela ainda estar arrependido das escolhas que fez, porque, embora não passe mais necessidade, não anda tranquilo, vive escondido da polícia e dos inimigos e geralmente não dorme. Quando dorme é em cima de lajes, por ser perigoso dormir em casa.

Outro jovem, que acabara de entrar na adolescência, relata que sua vida foi tranquila até o dia em que seu pai morreu. Para não deixar sua mãe “segurar tudo” (p. 129), ele entrou para o crime. Agora acredita que tem o que nomeia de defesa: se a sua mãe precisar de um dinheiro ele tem como mandar para ela (p. 130). O preço que está disposto a pagar é alto, pois é capaz de morrer pelo seu patrão, por acreditar que quem está na vida do crime é para matar ou morrer.

Na trilha desses garotos Athayde e MV Bill encontraram também jovens que não se reconhecem como exercendo funções ilegais, como um que faz endolação<sup>42</sup> de maconha e cocaína. Esse diz que está lá por falta de escolha, pois tem dificuldade em conseguir trabalho e em estudar. Apesar de saber que exerce uma atividade ilegal, que se for surpreendido pela polícia será tido como “bandido”, acredita que “é trabalhador comum, é civil comum” (p. 180). Como em outros casos, mais uma vez a mãe aparece como justificativa para a atividade criminal: “eu não sou bandido não, eu tô aqui porque eu preciso, certo, ajudar dentro de casa, porque eu não quero ver minha coroa sofrendo” (p.179). Seu sonho é ter uma moto importada, ter uma casa para a família, viver bem e ter uma vida melhor. E completa: “só pra minha mãe chegar em casa, e aí, filho? Pô, a geladeira tá lá, mãe, tá cheia, a feira tá aí” (p. 184).

É recorrente a mãe se apresentar em destaque na fala dos adolescentes como alguém a quem eles dedicam a vida e pretendem dar a ela o que lhe falta. O que geralmente se torna uma das causas para a entrada no tráfico de drogas.

---

<sup>42</sup> Atividade de dividir e embrulhar a droga em pequenos pacotes que vão ser vendidos no varejo.

Estes dados preliminares extraídos dos adolescentes nos fornecem mais elementos para sustentar a hipótese de que há uma transgressão associada à mãe. Isso nos instiga a querer saber o que estes adolescentes têm a nos dizer sobre esta relação.

Do ponto de vista das mães, os dois citados livros também nos trazem contribuições. As mães relatam histórias de filhos que queriam lhes dar uma vida melhor, como é o caso de uma que acabara de perder o filho, de nome Diogo, morto por seus desafetos.

Essa mãe conta que Diogo tinha 04 anos quando ela se separou do marido e ele, por sua vez, em vez de se separar somente dela separou-se também dos filhos, passando a ser ausente. Para ela, por ser o mais novo dos filhos, Diogo foi o mais prejudicado. Ele nutriu pelo pai uma grande revolta.

Depois da separação, o pai sumiu e apareceu somente em alguns momentos pontuais na vida de Diogo. Da última vez, prometeu um trabalho para o filho. Nesta época, o adolescente ainda não se encontrava envolvido com a criminalidade. O filho ficou muito animado e, segundo a mãe, disse: “Ó mãe, a hora que eu começar a trabalhar, eu não quero que a senhora trabalhe nunca mais, a hora que eu começar a trabalhar é pra senhora sair do serviço porque a senhora tá cansada de tanto trabalhar”. (ATHAYDE; BILL, 2007, p. 65). Entretanto, o pai não cumpriu a promessa e depois nunca mais apareceu. Mais tarde, o filho começou a trabalhar para o tráfico de drogas. A mãe culpa o pai pela morte prematura do filho, acreditando que ele deva estar com a “consciência muito pesada”.

Diogo, após entrar para a criminalidade, passou a ajudar a mãe. Ela explica que, apesar da vida maluca que levava, o filho sempre foi responsável em casa. Ele comungava do mesmo sonho da mãe: ter uma casa arrumada.

Esta mãe parece não se incomodar com a origem do dinheiro que sustentava a casa e que poderia propiciar a realização dos seus sonhos. Diante disso, Athayde questiona o porquê dela concordar em receber o dinheiro que considerava amaldiçoado. Ela diz não saber direito o porquê: “você diz que não quer, e não quer mesmo. Mas quando você, a pessoa tá segura do que tá fazendo, é fogo, né? É fácil dizer que não vai aceitar o dinheiro do filho quando você não tá passando fome!” (p.67).

Para esta mãe a transgressão do filho, seu ato ilícito de vender drogas, não parece se configurar como um grande problema. O problema maior é viciar no uso de drogas. Quando isso ocorre, ela acredita que as coisas começam a se complicar e a pessoa perde o controle.

Como em outros relatos, essa mãe também sabia do destino trágico do filho. Ela conta que não ficava sossegada quando Diogo estava fora de casa. E completa: “parece sim que eu sabia que isso ia acontecer. Não tem outro caminho, não. Quem não morre vai preso” (p.71).

A mãe que não quer saber que o destino letal do filho está traçado junto ao papel de provedor da família é também a mãe que oferece seu sofrimento em troca do sacrifício do filho. Por fim, ela conclui que lutou muito pouco por ele:

Porque eu fui muito ausente sempre e quando fui presente eu fui omissa, fingia que não via muita coisa, ou não queria ver [...]. Eu fui o pai e a mãe deles. Hoje eu vejo que eu não lutei nada pelo Diogo [...] de certa maneira eu ajudei a matar o meu filho, e isso é o que mais me dói. (2007, p. 73).

Se esta mãe compartilha da culpa pela morte do filho, por omissão e certa cumplicidade, há aquelas que realmente se tornam cúmplices de seus filhos na atividade criminal. Sob o argumento de protegê-los, permanecem ao seu lado quando estão na atividade<sup>43</sup>. Elas “passam a noite por perto, nos seus plantões, com receio de que eles sejam surpreendidos pela polícia, e vão dormir na madrugada quando o perigo e o risco de invasão são menores” (p.75).

Há ainda outras que se tornam efetivamente parceiras de seus filhos na criminalidade, participando ativamente do tráfico de drogas junto com eles. No início elas são como as demais, contra o envolvimento dos filhos. Contudo, depois se rendem à atividade criminal por necessidade ou por acreditarem que seus filhos nunca sairão dela. Entre denunciá-los ou entendê-los, geralmente optam pela segunda opção.

Uma das que exercem este tipo de parceria com seu filho no tráfico de drogas, diz: “Se hoje eu tô nessa, se meus filhos estão me ajudando, é porque Deus permitiu, é porque vi que isso é mais forte do que a gente” (p. 232). Contudo, ela conta que não foi sempre assim, que por muito tempo tentou afastar os filhos da vida da criminalidade, mas, ao final, conclui que o destino já estava traçado:

eu acho que eles nunca estiveram distantes desse mundo, eles sempre estiveram dentro, até o talo. [...] A mãe não quer nunca aceitar que o filho está no meio, mas eles são fruto desse meio, não tinha escolha, já que estavam, é melhor trabalhar todo mundo junto. É até mais seguro (p. 232).

Assim como essa, outra mãe também traça o destino do filho ao dizer que vê como futuro para ele a criminalidade, envolvendo-se, como ela um dia, com traficantes ou com ladrões. Ela também possui filhas, mas, neste momento, refere-se somente ao filho, fazendo uma clara distinção de gênero, por acreditar que menino dá mais trabalho do que menina. O detalhe é que o garoto de 12 anos estava presente escutando toda a conversa. A mãe, inclusive, destaca que naquele momento da entrevista ele estava rindo dela. Esta é uma postura que o filho costuma ter sempre que ela tenta mostrá-lo que o destino no crime é a

---

<sup>43</sup> Nome utilizado para se referir ao trabalho dos jovens no tráfico de drogas.



prisão ou a morte. Esta mãe já havia perdido o filho mais velho, assassinado por causa do envolvimento no crime, e temia perder mais um. Trata-se de uma mãe que destaca como os filhos homens eram difíceis para ela e também demonstra que os tem sob a expectativa de que possam morrer a qualquer momento.

Os relatos das mães nos dão indicativos desta parceria mãe/filho articulada à transgressão. A partir do que dizem, podemos extrair e agrupar em quatro os argumentos utilizados por elas para justificar a forma como constituem esta parceria. São eles: 1) porque são sozinhas, não podem contar com o pai de seus filhos; 2) por dificuldades financeiras; 3) por quererem proteger seus filhos e 4) por cumplicidade.

Estas distintas formas de parcerias reforçam nossa hipótese de que há uma estreita relação entre adolescência, transgressão e mãe. Que lugar estas mães ocupam na vida de seus filhos? Em que medida a transgressão na adolescência está articulada ao amor à mãe?

Em nossa investigação, assim como Athayde e MV Bill, também lançaremos mão de entrevistas com adolescentes e suas mães. Contudo, diferente dos citados autores, as entrevistas realizadas por nós serão conduzidas e analisadas clinicamente, à luz das contribuições da psicanálise. Antes de entrarmos nesta parte prática da pesquisa, faz-se necessária uma elaboração teórica guiada pelos elementos centrais de nossa investigação: a adolescência, a transgressão e a mãe.

### **2.3. Mãe: primeiro objeto de amor**

Como ponto central da discussão sobre a puberdade, Freud (1905/1996) nos apresenta a pulsão sexual. Ela pode ser entendida como uma energia psíquica que exerce uma força constante sobre o corpo. Esta força se origina de impulsos que não são provenientes de excitações advindas do mundo externo, uma vez que são estímulos que fluem de forma contínua. Esta força se move em torno de um objeto, sem nunca o atingir. Isso porque o objeto é eternamente faltante. Por não atingir o seu alvo, a pulsão retorna sempre ao mesmo lugar. Este seu percurso circular é o que garante a sua satisfação, ou seja, “seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (LACAN, 1998, p.170). Foi isso que levou Lacan (1998) a dizer que a pulsão atinge sua satisfação sem atingir seu alvo. Essa satisfação pulsional é nomeada por ele de gozo.

A pulsão sexual está presente em qualquer época da vida. A diferença se encontra na forma como ela se manifesta, que é distinta na infância em relação à vida adulta. Na infância a pulsão é predominantemente autoerótica, o que significa que “não está dirigida para outra

pessoa; satisfaz-se no próprio corpo” (FREUD, 1905/1996, p. 170). Por isso, se diz que ela é desprovida de objeto. Para se satisfazer a criança não precisa passar pelo corpo do Outro.

O Outro é o campo da linguagem. É o que possibilita a introdução da exterioridade. Ou seja, o lugar onde o sujeito se representa fora do próprio corpo. Neste sentido, a função do Outro é o que permite o investimento da pulsão em um objeto externo.

No caso da pulsão autoerótica, o objeto de satisfação está no próprio corpo e a satisfação se dá por meio de excitações sexuais que procedem de várias fontes. Isso porque a pulsão sexual não está centrada, ou seja, não se trata de uma satisfação genital. Isso é o que nos permite dizer que na infância, para ambos os sexos, o modo de satisfação é igual. Neste ponto, não há diferenciação sexual entre a menina e o menino.

Isso não significa que a criança não saiba diferenciar um homem e uma mulher. Ela sabe e se define enquanto um ou outro. Mas esta definição se dá a partir do modo como ela se representa no universo fálico. Ou seja, a partir de insígnias que a permitem se localizar no campo do Outro enquanto uma menina ou um menino. Podemos ver isso quando as crianças falam das suas predileções, como, por exemplo, por super-heróis, princesas, ou algum outro personagem. Também pelo seu modo de se vestir, pelos seus gostos, pelas maquiagens da mãe ou por fazer a barba como o pai, entre outras maneiras ou objetos adotados por elas.

Porém, representar-se a partir do que extrai do campo do Outro não é a mesma coisa de ser homem ou mulher a partir de uma tomada de posição. Esta última diz respeito a uma diferenciação no modo de satisfação sexual. Isso só irá ocorrer posteriormente, com o advento da puberdade, como veremos mais adiante.

É ainda na infância que ocorre o que Freud chamou de primeira escolha de objeto. A mãe, ou outra pessoa que exerce os cuidados, será o objeto privilegiado desta escolha, por quem o menino, muito cedo, nutrirá dois sentimentos – amor e desejo. O primeiro é descrito por Freud como “corrente de ternura” ou “corrente afetiva” e o segundo como “corrente sensual”. A primeira corrente, que está relacionada ao amor, é considerada por ele como a mais antiga em termos de escolha e está relacionada à autopreservação. Ela gera na criança um sentimento de amor por aquele que dela cuida e alivia seu desconforto. Contudo, este sentimento não está desconectado das sensações de satisfação sexual. Muito pelo contrário, ao exercer as funções necessárias à preservação da vida, a mãe também desperta no filho a pulsão sexual, levando-o a experimentar as primeiras satisfações sexuais.

Por isso, um pouco mais tarde assistimos o menino dizer coisas do tipo: que é o príncipe e a mamãe é a sua princesa, que ele é o namorado da mamãe, ou que quer que a sua mãe durma com ele e não com o pai. Estas e outras falas demonstram que há um objeto eleito e

que ali está presente tanto o amor quanto o desejo sexual. Isso não causa nenhum constrangimento à criança e, tampouco, aos adultos, não se constituindo como um problema relacionado ao incesto. Isso porque, como vimos, não se trata de um desejo relacionado à sexualidade genital. O que vemos, nestes primeiros anos de vida, é que há uma convergência entre a corrente de ternura e a corrente sensual. Ou seja, não há uma divisão entre o objeto de amor e o de desejo. Eles se equivalem.

Contudo, ainda na infância uma mudança se dá. Este momento, chamado “pré-genital”, é dividido em dois tempos. O citado acima, que, de acordo com Freud, dura entre 02 e 05 anos de idade, e um outro chamado de latência. Este segundo é efeito da introdução de uma interdição ao objeto sexual. Esta interdição se sustenta na ameaça da perda experimentada pelo menino. Ele precisa escolher entre preservar sua potência ou manter a mãe como objeto de desejo privilegiado. Por isso, consente em abdicar do objeto sexual interdito, na medida em que o acesso a ele coloca em risco o que a criança considera ter de mais precioso.

Para Freud (1930/1996), esta interdição, que desaprova as manifestações da vida sexual infantil, contribui para a construção das barreiras futuras. Ou seja, funciona como uma preparação fundamental para que na vida adulta os desejos sexuais infantis possam ser represados.

Neste tempo de introdução da interdição, que culmina na latência, a criança redireciona o desejo para outras finalidades que não a sexual. A saída para esta repressão é a sublimação da sexualidade. Por isso, trata-se de um momento de muito trabalho simbólico, em que a criança irá sublimar o que não pode realizar. Com isso, o amor perdura e o desejo sexual fica em suspenso. Porém, por trás desse amor, ou seja, por trás da barreira imposta, derivada do efeito da interdição, “ocultam-se as antigas aspirações sexuais, agora imprestáveis, das pulsões parciais infantis” (FREUD, 1905/1996, p. 189).

Entretanto, a chegada da puberdade interrompe a infância, provocando o despertar das pulsões sexuais, agora ligadas à satisfação genital. É um momento de uma verdadeira transformação a nível pulsional, que leva “a vida sexual infantil a sua configuração normal definitiva” (p. 196).

Não se trata somente de transformações físicas do corpo, como, por exemplo, de desenvolvimento dos órgãos genitais, crescimento dos seios e pelos. O corpo é também atravessado por novas sensações, pois há um rearranjo das pulsões sexuais, que na infância estavam ligadas ao autoerotismo e agora passam a estar relacionadas à pulsão genital.

Diferente da pulsão autoerótica, a genital necessita de um objeto sexual externo para se satisfazer. O sujeito, então, depara-se com a exigência de refazer suas escolhas de objeto. Para tanto, é preciso “renunciar aos objetos infantis e recomeçar como uma corrente sensual” (p. 189). Trata-se daquela corrente relativa ao desejo sexual, que se encontrava reprimida na época da latência, e que ressurge ligada à sexualidade genital.

É nesse momento que a diferenciação entre homem e mulher construída na infância se apaga. Pois antes o ser homem estava ligado simplesmente ao ter, agora está relacionado ao que o sujeito é diante de uma mulher. Melhor dizendo, o homem se define enquanto tal a partir da sua posição frente ao objeto de seu desejo sexual. Contudo, a mulher coloca o homem diante de um impasse na medida em que, ao abordá-la, se depara com um gozo fora da referência ao falo<sup>44</sup>.

Mas o que é o falo? O falo é o que poderíamos chamar de um terceiro termo. Ele tenta resolver o problema da ausência de uma definição do que é ser homem e ser mulher. Tenta resolver a inexistência de uma proporção entre os sexos. Neste sentido, o falo é o que permite a ambos os sexos tomar seu próprio corpo como um corpo sexuado, marcado por um gozo sexual. Ele possibilita que o sujeito se posicione na partilha dos sexos. Propicia a distribuição dos papéis para o homem e a mulher.

Isso não quer dizer que o falo faça existir a relação entre o homem e a mulher. Ao contrário, é na medida em que ele pode viabilizar para ambos um gozo sexual que ele se coloca como um obstáculo à relação entre eles. O fato do gozo sexual do homem estar ligado ao falo, por exemplo, implica que ele não goze com o corpo da mulher. Por isso, Lacan (1985) afirma que “o falo é a objeção [...] feita por um dos dois seres sexuados, ao serviço a ser prestado ao outro” (p. 15). O falo é um instrumento da potência que coordena o gozo sexual. É deste modo que ele viabiliza pelo menos dois modos distintos de se ligar a ele: o masculino e o feminino. Essa partilha é estabelecida pelo modo como o corpo de cada um está colocado em relação ao *ter o falo*.

O homem se coloca como proprietário do falo, o que é uma condição para sua enfatuação. O valor que atribui ao seu pequeno bem é o que o coloca em permanente ameaça de perdê-lo. O medo de ser roubado leva o homem a se isolar em um gozo solitário, silencioso com o falo. O falo congrega os homens em um conjunto fechado, em uma comunidade do falo

---

<sup>44</sup> No ensino de Lacan há uma diferenciação entre o falo simbólico ( $\Phi$ ) e o falo imaginário ( $-\phi$ ). Contudo, não faremos essa distinção. Quando mencionarmos o termo falo, estaremos nos referindo ao falo simbólico. Por sua vez, para nos referirmos ao falo imaginário lançaremos mão de palavras que podem substituí-lo e que sempre se referem a uma espécie de extração, subtração, tais como falta, perda, castração, véu, etc.

que se dedica a proteger a sua posse. Por isso, o ter coloca o homem em embaraço. Um sujeito sobre o qual pesa o dever da prudência.

A mulher, quando colocada sob o regime do falo, é sempre marcada por um menos, incompleta. Isso a coloca como prejudicada, injustiçada, o que a conduz à queixa e à consequente reivindicação de ter direito ao falo. Esta é uma demanda que define a posição infantil da mulher, ou seja, dirigir-se ao Outro sob a suposição de que ele tem o que lhe falta. Portanto, a falta coloca a mulher sob o primado do falo, constituindo sua posição a partir do que ela não tem.

Lacan (1985) aponta do lado feminino um gozo a mais, um gozo suplementar que não é regido pela norma fálica. Isso é o que ele define como gozo feminino. Se o falo é o artifício que ordena a partilha dos sexos, o que define a mulher é um gozo que não tem representação. Por isso, se no inconsciente o homem se representa a partir do falo, Lacan (1985) afirma que *A mulher não existe*.

Isso não quer dizer que não exista o lugar da mulher, mas que este lugar não pode ser representado. E se alguma representação é colocada aí é sempre com um estatuto de uma máscara. Algo que vela um vazio. Devido a isso, Lacan (1985) localiza que o Outro sexo é sempre a mulher, por ser o feminino que confronta todo o sujeito com este vazio onde ele não consegue se representar.

Portanto, é porque não existe nada que represente a mulher que o adolescente precisa inventá-la em sua fantasia. Neste sentido, poderíamos dizer que o que há de novo na adolescência é o encontro com esse impasse do enigma do feminino. Para o adolescente trata-se de uma nova forma de se relacionar com o objeto de desejo, pois o corpo do Outro é introduzido no circuito da satisfação pulsional.

O surgimento desse novo alvo sexual traz para a cena uma problemática: se por um lado para se satisfazer é preciso passar pelo corpo do Outro, por outro esta é uma novidade da qual o sujeito não tem um saber prévio. Por mais que ele recorra aos livros, à internet, aos colegas, etc., não encontrará nenhum saber que apazigue suas angústias. Por isso, este momento causa muitos embaraços para o sujeito, que se sente deslocado de seu lugar. Ele não mais se reconhece na criança que foi e, tampouco, sabe como se recolocar no universo masculino. Trata-se de um momento enigmático e de grande estranheza para o sujeito.

Estes efeitos, provenientes da incidência de um gozo sem lei na puberdade, é o que podemos entender como adolescência. Por isso, Lacan (2003), a partir de Freud, definiu-a como sendo um momento preciso em que a sexualidade faz furo no real. Diante desse furo no saber o sujeito terá que inventar uma forma própria de atravessar este momento. Diferente de

uma resposta universal, em que haveria uma fórmula preestabelecida ou mesmo um tempo definido, cada adolescente terá que “encontrar uma maneira de se incluir, de maneira singular, no mundo dos Homens. [...] Cada jovem deve encontrar uma sutura ‘linguageira’ para esse furo, mas apenas pode fazê-lo passando pelo Outro” (SANTIAGO, 2016, p. 35).

### 2.3.1. *Separar-se do Outro materno*

Na adolescência, o reaparecimento do desejo incestuoso, aliado à pulsão genital, conduz no inconsciente o adolescente a uma nova interpretação. Nas palavras de Freud (1910/1996), “não perdoa a mãe por ter concedido o privilégio da relação sexual não a ele, mas a seu pai, e considera o fato como um ato de infidelidade” (p. 177). A mãe, definida como propriedade do pai, é o modo que Freud tem de dizer que a mulher é do Outro.

Isso viabiliza a construção das fantasias incestuosas em relação à mãe, na qual o sujeito a toma como uma mulher de má reputação, uma infiel, uma puta<sup>45</sup>. Ou seja, a puta seria uma atualização da mãe na fantasia do púbere. Uma repetição metonímica da figura materna. Além disso, a puta surge como uma possibilidade de fazer da mulher o objeto de desejo sexual. Uma solução ao gozo feminino que se revelou.

Entretanto, um impasse se coloca na medida em que o objeto escolhido, a mãe, é um objeto proibido. O gozo sexual extrairá sua estrutura desta interdição. Isso é o que exige do adolescente um trabalho de separação, lançando-se na escolha de outros objetos de satisfação sexual. Este movimento de separação implica em uma inevitável divergência entre a corrente terna e a sensual, o amor e o desejo sexual. O amor à mãe se mantém e o desejo sexual será direcionado para um objeto externo.

Nesta metonímia de objeto, o sujeito realiza esta separação também em sua relação com as mulheres: ou a ama como objeto substituto da mãe ou a deseja como objeto substituto da fantasia incestuosa. A dificuldade está em conseguir desejar uma mulher pela qual sente respeito ou considerar digna uma mulher com a qual se satisfaz sexualmente. O desejo só existe a partir de um objeto sexual depreciado na fantasia. Aí se constitui uma das maiores

---

<sup>45</sup> O termo utilizado por Freud é *dirne*. Contudo, há controvérsias na tradução desta palavra. Segundo nota do tradutor de Freud, a tradução mais correta seria cortesã. Contudo, esta palavra caiu em desuso. Ele afirma que o termo “prostituta” enfatiza o fator monetário. Contudo, Miller (2010) explica que, ao contrário da prostituição que visa o ganho financeiro, a palavra se refere à recusa que um homem faz à mulher, por sua infidelidade. Ele diz que, desde o século XVI, este termo é usado com o significado de “mulher pública”, “puta”, “prostituta”. Contudo, paradoxalmente, no alemão antigo, *dirne* parece provir da palavra *Thiorna*, que significa “virgem”. Configura-se, portanto, como uma palavra antitética.

problemáticas do universo masculino em relação às parcerias amorosas: unir amor e desejo sexual em um mesmo objeto.

Lacan (2016) nos auxilia com uma outra leitura desta dissociação do objeto entre amor e desejo, fazendo-a girar em torno da função do falo. Ele traduz o interdito da seguinte forma: “ou o sujeito não o é ou o sujeito não o tem” (LACAN, 2016, p.482). Ser o falo implica ser o objeto de satisfação do desejo da mãe. Ao contrário, ter o falo é uma via para tomar a mulher como objeto da sua própria fantasia<sup>46</sup>.

Na relação com a mãe como objeto de amor o sujeito está posicionado como filho. Ele se dedica a ser o falo, o objeto do desejo materno, e, por consequência, “ele não o tem, ou seja, ele não tem o direito de fazer uso dele, o que é o valor fundamental da chamada proibição do incesto” (p. 483). Por outro lado, a condição para se posicionar como homem é se introduzir na dinâmica do ter, introduzir-se na problemática da posição viril. A posição masculina implica que o sujeito abdicou de ser o falo para a mãe. Implica que, a partir de então, para ser homem, o sujeito está condicionado ao ter.

Apresentamos até aqui duas possibilidades de leitura da estrutura de separação do objeto materno. Se interpretamos a partir da cisão do objeto, trata-se da mãe e da puta. Se o fazemos a partir da diferenciação da posição do sujeito, trata-se de ser ou ter o falo. Portanto, de um lado temos o amor, a mãe, o filho e o ser o falo. De outro, o desejo sexual, a puta, o homem e o ter o falo.

Diante desta problemática universal, Freud (1912/1996) nos chama a atenção para o fato de que na própria natureza da pulsão sexual existe um impedimento para que esta atinja a sua satisfação completa. Isso porque, se com a barreira do incesto o objeto está perdido para sempre, todos os demais são apenas substitutivos do objeto primeiro. Em outras palavras, o limite ao gozo se impõe porque o objeto é insubstituível. Por isso, o sujeito se lança em uma série infundável de objetos, que jamais proporcionarão a satisfação desejada. É o que Miller (2010), retomando Lacan, esclarece-nos equivalendo a interposição da barreira do incesto como uma metaforização da barreira do gozo, ou seja, com um novo sentido atribuído a esta barreira do gozo. A condição para que os meios de gozo se abram a outros caminhos é que o sujeito tenha renunciado ao gozo restrito à mãe.

A via para isso é a construção da fantasia, que se dará a partir das insígnias da infância. Em outras palavras, a fantasia é a via pela qual o sujeito constrói a sua posição como

---

<sup>46</sup> Quando se refere ao *ser* trata-se do falo imaginário, quando se refere ao *ter* trata-se do falo simbólico. O *ser* se refere ao lugar que o sujeito ocupa no desejo da mãe, enquanto o *ter* é o modo como ele representa o corpo como sexuado.

homem na parceria com o objeto de seu desejo. A fantasia dá ao objeto substitutivo uma permanência, uma uniformidade. Isso permite com que todos os objetos que venham a ocupar este lugar sejam versões de um objeto invariável, a mãe. Nesse sentido, podemos concluir que toda fantasia pressupõe sempre um gozo incestuoso na medida em que implica a atualização da mãe em objetos substitutivos. É o que Freud (1905/1996) nos aponta: “A investigação psicanalítica mostra, no entanto, com que intensidade o indivíduo tem que lutar, nas fases de seu desenvolvimento, contra a tentação do incesto, e com que frequência a barreira é transgredida nas fantasias” (p. 213, n. 02).

Portanto, a escolha de objeto está sempre condicionada à repetição. Isso pode ser definido como fetiche, ou seja, a exigência de que o parceiro amoroso responda a um certo enquadramento, detenha um certo detalhe que faz com que o gozo encontre seu suporte. Estas são as condições necessárias para que o adolescente consiga se separar da mãe e se lançar na escolha de outros objetos de desejo.

Mas e se o processo de separação se demorar e o adolescente, mesmo diante da barreira do incesto, não superar o investimento libidinal na mãe? Segundo Freud (1912/1996), a fixação incestuosa é decisiva para a constituição de uma relação sintomática do filho com a mãe. Ou o adolescente falha em se separar do objeto incestuoso ou a ele retorna, o que Freud (1913/1996) designa, respectivamente, como inibição e regressão. Ao passo que abdica de se colocar como homem, o sujeito se retira da condição de ter o falo. Isso implica no que Lacan (2016) nos aponta: “Ele *não tem* o falo *para ser* o falo de forma escondida [...] *é um outro que o tem*, enquanto *ele o é* de modo inconsciente” (p. 483). O adolescente se presta a ser o objeto do gozo da mãe para garantir a potência dela.

Por outro lado, ele pode se deparar com um impasse no caminho para construir a posição masculina. A possibilidade infundável de objetos substitutivos pode se traduzir em um adiamento da escolha para o mais tarde possível. A libido permanece no inconsciente restrita ao objeto incestuoso da fantasia. Isso é o que leva o adolescente à atividade masturbatória compulsiva, na medida em que há uma barreira para que a sua satisfação sexual se realize.

Todavia, nem a masturbação, nem os tipos de objetos serão investigados como sintoma, pois o foco da nossa investigação está em saber qual é a relação entre os atos transgressores e a mãe. Apesar disso, esta elaboração nos serve para nos conduzir a uma indagação: se Freud localizou a masturbação como um sintoma característico desta dificuldade de superar o objeto incestuoso, podemos dizer que na época atual outros sintomas se produzem para responder a este impasse? Poderíamos cogitar que a transgressão na adolescência se constituiria hoje como um sintoma desta fixação no objeto incestuoso? O que



poderíamos dizer de adolescentes que se comprometem em uma relação libidinal com a mãe, dedicados a elas como objeto privilegiado na dinâmica de seu desejo?

Contudo, parece haver uma dificuldade no caminho de nossa elaboração: se considerarmos que a transgressão na adolescência está condicionada à relação do garoto com a mãe, em que posição ele se encontra? Trata-se de um sujeito que se coloca como sendo o falo da mãe e, com a transgressão, revela a verdade desse objeto de gozo que ele tenta encarnar? Ou trata-se de um sujeito que, ao tentar se posicionar como homem, como quem tem o falo, se encontra fixado ao objeto incestuoso e faz da transgressão um paradigma do acesso a este objeto?

### 2.3.2. *Desligar-se da autoridade dos pais*

Freud (1905/1996) nomeou o processo de separação do Outro de “desligamento da autoridade dos pais” (p. 214). Trata-se de “uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosas, do período da puberdade” (p. 214). Para o autor, essa separação, que cria uma oposição entre as gerações, é necessária para o progresso da sociedade. Mas por que Freud relacionou esta separação ao avanço da civilização?

O autor admite que o caminho mais curto na puberdade seria o adolescente escolher os mesmos objetos sexuais infantis, o que implicaria em não se separar da família. Todavia, como vimos, esta escolha da puberdade é diferente da primeira escolha de objeto. Primeiramente, porque, depois desta escolha, ainda na infância houve a introdução de uma interdição deste objeto. E segundo porque agora trata-se de uma escolha que o sujeito terá que fazer enquanto homem. Essa diferença presente na puberdade faz com que se constitua uma proibição universal, nomeada de “barreira do incesto”.

O respeito a essa barreira é considerado por Freud (1905/1996) como uma exigência cultural da sociedade, sendo que para o seu desenvolvimento é preciso que o adolescente afrouxe os laços com a família. Ou seja, que ele se desprenda desta primeira instituição em prol de uma “comunidade maior”, constituindo, assim, a mãe como uma figura sagrada:

A ‘santidade’ é algo que se baseia no fato de que os seres humanos, em benefício da comunidade maior, sacrificaram uma parte de sua liberdade sexual e de sua liberdade de se entregarem às perversões. O horror ao incesto (como uma ímpia) baseia-se no fato de que, em consequência da comunidade da vida sexual (mesmo na infância), os membros de uma família se mantêm permanentemente unidos e se tornam incapazes de contatos com estranhos. Assim, o incesto é anti-social – a civilização consiste nessa renúncia progressiva. É o contrário do ‘super-homem’ (FREUD, 1897/1996, p. 307).

Freud contrapõe, de um lado, uma relação entre o incesto e o super-homem, como elementos antissociais, e, de outro lado, o processo civilizatório. Por isso, o autor enfatiza a necessidade de que o adolescente consinta com a proibição do incesto. Não se feche dentro da própria família, pois isso poderia provocar o fim da sociedade. É preciso que o púbere vá em busca de seu objeto de desejo sexual fora do ambiente familiar. Mas o que levaria o menino, na adolescência, a abandonar a mãe como objeto de desejo?

Podemos localizar em Freud (1924/1996) uma via privilegiada para essa separação: a identificação ao pai. Ao passo que o pai viabiliza a interdição do gozo incestuoso do filho com a mãe, ele torna-se objeto de investimento. É na medida que o pai aborda a mãe como mulher, que ele impede que o filho o faça. Se o filho não pode colocar-se como homem para a mãe, ele vai tomar o pai como o modelo com o qual se identificar para acessar a posição masculina na relação com outro objeto eleito no lugar da mãe. Nesse sentido, a identificação ao pai é o que buscaria conciliar a satisfação sexual com as exigências da cultura. Condescender com a barreira do incesto faz do pai uma via de acesso aos ideais da civilização. O pai torna-se um modelo identificatório que orienta o adolescente quanto ao lugar a ser ocupado no mundo.

Mas há outras vias de separação da mãe. Miller (2014) retoma o texto de Lacan (1998), *Juventude de Gide*, para falar da saída encontrada por André Gide. Lacan refere-se ao pai de Gide como aquele que humanizou o desejo do filho na medida em que interditou o gozo incestuoso. Contudo, a morte do pai teria confinado o desejo de Gide à clandestinidade. Ela o conduziu ao erotismo masturbatório. Até que, em um dado momento, constituiu-se para Gide uma saída desse enclausuramento no desejo incestuoso.

Certa tarde, da qual ele nos fala, foi para ele o encontro de seu destino, a iluminação de sua noite e seu compromisso com os votos. Votos em nome dos quais deveria fazer de sua prima Madeleine Rondeaux sua esposa, e que lhe descortinaram o que ele sustentou, até o fim, ter sido o único amor. (LACAN, 1998: p. 764)

Segundo Lacan (1998), o encontro com Madeleine, então com quinze anos, faz surgir em Gide, com treze anos, uma vocação em protegê-la. Isso é o que Lacan designa como a imiscuição<sup>47</sup> do adulto no menino. Há uma precipitação da posição de homem que se constitui como uma saída para Gide, ou, nos termos de Miller (2014), há uma “antecipação da posição adulta na criança”.

---

<sup>47</sup> Na tradução brasileira dos *Escritos* (1998), de Lacan, a palavra *immixtion* foi traduzida como imiscção. Contudo, na recente tradução brasileira do texto de Miller, *Em direção à adolescência* (2014), optou-se pela palavra “imiscuição”. Optaremos pela segunda tradução, não só porque a palavra *immixtion* ganha um relevo maior no texto de Miller, mas porque imiscuição indica com mais precisão o uso que faremos aqui, referindo-nos a uma espécie de intromissão, interferência.

Contudo, Lacan (1998) aponta que Gide se devota à prima para protegê-la da mãe, que era tia de Gide. Uma mulher que teria exercido para o garoto, quando ainda pequeno, o papel de sedutora. No momento que precede o encontro de Gide com Madeleine, ele teria posto à prova a sua atração pela clandestinidade. Enquanto sua tia deixava a filha em seu quarto, ela se entregava a um homem em outro cômodo da casa, o que foi visto por Gide. Esta cena precedente é o que teria precipitado em Gide sua vocação de protetor. Por esse motivo, Lacan (1998) afirma “que aqui é na mulher que o sujeito se descobre transmutado como desejanter” (p.765). A imiscuição, a precipitação em tomar posição como homem, é precedida pela confrontação com a dimensão do gozo feminino.

Temos na identificação ao pai e na imiscuição do adulto na criança exemplos de saídas possíveis para os adolescentes. Ou seja, formas de separação do Outro materno. Mas o que pode dificultar essa separação?

No caso do sujeito em pauta em nossa investigação – os adolescentes transgressores – observa-se uma ligação extrema com a mãe. Por que neste momento da vida, em que várias soluções são adotadas para garantir a separação, estes adolescentes não abrem mão da mãe? Por que neste momento em que deveriam se colocar como homens na vida em sociedade, eles se dedicam a ser o super-homem para a mãe? Ou seja, por que, ao invés de se separarem dela, a preservam como objeto privilegiado?

Chegamos em um ponto central de nossa investigação e de onde reside o impasse vivido pelo adolescente transgressor em sua relação com a mãe. Esta equação, extraída a partir da teorização, elucida o que está em questão para estes adolescentes: uma dificuldade em se posicionar como homem, o que os faz abdicarem de se separar do Outro materno. Não é o apego à mãe que torna problemática a posição masculina. É a dificuldade de se colocar como homem que leva o adolescente a encontrar na mãe uma saída.

## **2.4. Uma erótica da transgressão**

### *2.4.1. A mãe insaciada*

A mãe é “como A mulher que tem” (MILLER, 2010, p. 06). Essa é uma proposta ressaltada por Miller sobre o que é uma mãe. Mas ele também levanta a seguinte questão: “Transformar-se em mãe é a solução para a posição feminina?” (p. 05). Recorremos novamente ao autor:

Para Freud a mulher é um sujeito que, no inconsciente, nada nem ninguém poderá satisfazer; ela é, por excelência, o sujeito insaciável. Então, para tratar de preencher essa falta – que faz medo a todos e às mulheres também – damos crianças a elas: para acalmá-las. E Freud dizia ser a criança não mais que um substituto. (MILLER, 1997, p. 448)

O sujeito insaciado é aquele que persevera na vontade de recuperar um gozo a mais. Por isso, a falta provoca medo em todos, pois se sustenta sob o gozo feminino. Como vimos, trata de um gozo fora da representação fálica, ou seja, ilimitado, que nenhum interdito consegue restringir. Isso coloca a mulher em relação com um excesso, que a leva a se conduzir pela vontade desenfreada que a impulsiona.

No que concerne ao falo, a mulher é marcada por um menos. Ela se constitui a partir do que não tem. Assim, dizer que a criança é um substituto do falo implica no fato de que ela não elimina a falta. A criança é apenas uma metáfora do falo. Ela é tão somente uma tentativa da mãe de suprir um vazio. Como nos alertou Miller (2014), é preciso mesmo “que a criança não sature, para a mãe, a falta em que se apoia o seu desejo. O que isso quer dizer? Que a mãe só é suficientemente boa se não o é em demasia, se os cuidados que ela dispensa à criança não a desviam de desejar enquanto mulher” (p. 02). Isso denota a sua divisão entre mãe e mulher, estando a criança para além de seu valor de preenchimento. De tal maneira que recoloca a mãe em relação com este objeto que lhe falta. Por isso, Miller (1997) conclui que “não é suficiente dar às mulheres filhos para acalmá-las” (p. 449).

Entretanto, em outra conferência, Miller (2010) se refere ao lugar do filho para a mãe em outros termos:

Freud enfatizou os suplementos que o sujeito pode encontrar ou inventar para seu menos, para esse menos fundamental com que o sujeito se relaciona. [...] A criança foi também incluída por Freud nessa série, de tal maneira que, em certo sentido, a própria maternidade pode ser considerada como fazendo parte da patologia feminina (p. 45).

Podemos relacionar estas duas citações a partir da oposição de dois termos em cada uma delas. Na primeira, falta e substituto. Na segunda, patologia e suplemento. Trata-se de duas possibilidades de leitura da relação mãe e filho. Dizer que o filho é um substituto à falta da mãe nos introduz a questão do desejo da mãe engendrado na busca do objeto perdido. Por sua vez, designar a maternidade como uma patologia feminina coloca a ênfase sobre o gozo da mãe, sobre o modo como ela faz do desprazer uma fonte de satisfação, ao estilo: “Ser mãe é padecer no paraíso”. Nesta perspectiva, o filho entraria como um suplemento, um gozo em excesso que a mãe tenta recuperar. E a maternidade se confirmaria como um sintoma do feminino.

Portanto, não é a mesma coisa dizer que o filho está confrontado com o desejo da mãe do que dizer que ele tem que se haver com os excessos dela. Nessa última perspectiva, Lacan (1995) afirma: “Esta mãe insaciável, insatisfeita [...] como todos os seres insaciados, ela procura o que devorar” (p. 199). Miller (2010) ratifica que a função primária da mãe está sustentada não no cuidado, mas na devoração. Ou seja, a mãe insaciada absorve avidamente o filho em seu circuito pulsional. Trata-se de servir-se do filho na função de tampão da insatisfação feminina.

A maternidade é um exemplo de como a relação com o falo se diferencia entre homens e mulheres. Se o homem faz do falo um objeto a ser protegido e cultuado, a mulher o reduz a seu caráter instrumental. Por isso, se o *ter* causa embaraço para o homem, a mulher é quem melhor sabe se servir do falo, fazer dele um instrumento a serviço de seu gozo.

Nesta dinâmica do *ter*, Miller<sup>48</sup> extrai de Freud dois modos do filho aderir ao gozo da mãe, ou seja, dois estatutos do apego à mãe: a dependência e o desamparo. A dependência concerne ao que destacamos sobre o filho como objeto substituto da falta materna. Falar de desejo da mãe significa que o filho não é suficiente para aplacar a perda. Ele é apenas um substituto, sendo que a mãe está marcada por uma falta. Essa é a condição para o amor: que a mãe se dedique ao filho sustentada pela insuficiência dessa relação. Essa indeterminação do desejo é o que faz advir na mãe um investimento particularizado pelo filho.

Por sua vez, o filho se coloca em relação com o próprio desejo a partir dessa dependência em relação ao desejo da mãe e a falta que é seu suporte. Isso lança o menino à indagação: “ela me quer?”, acompanhada de uma angústia pela perda do amor. Com isso, ele se introduz em um circuito em que demanda o amor da mãe e se identifica ao objeto de seu desejo.

Por outro lado, para se introduzir na via da dependência é preciso ter se separado de um modo mais primário de apego à mãe: o desamparo. O desamparo coloca o filho na posição de suplemento ao gozo da mãe. A mãe dos excessos, a mulher insaciada, é tomada pelo filho como quem tem o que ele precisa. Isso o condiciona, o reduz a ser um objeto a serviço do gozo da mãe. Por sua vez, o capricho materno manifesta uma vontade acéfala na medida em que esta se apropria do filho como uma posse do mesmo modo que se desfaz dele como algo inútil. Ela tem o poder de salvar ou destruir, de dar a vida ou destituí-la. Por consequência, o menino considera que deve a vida à mãe, o que o atrela a ela de modo incondicional.

---

<sup>48</sup> Destacamos a presença desta elaboração em duas conferências de Miller. Ver MILLER, J. O amor entre a repetição e a invenção. In: **Opção Lacaniana online**, Ano 1, número 2, julho 2010; e também MILLER, J. Do amor à morte. In: **Opção Lacaniana online**, Ano 1, número 2, julho 2010.

O filho se coloca, então, a velar uma questão: “ela pode me perder?”. E, a partir disso, coloca em jogo todo tipo de fantasia sobre a sua morte e seu desaparecimento. É o que pode conduzi-lo a um destino em que se preste ao papel de objeto tampão para que a mãe não tenha que se deparar com suas próprias faltas. Lacan (2003) diz que o filho, neste caso, “aliena em si qualquer acesso possível da mãe à sua própria verdade, dando corpo, existência e até exigência de ser protegida” (p. 370). Esta é uma posição que pode dificultar que o filho consiga se separar da mãe quando isso for preciso.

Dentre essas duas modalidades de apego do filho à mãe, dependência e desamparo, haveria uma que seria mais recorrente entre os adolescentes autores de atos infracionais? E, mais do que isso, em que medida esse apego poderia ser determinante para o envolvimento do adolescente na prática transgressora?

Quando se refere ao gozo da mãe com a criança, Lacan (2003) faz uma afirmação que pode nos servir. Ele diz que, nessas circunstâncias, o filho “se torna o ‘objeto’ da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto” (p. 369). Seria, então, a transgressão um modo do adolescente oferecer-se como objeto a serviço da mãe para, com isso, revelar o gozo da mãe que se esconde ali onde se realiza?

#### 2.4.2. *Freud: a transgressão incestuosa e o crime do parricídio*

Na obra de Freud, nas raras ocasiões em que a palavra transgressão é mencionada, via de regra, ela surge associada ao tema da barreira do incesto<sup>49</sup>, que, como já discutido, ocupa lugar central na relação do adolescente com a mãe. Em algumas situações específicas, identificamos a presença da palavra transgressão não relacionada explicitamente ao tema do incesto, mas às perversões da vida sexual em geral<sup>50</sup>. Todavia, a transgressão em Freud sempre se refere a algum desvio no campo da sexualidade e a perversão é apresentada como um paradigma da transgressão. Desse modo, Freud nos permite interpretar um elemento central do processo civilizatório, a transgressão, a partir de um componente da vida sexual.

---

<sup>49</sup> Além de “Totem e tabu”, a presença da palavra transgressão vinculada ao tema da barreira ao incesto está presente, a título de exemplo, em obras como: “As transformações da puberdade. In: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905/1996), p. 213, nota 2). “Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens” (1919/1996, p. 173 e 174). “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor” (1912/1996, p. 192). “O mal estar na civilização” (1930/1996, p. 110).

<sup>50</sup> Como exemplo, podemos mencionar “Fragmentos de análise de um caso de histeria (1905/1996, p. 155) e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1996). Neste último as menções às transgressões vinculadas ao tema da perversão sexual aparecem ao longo dos dois primeiros ensaios: “As aberrações sexuais” e “A sexualidade infantil”.

Por outro lado, ao contrário da transgressão, em que há uma referência à mãe como objeto sexual, o crime, assunto já extensamente debatido por vários leitores de Freud, está diretamente articulado à lei paterna. Para exemplificar esta distinção lançamos mão do texto “Totem e Tabu” (1913/1996). Neste escrito, Freud aborda o que ele considera os dois crimes primordiais da humanidade: o parricídio e o incesto. Na última parte do texto, a partir de elaborações baseadas em supostas experiências de tribos primitivas, Freud descreve uma comunidade mítica em que os filhos assassinam o pai para ter acesso às mulheres da tribo. Contudo, após o crime, o pai se torna mais forte e em lugar do pai morto um totem é erguido, o que instituiu a função da lei e a interdição do incesto.

Esta parte final do texto é a qual se dedica a maioria dos autores, por viabilizar a articulação entre a lei paterna e o crime. O termo transgressão está ausente ali. Porém, se Freud conclui seu escrito com esta elaboração sobre o totemismo, ele o inicia com um capítulo intitulado “O horror ao incesto”. Ao contrário da discussão anterior, a palavra crime não aparece nesse momento e Freud só se refere à transgressão.

O autor constata que em toda sociedade totêmica existe uma proibição contra as relações sexuais entre pessoas da mesma tribo: a exogamia. Ele destaca o modo como os povos primitivos assumiam excessivo escrúpulo e rigor para evitar essas relações incestuosas. Segundo ele, toda a organização social destas comunidades parecia estar dedicada a este propósito. Assim, a transgressão dessa proibição – o incesto – era punida de modo muito mais enérgico do que todas as outras violações, inclusive o parricídio. É “como se fosse uma questão de impedir um perigo que ameaça toda comunidade ou como se se tratasse de alguma culpa que a estivesse pressionando” (FREUD, 1913/1996, p. 24).

Além disso, Freud (1913/1996) destaca a importância da interdição do incesto para os jovens, ratificando nossa discussão anterior: “a exogamia [...] se origina da intensificação entre os selvagens do horror ao incesto, a qual seria plenamente explicada como uma garantia contra este último [...] visando primariamente a afastar do incesto a geração *mais jovem*” (p. 114). Lacan (2009), ao comentar Freud, acentua a distinção clara entre os filhos pequenos e os já crescidos: “É a partir daí que se produz o contrato social: ninguém tocará na mãe [...], dentre os filhos, somente os mais jovens ainda compõem uma lista no harém [...] A mãe só entra em jogo quanto a seus bebês, que são sementes de heróis” (p. 148-149).

A partir de Freud, podemos então propor uma distinção entre, por um lado, a tríade mãe – barreira do incesto – transgressão e, por outro lado, pai – lei – crime. Essas duas tríades não são apresentadas separadamente, mas em sobreposição uma a outra. A instauração da lei paterna é o que institui o incesto como um crime. Contudo, Freud afirma que a barreira do

incesto é anterior à instauração da lei paterna. Mais do que isso, Freud considera que a barreira do incesto constitui a interdição mais primordial da humanidade, uma lei fundante da condição humana<sup>51</sup>.

Com isso, podemos constatar que a noção de transgressão em Freud está sempre referida a uma barreira.<sup>52</sup> Esta é a condição decisiva destacada por Lacan para estabelecer a sua definição de transgressão.

### 2.4.3. Lacan: a transgressão não é o crime

Assim como em Freud, a transgressão em Lacan<sup>53</sup> também está diretamente relacionada ao incesto, o que o autor deixa claro em vários momentos de seu ensino<sup>54</sup>. Porém, há situações em que esta referência não é apresentada explicitamente. Por exemplo, em algumas ocasiões em que Lacan trata da transgressão como modo de acesso ao gozo sexual<sup>55</sup>. Ou, então, como uma ultrapassagem de uma barreira, um limite<sup>56</sup>. Ou como uma modalidade de satisfação privilegiada na perversão<sup>57</sup>. Estas definições nada mais são do que desdobramentos da noção de transgressão que convergem em uma única definição, como veremos a seguir.

Para estabelecer seu conceito de transgressão, Lacan (1998) faz uma colocação que viabiliza uma distinção. Ele diz que “não há sociedade [...] em que não apareçam no grupo todos os graus de transgressão que definem o crime” (LACAN, 1998, p. 128). Fica clara a diferença que ele indica: a transgressão não é o crime, mas é a matéria-prima para instituí-lo, o que coloca a transgressão como elemento primário. Podemos inferir que, para passar da

---

<sup>51</sup> Esta elaboração se refere a uma ratificação da ideia de James George Frazer, antropólogo escocês. Ela se encontra em sua principal obra, “O Ramos de Ouro”, publicada pela primeira vez em 1890. Nesta, Frazer estuda os cultos, ritos e mitos antigos, fazendo uma descrição do totemismo e da exogamia. Freud, que foi um leitor de Frazer, baseou em sua obra para a criação do mito *Totem e Tabu*.

<sup>52</sup> A distinção entre transcrição e crime nos permite visualizar com clareza que o tema da transgressão é o que melhor se articula ao nosso propósito nesta pesquisa.

<sup>53</sup> Realizamos uma revisão sobre a transgressão no ensino de Lacan. É curioso perceber que, ao contrário de Freud, ele faz uso recorrente desse termo. Talvez possamos considerar que Freud se ateu à investigação do crime porque sua construção teórica foi guiada pela elaboração da lei paterna. Porém, mesmo em Lacan, com o avanço de seu ensino, a palavra transgressão passou a ser questionada progressivamente. Isso talvez pode nos auxiliar em uma melhor delimitação desta noção.

<sup>54</sup> Ver Complexos familiares na formação do inconsciente (2003), p. 54; Seminário 4 (1995), p. 341, 350; Seminário 7 (1997), p. 133; Seminário 10 (2005), p. 279, 360; Do “Trieb” e do desejo do psicanalista (1998), p. 866.

<sup>55</sup> Ver Complexos familiares na formação do inconsciente (2003), p. 52, 61, 66; Seminário 7 (1997), p. 217, 238; Seminário 11 (1998), p. 174.

<sup>56</sup> Ver Seminário 2 (1985), p. 216; Seminário 4 (1995), p. 313, 332; Seminário 7 (1997), p. 99, 106, 189, 245.

<sup>57</sup> Ver Seminário 7 (1997), p.138, 237; Nomes-do-Pai (2005), p. 28; Seminário 12 (*inédito*), p. 260.



transgressão ao crime, a lei cumpre um papel mediador. É somente a partir da fundação da lei que um determinado ato pode ser tomado como crime.

Se a lei é o que institui o crime, colocando-se como primeira nesta relação, por sua vez, a moral é o mecanismo de evitação da transgressão. A moral seria o que impõe um ideal de conduta ao gozo transgressivo. Ela pretende submeter um gozo particular a uma regra universal. Enquanto a lei se sustenta na representação simbólica, a moral aponta para o objeto sexual que tenta evitar. Freud identifica a presença da moral em sua abordagem dos povos primitivos. Especificamente no escrúpulo desmesurado com que eles se esforçavam em impedir as relações incestuosas no interior de suas tribos.

Por isso Lacan (1997) ratifica: “Freud fornece, quanto ao fundamento moral, (...) a afirmação da descoberta, creio, de que a lei fundamental, a lei primordial, aquela onde começa a cultura na medida em que se opõe à natureza (...) é a lei da interdição do incesto” (p.86). Assim, a moral seria uma referência que precede à instauração da lei. Trata-se do estabelecimento de comportamentos exemplares que tentam responder àquilo que a lei não consegue regular.

Esta articulação nos permite perceber o pivô de sustentação da moral, o que poderíamos designar como uma erótica da transgressão. Lacan (1997) propõe: “Temos de explorar o que o ser humano, ao longo dos tempos, foi capaz de elaborar que transgredisse essa Lei, colocando-o em uma relação com o desejo que ultrapassasse esse vínculo de interdição, e introduzisse, por cima da moral, uma erótica” (p. 106).

O autor torna isso mais evidente quando afirma que os dez mandamentos se destinam a manter todos à distância da realização do incesto. Ele destaca o mandamento: “Não cobiçarás a mulher do próximo”, apontando ao mesmo tempo que se trata de uma proibição violada a cada dia. O mandamento, ao mesmo tempo que interdita o objeto de desejo, incita o sujeito a buscá-lo. Só há desejo porque há a interdição para localizá-lo, sempre como um desejo dirigido ao que foi proibido.

O que se evidencia é o modo como a moral, na medida em que investe em medidas de evitação da transgressão, serve de sustentação ao gozo transgressivo. Ou seja, ao mesmo tempo que se evita o incesto, constitui-o como objeto de investimento da pulsão.

Assim sendo, a transgressão poderia ser tomada como uma espécie de falta moral. Foi a isso que Hall (1906) se dedicou para erguer sua proposta de uma reforma moral que pretendia uma certa domesticação da pulsão para tentar recolocar os jovens nos trilhos do ideal de conduta da sociedade da época.

Por sua vez, Lacan (1997), em tom épico, dá contornos heroicos à transgressão. Ele a toma como a única via de acesso ao gozo sexual. Isso exige um forçamento, a ultrapassagem da barreira proibitiva. O franqueamento deste limite é o que permitiria ao sujeito escapar à rotina de uma satisfação sempre insuficiente. Todavia, é preciso a existência de um obstáculo para que o sujeito se sinta convocado a transgredi-lo. É na medida que o sujeito se desvencilha deste interdito que ele poderá se erguer em seu triunfo.

#### 2.4.4. *A transgressão como irrupção de gozo*

Em um momento posterior de seu ensino, Lacan (2003) aponta que o desejo não se satisfaz em ultrapassar uma fronteira: “É para além da fronteira ultrapassada que começa o desejo. Evidentemente, isso parece frequentemente o caminho mais curto, mas é um caminho desesperado. É por um outro lugar que se faz a passagem” (p. 308).

Isso permitiu a Lacan (2005) abdicar do tom épico e se dedicar a definir a transgressão a partir da estrutura. Retoma a ideia de uma barreira não a partir do incesto, mas referindo-se ao termo impedimento. Impedir é apanhar na armadilha. Ele demonstra que o que se impede não é o objeto como proibido ou o ato transgressor, mas o sujeito.

Na medida em que o sujeito avança em direção a um gozo distante, ele se deixa capturar na armadilha narcísica de sua própria imagem, do que ele considera ser para o Outro. Esta é a armadilha, o fato do sujeito estar capturado em ser o falo para o Outro. É por isso que, quando avança em direção ao gozo, se depara com o que a imagem esconde, um furo na sua intimidade. Ele experimenta um resto, dejetado da operação, o qual ele retém como algo que o leva à compulsão.

Com isso, Lacan (1998) conclui que há um gozo no circuito do sujeito em busca do objeto de desejo. Ou seja, para ter acesso ao gozo não é necessária uma transgressão, mas apenas prosseguir no caminho normal da pulsão. O objeto perde seu caráter mítico de objeto perdido, proibido. Trata-se apenas da presença de um vazio que tentamos preencher, por exemplo, com a ideia da mãe como objeto privilegiado. É em torno de um buraco que construímos o romance familiar e a ideia de um gozo perdido que deve ser acessado por um franqueamento. A barreira do incesto seria apenas um acréscimo, uma metáfora da barreira ao gozo que a estrutura comporta.

Essa elaboração conduziu Lacan (1992) a adjetivar a transgressão como uma palavra lúbrica. Ele rompe com o paradigma anterior de modo contundente: “não se transgride nada. Entrar de fininho não é transgredir. Ver uma porta entreaberta não é transpô-la” (LACAN,

1992, p.17). Não se trata mais de transgressão, mas sim de irrupção. Algo do gozo está em excesso como efeito da própria estrutura. O circuito da pulsão engendra um desperdício de gozo e a repetição do ir e vir em torno do objeto tem como propósito uma recuperação desse gozo a mais, um suplemento.

Com isso, Lacan (1992) fornece uma nova perspectiva de leitura da fixação no objeto incestuoso. Quando o adolescente escolhe objetos substitutivos, ou mesmo mantém o investimento na mãe, o que está em jogo não é simplesmente o reencontro do objeto perdido, mas a tentativa de recuperar um gozo que está ali desperdiçado.

Após esta constatação, em um momento seguinte de seu ensino, Lacan (1992) esclarece qual a via para se seguir que não seja a da transgressão e aponta que há um limite que resiste à articulação da lei simbólica. Isso é o que Lacan (1992) chama de real, um gozo impossível de ser articulado em um discurso. Um gozo sem lei. O fundamental não é transgredir o obstáculo, mas contornar um objeto inalcançável. Um objeto que não pode ser atingido por estrutura e não porque há algo que o proíbe. Lacan (1992) diz: “este impossível na medida em que ele se demonstra, não se transgride” (p.116).

Podemos traduzir esta mudança de perspectiva em uma passagem da impotência ao impossível: se o sujeito toma o objeto como interdito, isso o coloca sempre impotente diante de um impedimento, em uma busca incessante e fracassada por atingir o objeto. Pois acredita que há ali um gozo a ser alcançado. Por outro lado, se o objeto se localiza como impossível o gozo não está em acessá-lo, mas no modo como ele orienta o circuito da pulsão.

#### 2.4.5. *A transgressão heroica*

Lacan (1985) esclarece a distinção entre a impotência e o impossível ao introduzi-la na partilha sexual. Há um modo muito distinto de abordar a questão do limite do lado do homem e do lado da mulher. No masculino se instala um limite, um universo ordenado, finito, composto por elementos contabilizados, o que nos permite dizer que há uma lei que se aplica “para todos”. Tudo que ultrapassa esta fronteira define-se como transgressão.

Portanto, não se trata de abdicar da noção de transgressão, mas constatar que há um lugar onde ela não opera como uma referência. É o que está em jogo do lado feminino da partilha, que Lacan (1985) definiu como não todo. Aqui, trata-se de um conjunto infinito, sem limites, onde não há como contabilizar os elementos que o compõem. Em um conjunto de existência indeterminada como este não há como se produzir qualquer tipo de negação ou contradição. Não há contra o que se rebelar, nem o que ultrapassar. Não há transgressão.

Podemos abordar esta distinção de outro modo. O gozo masculino é sempre transgressor na medida em que visa um objeto fora dos limites do seu próprio corpo. Já para a mulher, não há este fora do corpo, o gozo se produz no próprio corpo na medida em que o corpo da mulher é sempre experimentado como Outro. Isso é verificado no modo como as mulheres experimentam uma estranheza em relação ao próprio corpo, como efeito deste ilimitado.

Segundo Miller (2016), isto nos permitiria contrapor a prudência, a timidez e a proteção do homem com a intrepidez, a audácia e o risco da mulher. Mas como poderíamos abordar os adolescentes autores de atos infracionais dos quais trata nossa pesquisa a partir destas referências? Como falar de prudência para sujeitos que se arriscam em atos que infringem a lei?

Miller se propõe a verificar o valor que cada uma das virtudes citadas adquire de um lado ou de outro da partilha. Destacaremos aqui a questão do risco. Do lado da mulher, o risco não reconhece fronteiras, é cego, sem temor algum. Do lado do homem, ele implica afrontar a lei, não sem medo. É “um risco de transgressão” (MILLER, 2016, p. 34). Nesse sentido, Miller (2016) acrescenta ao repertório masculino o heroísmo:

É que o herói é aquele que transgride, aquele que vai além do limite. Isso supõe que ele opere num espaço onde é constituído o limite. É por isso que o caráter de herói está no lado masculino. A burguesa é aqui uma parceira do herói. Todo herói tem a sua burguesa. É o parceiro caracterizado pelo fato de que, para ele, não existe transgressão e, por isso, assegura a direção. Os papéis desse par se distribuem a partir do lado masculino. (p. 15)

É digno de destaque que a transgressão no homem seja dirigida pela sua parceria, com a mulher abordada como objeto causa de desejo. Ou seja, a transgressão só se coloca do lado masculino a partir do papel que este homem atribui à mulher na sua fantasia, como quem o conduz a ir mais além da fronteira.

Tratar da transgressão como algo que faz existir a parceria entre um homem e uma mulher é dizer que ela é um sintoma. Ou seja, uma resposta inventada para o impasse da relação entre os sexos. Será disso que se trata para os adolescentes de nossa investigação? Ou seja, na medida que se apegam à mãe como objeto privilegiado fazem dela o que os lança para a prática transgressora?

Esta ideia da transgressão como um elemento posto em cena pelo filho no seu direcionamento à mãe ressurgiu posteriormente no ensino de Lacan (2007) de um modo que merece destaque. Trata-se de um seminário em que Lacan (2007), após a solicitação de

Jacques Aubert<sup>58</sup>, um conhecedor da obra de James Joyce, aceita a proposta de dedicar aquele ano de seu ensino aos textos do escritor irlandês. Em uma das aulas do seminário, Jacques Aubert realiza um comentário de um trecho de um diálogo de um dos episódios do livro *Ulisses*<sup>59</sup>.

O diálogo envolve, a princípio, um filho e seu suposto pai morto. Depois de criticar o filho, o pai diz: “Você não tem coração [...] Você não é meu querido filho Leopold que abandonou a casa do pai e abandonou o Deus de seus pais Abraão e Jacó?” (LACAN, 2007, p.167-168). Um filho que apesar de se separar do pai não deixa de demonstrar horror por sua morte: “Pobre papai! Pobre homem! Fico feliz de não ter entrado no quarto para olhar para o seu rosto. Aquele dia! Ó Deus! Ó Deus! Ffu! Bem, talvez tenha sido melhor para ele” (p. 171).

Após a apresentação desta problemática do filho com o pai, segue-se outra cena que se inicia com o pai repreendendo o filho severamente, o qual havia retornado para casa bêbado, sem dinheiro e sujo de lama: “uma noite eles trazem você para casa bêbado: eu lhe peço, nada de humor fora de lugar, falemos antes das transgressões que lhe cabem” (p. 173).

Contudo, se todo o dilema do filho parecia centrar-se na derrisão do pai, no momento em que se trata de sua transgressão, algo se revela. O pai diz: “Foi um belo espetáculo para sua mãe... não fui eu, mas ela, que não ficou contente.” (p. 174). Neste instante, quando a mãe aparece, o filho exclama: “Mamãe!” Ao que ela responde com surpresa: “Ó Abençoado Redentor... o que é que fizeram com ele!... Sagrado Coração de Maria, onde é que você se meteu?” (p. 175).

Por trás do heroísmo de um filho que abandona a casa do pai, apresenta-se um ato que evidencia o menino como objeto oferecido à mãe. Retornamos, então, a esse ponto de impasse que merece nossa interrogação: em que medida se trata de um filho tentando se situar como objeto da mãe ou de um garoto se dedicando a tomar posição como homem?

Mais uma vez estamos diante da problemática da separação do Outro materno. O nosso percurso teórico nos evidencia a mãe como peça fundamental para o filho adolescente. Deparamo-nos com modos distintos de parceria com o Outro materno. Parcerias em que predominam o desejo ou o gozo da mãe. Neste momento de saída da infância, há consequências distintas estar diante do desejo ou dos excessos maternos.

---

<sup>58</sup> Escritor e ensaísta especializado em James Joyce. Tradutor do livro *Ulysses* para o francês. É professor emérito da Universidade Lumière-Lyon II. Publicou, entre outros, *The Aesthetics of James Joyce*.

<sup>59</sup> Do original: *Ulysses*. É um romance do escritor irlandês James Joyce, publicado pela primeira vez em 1922.

Daqui em diante, lançaremos mão de um filme e de duas entrevistas com adolescentes para compreendermos as particularidades desta parceria com a mãe, na articulação entre adolescência e transgressão. Buscaremos localizar, em cada caso, as dificuldades envolvendo a passagem da infância para a vida adulta e o que pode dificultar a separação do Outro materno. Também buscaremos explicitar o lugar que a transgressão ocupa na vida de cada um dos adolescentes em questão.

### 3. A TRANSGRESSÃO NO DIFÍCIL TRAJETO DE TORNAR-SE HOMEM

O filme francês “*De cabeça erguida*”<sup>60</sup>, dirigido pela cineasta Emmanuelle Bercot e lançado no Festival de Cannes, em 2015, serve-nos de ilustração para a introdução dos principais elementos clínicos que pretendemos destacar. O protagonista é Malony (Rod Paradot), um adolescente muito ligado à sua mãe e a seu irmão pequeno. Sua jovem mãe, irresponsável, drogada e instável, não oferece um suporte afetivo e educativo satisfatórios.

Ao longo da trama o jovem se vê encaminhado pela juíza de direito da Vara da Infância e da Juventude (Catherine Deneuve) para diversas instituições cada vez mais penosas. Sua escolaridade desastrosa é interrompida e ele apresenta crises de violência fora de seu controle e múltiplos delitos. Entretanto, a magistrada persiste em tentar ajudá-lo, mesmo verificando que ele atinge pouquíssimos resultados, e apesar do comportamento frequentemente hostil, mas às vezes cativante.

O filme mostra as tribulações do adolescente que, acompanhado por um educador determinado a salvá-lo e protegido pela juíza que acredita nele, oscila entre progressos e recaídas. Mas levanta a cabeça até que algo se desponta como uma esperança de vida realizada.

Deste filme, destacaremos alguns elementos. Pretendemos evidenciar como a transgressão na adolescência pode se encontrar articulada ao amor à mãe. Além disso, buscaremos esclarecer a dinâmica presente nos percalços da difícil transição do adolescente entre a posição infantil e a posição de homem, tendo a relação à mãe como um referencial primordial deste debate.

#### 3.1. De dejetos a campeão do mundo

Duas cenas impactantes abrem o filme. Na primeira, o protagonista Malony, ainda com 6 anos de idade, acompanha sua mãe Séverine em uma audiência com a juíza Florence Baque. Ele observa atento a cena em que sua mãe é acusada de negligência em relação à sua educação e cuidados. A juíza, ao comunicar à mãe que definirá uma medida de proteção, esta reage agressivamente, indagando: “Então, sou um perigo público?” E, em seguida, interpreta o veredito dizendo: “A senhora quer é um filho, assim? Que faz birra para não ir à escola?”

---

<sup>60</sup>Filme francês, no original intitulado *La tête haute*, que abre a 68ª edição do Festival de Cannes, em maio de 2015.

Que não me larga? Que está sempre quebrando tudo e o que for?” A juíza, observando o menino, pondera: “Mas ele parece sossegado”. Ao que Séverine objeta: “Ele está assim de propósito, porque sabe que está diante de um juiz e que até mesmo seu pai cansou de vigiá-lo.”

Na sequência, agressões verbais são lançadas contra o pai da criança: “Esse senhor, como dizem, me largou como um saco de lixo. Bem, esse idiota é uma merda!” Trata-se, de fato, não do genitor, mas do padrasto, que assumiu a paternidade de Malony. O que se vê é que Severine atribui ao filho o mesmo lugar que atribuiu a este pai que um dia foi seu homem, pois ela diz: “Criei um monstro. É igual ao pai” ou “Malony não sabe se comportar. É como o pai e o avô”.

Mostrando-se cada vez mais descontrolada, Séverine pega uma sacola, joga-a em cima da mesa da juíza e grita: “Tome! São as coisas dele.” A juíza pede calma. A mãe continua: “É mais do que bastante para esse inútil. Quer ficar com ele? [...] Pode ficar sem problema! Boa sorte, ele dá um trabalhão para todo mundo. Não aguento mais! [...] Pode ficar com ele!” E deixa a sala, largando o filho para trás. Malony acompanha com o olhar assustado o movimento da mãe; vê-se escorrer uma gota de lágrima de um dos seus olhos.

Na cena seguinte, Malony é um adolescente que dirige em alta velocidade um carro roubado, fazendo manobras perigosas. No banco de trás do veículo, sua mãe e irmão Tony divertem-se, levantando os braços e vibrando. Ela abraça o filho Malony clamando: “Campeão do mundo!”. Ele sorri, demonstrando grande satisfação e domínio do carro. Avistando um espectador na rua, a mãe incentiva o filho: “Acerte! Vá!”. Malony fica eufórico, acelera e grita.

O que estas duas cenas nos apresentam dessa relação mãe/filho?

A primeira põe em evidência o valor do filho para a mãe: um inútil, uma merda. É o que ela vocifera. Mais precisamente o que o seu filho de 6 anos reencarna como substituto fálico é um objeto sem valor, um objeto dejetivo, que pode ser largado, deixado cair, entregue ao Outro – representado no filme pela juíza – para que este Outro lhe resolva este problema.

Como vimos, para a psicanálise, a criança é o substituto do falo quando está identificada ao objeto imaginário do desejo da mãe. No filme, outras cenas também demonstram o valor que Malony tem enquanto substituto fálico. Malony agride uma diretora de uma instituição e a mãe o repreende: “continua um idiota”. Em outro momento, a mãe expõe o lugar dado ao filho: um delinquente, um monstro. Em uma audiência, após Malony cometer outros atos transgressores, ela diz à juíza: “desde que começou a andar ele sempre foi um delinquente”. A juíza a repreende: “já que veio à audiência que seja para dizer algo



construtivo”. Mas a mãe continua de forma dramática e chorosa: “Estou cansada, cansada de segui-lo à delegacia, ao tribunal. Não aguento mais. Criei um monstro”.

Malony reverbera este lugar de dejetos. Identificado a essa posição, em vários momentos ele se coloca em uma situação de ser largado. Quando essa posição se evidencia, ou seja, quando ele se deflagra reeditando a cena, reage agressivamente. Por exemplo, no encontro de Malony com o primeiro educador nomeado pela justiça para acompanhá-lo. Porque ele não cumpriu as regras combinadas, o educador anuncia que está desistindo do jovem: “Vim porque estou de serviço e por respeito à Sra. Blaque [juíza]. Mas é a última vez que me vê. O responsável pelo serviço já designou outra pessoa. Não posso ajudar quem não quer ser ajudado”. Nervoso, Malony evidencia o seu lugar: “Ajudar-me é colocar-me com a escória?”. O educador não deixa por menos e ratifica: “E você não é escória?”. Lançado ao lugar de um objeto sem valor e reconhecendo sua imagem em seu opositor, ele reage. Acusa o educador de inútil, nomeação que sua mãe lhe atribuía. Como desdobramento da cena, Malony agride o educador e ameaça de morte a sua família.

Com o segundo educador, Yann (Benoît Magimel), inicialmente também não foi diferente. Diante das provocações de Malony o educador “perde a cabeça”. Ele chama o adolescente de otário e inútil, acusando-o de não saber fazer nada com as mãos a não ser roubar. Malony repete a cena anterior: “O que sabe fazer? Não faz nada por mim. É o cão da juíza. Só me enche, idiota”. A saída novamente é agredir o semelhante.

Contrastando com este lugar de dejetos, na segunda cena do filme, Malony é o “Campeão do mundo”. Este é um outro lugar em que o jovem se aloja enquanto valor fálico para a mãe. Por isso, ela vibra e acha o máximo o filho dirigindo o carro. Para Malony importa menos o roubo, o que vale é ser fera, um ás do volante. Isso, inclusive, define a sua posição enquanto homem. E ele faz disso o seu cartão de visita. O que pode ser visto em um encontro com Tess, a garota que será peça fundamental da trama. Quando ela pergunta sobre sua habilidade, uma vez que nem todos os delinquentes sabem dirigir como ele, o jovem responde, com orgulho e satisfação: “Não sabem mesmo. Não como eu. Minha mãe diz que eu dirijo como um Deus”.

A velocidade, a competência em conduzir um automóvel, fazem dele um Deus para a mãe. Isso o diferencia dos demais delinquentes. É neste ponto que ele encontra o seu valor fálico, passando, ainda que fora da lei, de merda para campeão. Ele faz um movimento de sair de um lugar onde é completamente desvalorizado, de onde pode ser deixado cair, e consegue encontrar um ponto onde é valorizado. Trata-se de um lugar que o localiza no campo do Outro em um momento de passagem da posição infantil a de homem. É a partir desta referência que

ele organizará a sua vida futura. No entanto, terá um longo caminho pela frente, visto que a princípio a via para ser o “campeão do mundo” é a da transgressão, tendo a mãe como cúmplice e objeto privilegiado de seu amor.

### **3.2. Uma parceria transgressora, apesar da lei**

Desde a primeira cena do filme a juíza Florence Baque é convocada a intervir nesta relação de Malony com sua mãe. Ela funciona como um Outro que tem um papel de mediador desta relação mãe/filho.

Inicialmente, Malony assume uma postura hostil e desafiadora com esta juíza. Por outro lado, mantém uma cumplicidade com a mãe, evidenciando uma articulação entre a transgressão e o amor à mãe. Na audiência, o jovem se recusa a se sentar e tirar o boné. Mantém-se de cabeça baixa e calado. Ao ser questionado sobre sua carteira de motorista, Malony olha para a mãe e ambos riem. A juíza imediatamente os recrimina e se dirige a Severine, em uma tentativa de barrar o seu excesso. Malony entra em sua defesa: “A culpa não é dela”. A juíza o interrompe. A mãe dá uma piscada para o filho, mais uma vez demonstrando cumplicidade. Em tom de ameaça, a juíza diz à mãe que ela poderá perder os filhos caso não demonstre maturidade para educá-los. E Malony novamente a defende: “Ela me disse. Mas não dei atenção”.

A juíza decide por uma advertência para Malony e determina que ele volte a estudar e se comporte bem. Caso contrário tomará decisões mais severas. Mas o jovem não cumpre as condições e logo está de volta diante da juíza, acusado, mais uma vez, de roubo de carro e agressão à proprietária do veículo.

É sempre o carro que está em cena em suas transgressões. Este que funciona como um objeto fálico, que permite a Malony circunscrever um gozo limitado, que pode ser contabilizado. Por isso, ele entra em uma repetição que o possibilita fazer série deste objeto que o viabiliza ser o campeão do mundo. Este traço que ele extrai do desejo da mãe permite-o se localizar no campo do ter. Ou seja, ter o carro se mostra como uma tentativa de Malony se colocar enquanto homem. Isso é visto, por exemplo, na cena em que a juíza o questiona se não pensou que o roubo e a agressão cometidos poderiam acontecer à sua mãe. Isso o leva a responder: “ela não tem carro”.

É na medida em que a mulher, do lado do ter, é marcada por um menos, que um homem pode se oferecer a ela como quem tem o que lhe falta. Se, por um lado, ser “inútil” remete à sua posição como filho – ser o falo da mãe –, o “campeão do mundo”, que se refere

ao modo como ele dirige um carro, parece ser um nome do qual ele se serve para tentar viabilizar a posição masculina – ter o falo para oferecer à mãe. Ser o “campeão do mundo”, neste sentido, realiza sua fantasia incestuosa com a mãe. É nisto que o carro roubado parece ter uma função precisa: a de viabilizar o acesso a um gozo transgressor, proibido, revelando aí esta relação entre a transgressão e o amor à mãe.

Interessante destacar a posição da juíza com Malony. Ela não recua de seu lugar. Quando o adolescente tenta recusar Yann, o segundo educador, ela não lhe dá opção, afirmando que a decisão não era dele. Ele insiste e anuncia que não gostará do educador, mas a juíza não se intimida: “Não queremos que goste, queremos que faça algo. Não estamos aqui para gostar de você, mas para ajudá-lo”.

O adolescente se incomoda com o olhar do educador e mais uma vez traz para a cena a mãe: “Só minha mãe tem esse direito”. O olhar da mãe o localiza em um lugar de exceção. Mas a juíza propõe que Malony seja olhado como todos, o que coloca em ameaça sua posição de destaque, quando está frente a um semelhante. Em resposta à fala de Malony, a mãe acaricia a sua cabeça, evidenciando a parceria mãe/filho.

Desta vez, a juíza decide pela internação de Malony em um “centro educativo de recuperação”. Logo após a audiência, ignorando esta decisão, a mãe convoca o filho a atender à sua demanda, em uma parceria às expensas da lei. Enquanto Malony aguardava para ser encaminhado à instituição de internação, a mãe lhe indaga se ele não buscaria o irmão na escola. O jovem, surpreso, lembra a esta do impedimento imposto pela justiça: “O que está dizendo? Não posso. Estou preso aqui. Vá você”. A mãe, então, resolve que o filho Tony volte para casa sozinho.

Se por um lado, no lugar de filho, Malony resta como um “inútil”, aqui ele ocupa outro lugar. É ele quem dá a direção: “Vá buscá-lo, já disse. Ele [...] vai esperar por mim. Depois a diretora vai chamar a polícia...”. Mesmo inconformada a mãe obedece ao jovem, saindo para buscar Tony. Nesta cena Malony é aquele que, enquanto homem, reconduz Severine ao universo limitado e regulado pelos compromissos e interditos.

A condição para o sujeito se colocar enquanto homem é se separar da mãe. Isso implica abdicar de ser o objeto que lhe falta para se colocar como quem o tem. É a posição que o adolescente irá construir em sua fantasia sexual. O modo como ele constitui a sua relação com uma mulher. Contudo, Freud (1919/1996) deixa claro que a construção da fantasia na puberdade se realiza a partir da retomada de uma cena infantil. Ele diz que, com a chegada da puberdade, “as crianças ingressaram numa nova fase do desenvolvimento, na qual são compelidas a recapitular [...] a repressão de uma escolha objetual incestuosa” (p. 204). O

adolescente retoma da infância uma cena traumática. A abertura de um vazio, indeterminado no desejo da mãe, retira o filho de um lugar privilegiado e localiza a mãe como um objeto proibido. A retomada dessa cena servirá de subsídio para o trabalho ao qual o adolescente terá que se dedicar para constituir sua posição como homem na fantasia.

### **3.3. A mãe insaciada e o desejo clandestino**

Nesta difícil transição entre a posição infantil e a de homem, Malony se encontra às voltas com a problemática do encontro com o Outro sexo. Quem desperta o seu interesse é Tess, filha de Cleudine, educadora da instituição onde Malony cumpre a internação.

Tess surge pela primeira vez diante de Malony em uma conturbada situação. Sob a orientação de Cleudine, o jovem tenta escrever uma “carta de motivação” para entrar em uma escola. Contudo, as críticas ou sugestões da educadora deixam Malony transtornado. Ao ser interpelado a escrever sobre si, nervoso o jovem replica: “Dizer o que? Que sou delinquente, que só estou esperando ser julgado?”. Identificado ao objeto desprovido de valor, que pode ser deixado cair, ele declara: “Não sirvo para nada. [...] Nunca me aceitarão”. Diante desse lugar insuportável em que o adolescente é remetido, ele abandona por várias vezes a tarefa e fica na eminência de agredir a educadora, o que o leva a pedir que ela se afaste. Assistimos à repetição do mesmo embate com o Outro. Uma relação de agressividade imaginária, no qual a entrada do Outro gera sua vontade de rebaixá-lo.

Em uma das tentativas de retomar a atividade, Malony é surpreendido com a presença de Tess. Ela desperta o seu olhar no momento em que interfere na atividade de escrita da carta. Ela discorda de uma crítica de Cleudine e apoia a proposta do jovem. Essa atitude dá a Malony um lugar distinto do que, até então, as intervenções de Cleudine o lançavam. A escrita, enfim, é finalizada.

Contrária à posição de Tess, a mãe de Malony inutiliza o seu esforço. No dia seguinte, o jovem liga para ela e conta sobre a escrita da carta que o possibilitaria voltar a estudar. Por sua vez, a mãe exclama: “Que idiotice”. Ele tenta argumentar: “Cleudine disse que é assim que se faz”. Porém, a mãe insiste: “Para mim é uma idiotice”. O filho se cala.

A identificação ao lugar de dejetivo se atualiza no tão esperado encontro com a diretora da escola. Ela faz provocações do tipo: “Parece que você e a escola não se dão bem”; “Acordou um pouco tarde”; “Vai andar com crianças de 13 anos de idade. Não sei se vale a pena”; “Seu problema de violência está resolvido?”. Malony, cada vez mais nervoso, tenta se controlar e com o olhar pede ajuda ao educador. Porém, em sequência, a diretora atíça o

jovem dizendo que não haveria policiais na escola. Afetado, em um ato de fúria, Malony grita: “Não!” e abruptamente abandona a sala da diretora.

Perturbado por este encontro, o jovem vai a uma boate, onde bebe e dança música eletrônica de forma agitada: pulando e dando murros no ar. Tess, que também está no local com uma amiga, observa-o de longe. Até que sua amiga o aborda e os três saem juntos da boate em um carro roubado. Após parar o veículo para a amiga de Tess que estava passando mal, Malony a abandona na estrada. Ao ser questionado, ele diz a Tess: “É uma puta”.

Ao contrário do lugar de objeto desprovido de valor em que se viu lançado há poucas horas, neste momento Malony se mostra orgulhoso no volante. É nesta cena que Tess o questiona sobre sua habilidade em dirigir. Ele relembra a fala da mãe de que ele dirige como um Deus.

Já em seu quarto e embaraçado com o encontro com uma garota, Malony aborda Tess de forma truculenta: “Você não serve para nada. O que você quer? Sabe chupar?”. Ele abaixa as calças: “Vamos! Chupe, senhora”. Ela não reage e se mantém calada. Ele ri, veste a calça e pergunta o que ela sabe fazer. Ela o beija. Em um primeiro momento, ele retribui o beijo, mas depois reage: torna-se violento e a acusa de bancar a puta. Mais uma vez, refere-se a uma garota como puta, indicando ser esta uma via para acessar uma mulher. Uma relação sexual acontece. Durante o ato, Malony é violento. Tess chora e pede que ele pare. Ele continua e, ao fim, angustia-se e chora. Tess o abraça.

A violência com que o ato sexual acontece parece indicar uma articulação entre gozo sexual e transgressão. Ou seja, para se colocar como homem, ele torna necessário um forçamento, ultrapassar uma barreira. Por outro lado, Malony parece impedido de tomar como objeto de amor alguém que não seja a mãe. A relação amorosa com uma mulher o embaraça, na medida em que o coloca em relação com a causa de seu desejo. Diante disso, ele refutará os atos de carinho de Tess, comportando-se de forma agressiva e hostil a qualquer gesto amoroso que a jovem passa a lhe direcionar.

Após o encontro com Tess, Malony reafirma o seu amor à mãe: ele liga para Severine, chora e declara sentir muito a sua falta. O encontro com uma mulher parece ter como efeito uma certa separação da mãe, o que o coloca em falta. Se a mulher o divide, é na mãe que ele tenta encontrar a possibilidade de aplacar essa falta.

### 3.4. Do amor como repetição ao amor como invenção

A mãe de Malony pede socorro. Procura o filho, demanda que ele durma com ela naquela noite e o abraça. Chorando, conta: “Tiraram meu pequenino. Duas crianças e as duas me foram roubadas”. Tony, o filho mais novo, havia sido intoxicado com a maconha que ela fumava com o parceiro. A juíza o encaminhou para um abrigo e ela só poderia recuperá-lo depois de um tratamento. Malony fica perturbado com a demanda da mãe. A mãe conta que suplicou à juíza que não poderia passar o Natal sem seus filhos, mas não foi atendida.

Malony promete à mãe que no Natal estariam os três juntos. Em um ato heroico, que evidencia a transgressão articulada ao amor à mãe, na mesma noite o jovem resgata Tony do abrigo, utilizando um carro roubado. Dirigido pela demanda materna, o jovem ultrapassa os limites para tentar se constituir como homem no papel de herói. Aquele que acredita ser o único que pode salvar a mãe. Contudo, no retorno desta transgressão um novo encontro com Tess acontece. Desta vez, marcado por demonstrações recíprocas de afeto, o que o leva a convidar a jovem para seguir viagem. Ela explica seu impedimento, mas promete que se encontrarão posteriormente. Na medida em que se orienta por sua causa de desejo na parceria com Tess, Malony fica dividido entre a demanda da mãe e um novo amor. Sua parceria incestuosa com a mãe, que o levava a privilegiá-la como único objeto de amor, vê-se abalada.

No retorno para a casa, acompanhado de seu irmão, Malony perde a direção do veículo e sofre um acidente. Ele é novamente preso e em audiência recusa-se a falar. Permanece de cabeça baixa. Após a intervenção do procurador de justiça, a juíza decide por uma punição mais severa: a prisão em um estabelecimento prisional. O jovem responde: “Obrigado”. Essa cena nos remete à Lacan (2003), que afirma que quando o sujeito busca a punição ele visa a responsabilidade e “em certas situações talvez seja mais humano permitir que ele encontre” (p.128).

Parece ter sido esta a interpretação da juíza diante das atuações do jovem. Ela consente em conduzi-lo ao lugar onde qualquer um nesta situação seria levado. Diferente daquele menino que debochava do rito da audiência, sustentado na cumplicidade com a mãe, agora Malony consente com a decisão, mostrando-se afetado pela interferência da juíza.

No sistema prisional, ele chora, pedindo pela mãe: “Quero minha mãe”. A mãe parece ter uma função cada vez mais em falta para o jovem. Na cena seguinte, ele recebe a visita dela. Ele quer saber se o irmão está chateado com ele, referindo-se ao acidente de carro. A mãe minimiza o fato: “Eu disse a ele que podia acontecer a qualquer um. Foi só falta de sorte. Não deve se culpar. Tem que pensar em você. Em sair desta merda”.

Diferente das outras situações, desta vez o ato transgressor parece ter para Malony um outro lugar. Ele sabe da gravidade do que fez e espera da mãe uma ratificação disso. Mas a mãe banaliza o seu ato e, mais uma vez, mostra-se condescendente.

Por outro lado, na cena seguinte sobressai a posição de Severine enquanto mulher, demonstrando a sua dificuldade em conciliar esta posição com a maternidade. Malony quer saber por que a mãe está se recusando a lhe dar o seu novo número de celular. A mãe tenta se explicar: “estou sozinha como um cão. Tony não está, você está preso. Não vou esperar por vocês”. Confessa que conheceu um cara, mas Malony permanece sem entender a ligação entre os fatos. Ela, então, esclarece: “É idiota? Ele não sabe que tenho filhos”. Com raiva, o jovem abruptamente abandona a sala de visita sem se despedir da mãe, que não entende a reação do filho.

Apesar de deixar Malony furioso, esta cena terá efeitos de separação, contribuindo para sua posição enquanto homem. Além disso, o encontro amoroso com Tess já demonstrava ter produzido uma nova posição diante dos excessos da mãe. Uma tentativa de separação.

### **3.5. Ser “Um-entre-outros”**

Ainda na prisão, uma revelação se dá: Tess está grávida. Malony reage de forma agressiva. Aos gritos, ele diz: “Não vai ter um filho com 17 anos de um homem que só viu três vezes na vida. Não vai tê-lo. Filhos não são brinquedos. Eu não o quero”. Ele pega Tess pelo braço e pergunta: “Por que faz isso comigo?”.

No dia do seu julgamento, o jovem que antes se mantinha de cabeça baixa e em silêncio nas audiências com a juíza, pela primeira vez toma a palavra de cabeça erguida. Ele explica: “Não pensei direito. Só faço bobagem. Fiquei enlouquecido quando soube que meu irmão estava em um orfanato”. Lacan (2003) nos indica que a “cabeça erguida” está diretamente ligada à posição masculina. Em suas palavras: “Só nas nossas, línguas, é que isso circula de cabeça erguida, o todo” (p.558). Para o autor, o todo é o campo onde o homem se localiza a partir de um ordenamento pelo falo. O falo é o elemento que permite ao menino tomar posição como homem e acessar o próprio desejo. Nesta cena da audiência, é a primeira vez que Malony ergue a cabeça para tomar posição em relação ao que lhe afeta.

Por sua vez, a mãe, na mesma posição de antes, diz de forma dramática e aos prantos: “Meritíssima, não o culpe. O pai de Malony morreu, e ele...”. A fala da mãe é interrompida pelo adolescente: “Tudo bem. Eles já sabem. De que adianta chorar?”. A cumplicidade entre mãe e filho dá lugar a um sujeito que pretende responder pelos seus atos. O jovem explica os

motivos do ocorrido e quando a juíza, ao final, lhe dá a possibilidade de falar, ele diz: “Quero pedir desculpas a quem magoei. Sei que não estão todos aqui. Espero que a mensagem lhes seja transmitida”.

Apesar da presença excessiva da mãe, Malony demonstra um distanciamento desta, dando-nos indícios de que uma certa separação operou. Agora seu olhar se dirige à Tess, que também acompanha o julgamento. As trocas de olhares entre os dois jovens causam certo estranhamento à mãe.

Se consideramos que no desejo da mãe um filho é um objeto substituto do falo, podemos dizer que ele é “Um-entre-outros” objetos substitutivos do desejo da mãe. Isso é o que viabiliza uma separação entre a criança e a mãe. Ou seja, o fato de que o menino é apenas mais um substituto para um objeto ausente. Neste sentido, podemos dizer que o que separa um adolescente de sua mãe é situar-se fora do lugar de exceção que ocupa na parceria incestuosa. Isso implica colocar-se entre os iguais para encontrar ali o que o distingue de todos.

Ao final da audiência, a juíza decide que Malony deverá cumprir mais 06 meses em um “Reformatório”. Caso contrário, terá que cumprir 5 meses de prisão. O jovem olha para a juíza em sinal de consentimento.

Logo que chega ao reformatório, Malony foge para ir à clínica onde Tess se encontrava para fazer um aborto. Na sala de espera, o jovem encontra com Claudine, mãe de Tess. Ele lhe pergunta se ela acha que o aborto é a melhor opção. Claudine responde que sim. Ele quer saber: “Quer que ela aborte porque a criança é minha? Se eu fosse um bom rapaz, não teria dito isso a ela”. Claudine responde que teria dito. Diante dessa resposta, Malony invade a sala de cirurgia e impede o procedimento, dizendo aos médicos: “Não queremos, só isso”. Ele abraça Tess e, pela primeira vez, diz que a ama.

Lacan (2003) nos esclarece que “o homem se faz *O* homem por se situar a partir do Um-entre-outros, por entrar-se entre seus semelhantes” (p. 558). É neste lugar que a resposta de Claudine parece operar. Ao dizer que teria querido o aborto independente de quem fosse o pai, ela não situa Malony em um lugar de exceção. Ela o aborda como mais um dentre os outros. Isso o localiza no campo masculino, no lugar de todos iguais. Estar entre os iguais é o que permite ao homem localizar o que o faz singular. Ele precisa consentir em estar neste campo para poder, assim, se destacar. Somente aí poderá identificar em que se diferencia dos demais. É neste ponto que Malony é impulsionado a assumir uma mulher, o que implica tomá-la como causa de seu desejo.



Contudo, como destacamos anteriormente, esta passagem do adolescente da posição infantil para a de homem não é sem percalços. É o que Malony nos demonstra na cena seguinte, em que se vê novamente às voltas com esta transição.

No reformatório, para onde retornou após a ida à clínica de aborto, Malony recebe a visita de sua mãe. O jovem, na expectativa de sair com esta para uma visita de final de semana, é informado pela diretora da instituição que estava impedido por não ter cumprido suas obrigações e ter fugido. A mãe justifica a atitude do filho: “Ele não consegue ficar quieto. Sei que é complicado ficar fechado como animal...”.

Malony se indigna por terem feito sua mãe se deslocar até ali desnecessariamente. A diretora justifica a ida da mãe por querer que Malony confesse a ela o motivo de ter fugido, confrontando a relação do adolescente com Tess e sua mãe. Capturado na cena, ele responde irritado: “Cale a boca, não lhe diz respeito”. A diretora o repreende e a mãe complementa: “Não pode ser! Parece o mundo ao contrário. Pensei que tivesse mudado. [...] Mas continua um idiota”. Cada vez mais nervoso, o jovem solicita que convoquem a juíza para decidir. Mas a diretora se impõe: “Aqui sou eu que decido”. Malony reage: “Não gosta de mim? É preciso ser árabe ou negro?”. Mais uma vez a diretora o repreende e o interpreta: “não faça de mau diante de sua mãe”. Malony novamente se defronta com seu lugar depreciado como filho e com o impasse que isso cria para a sua posição como homem.

Em uma ocasião anterior de conflito com esta mesma diretora, que se encontra grávida, apesar de visivelmente irritado, Malony olhava para a barriga dela como se a maternidade constituísse uma barreira para um ato violento. Contudo, desta vez, após a fala da diretora, o adolescente chuta a mesa em sua barriga e grita furioso: “Vá se foder!”. Em seguida, demonstra tratar-se de um ato dirigido à mãe. Vira-se para ela e abre os braços: “Vamos, me bata!” A mãe, indignada com a agressão do filho a uma mulher grávida, o agride. Enquanto apanha, ele persiste: “Ela que morra! Que se foda”. A cena explicita uma tentativa desesperada dele separar-se da demanda materna. Ele encontra no ato violento uma saída.

Passada a situação, mãe e filho estão no jardim. A mãe acaricia o filho e eles se beijam na boca. Posteriormente, deitada no colo de Malony, Severine diz: “Tem que assumir o controle. Não pode fazer asneiras. O pai é responsável pelo filho. Não pode fazer filhos assim, por brincadeira. Cuidado! Um filho é para a vida toda”. Malony, não se mostrando muito à vontade com a conversa, se restringe a dizer: “Eu sei”. A mãe continua: “Pois é. Dá muito trabalho criar um filho. Eu estarei aqui. E vou lhe dar uma ajuda”. O jovem se mantém em silêncio. Parece não querer compartilhar com a mãe sua intimidade. A delimitação da vida privada vem se configurando como uma via para se separar da mãe.

Ao final, Malony parece encontrar uma saída distinta da via transgressora. Desde o início do acompanhamento do educador, o jovem se recusava a se engajar em um trabalho. Como se isso o desvalorizasse: “Não sou escravo.[...] Pode me prender se quiser.” Contudo, depois de tentativas malsucedidas de se colocar em um emprego, Malony aparece, ao final, dirigindo uma máquina empilhadeira com a função de transportar madeira para carregar os caminhões de uma madeireira. O jovem se diverte com a sua nova atribuição, demonstrando satisfação no desempenho da tarefa.

Separar-se da mãe implica em se separar de um lugar de exceção, em que a transgressão era a via privilegiada de acesso a um lugar de valor perante a mãe. Desta vez, o “campeão do mundo”, a exceção entre todos os homens, consentiu em se colocar em um lugar comum. Inserir-se no laço social. Se antes ele roubava carros para dirigir, agora ele dirige para trabalhar. Não é separado desta referência que Malony encontra um trabalho articulado ao seu desejo. Pois, como sabemos, foi sendo bom ao volante que o jovem encontrou um lugar onde pudesse ser valorizado no campo do Outro. Este lugar organiza a sua vida, inclusive profissional. Por isso, para assumir um trabalho ele se serve do que lhe possibilitou o primeiro acesso a uma posição viril: dirigir. Mas não mais como um Deus para a mãe, mas engajado na tarefa de se tornar um pai, ou melhor, um homem.

A paternidade localiza Malony como “Um-entre-todos”. É o que se atesta em uma conversa com o educador. Ao perceber que o adolescente estava inseguro quanto ao seu futuro como pai, o educador diz: “Dá medo, não é? Qualquer um sentiria medo, em seu lugar. Eu me preocuparia se não estivesse com medo”.

O filme encerra com duas cenas que retratam este desfecho. Primeiro, após completar 17 anos, Malony aparece no Centro Educativo recebendo de modo acolhedor um jovem que chora por ter acabado de chegar: “Não se preocupe. Aqui as pessoas são legais”. Em uma relação visivelmente mais cordial do que o de costume, o jovem passa a conseguir estar entre os outros na medida em que consegue tomar posição enquanto homem diante de uma mulher.

Por fim, a última cena: Malony sai do Palácio da Justiça, de cabeça erguida e abraçado com seu filho bebê, que ele acabara de levar para a juíza conhecer. Este ato demonstra o lugar desse filho para o jovem. Diferente da mãe, Malony não o deixa cair. Ele o coloca em um lugar distinto ao que um dia ele mesmo teve. Não é por acaso que, com orgulho, Malony o apresenta àquela que vinha sendo uma referência nesta passagem da posição infantil a de homem.

Em que Malony nos permite avançar? O jovem nos mostra que para um adolescente se colocar como homem, fora da relação com a mãe, é preciso saber se servir da posição que

ocupa enquanto objeto fálico. Se o “campeão do mundo” viabiliza um lugar de valor no desejo do Outro, é exatamente a isso que Malony recorre ao final, dando-lhe um novo uso.

A condição para um adolescente se separar da mãe é conseguir alojar o gozo masculino em um lugar comum, que o permita se posicionar entre todos os outros. Desse modo, ser “Um-entre-outros” não significa ser igual a todo mundo. Significa conseguir se servir do que lhe faz “Um”, do que lhe é próprio, no espaço comum do “entre outros”. Para isso, o sujeito precisa dar um destino aos encontros singulares da adolescência, seja com o feminino, com um novo amor, ou mesmo com a paternidade.

## **4. O ADOLESCENTE TRANSGRESSOR E SUA MÃE**

O que os adolescentes têm a nos dizer sobre o momento da adolescência e seus atos transgressores? Qual o lugar que suas mães ocupam nesta dinâmica? Recorremos aos próprios adolescentes em busca de compreendermos essas questões e, assim, tentamos avançar em nossa investigação. Para tanto, realizamos entrevistas com os adolescentes, utilizando como metodologia o dispositivo de Entrevista Clínica de Orientação Psicanalítica (ECOP).

### **4.1. Entrevista Clínica de Orientação Psicanalítica**

A Entrevista Clínica de Orientação Psicanalítica é uma metodologia utilizada pelo Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Educação (NIPSE), onde esta pesquisa se encontra inscrita. O NIPSE faz parte da linha de pesquisa “Psicologia, Psicanálise e Educação”, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

A escolha por esta modalidade de entrevista deve-se ao fato de a nossa pesquisa se tratar de uma investigação clínica, que tem por objetivo destacar a enunciação do adolescente. A ECOP é um dispositivo clínico inspirado na “apresentação de paciente”, utilizado por Lacan e consolidado pelo Campo Freudiano<sup>61</sup>. Trata-se de uma prática conduzida por um psicanalista, em que o paciente é o detentor do saber sobre si, ocupando o lugar de sujeito. Isso porque se acredita que há algo que somente este pode dizer sobre si. E, a partir do que é dito, é possível localizar a interpretação que o sujeito dá à sua história de vida. Desta forma, por meio de uma escuta clínica, Lacan buscou localizar a posição subjetiva do paciente e passou a se preocupar com a dimensão terapêutica. Portanto, as apresentações têm uma incidência sobre o tratamento dos pacientes.

Seguindo estas proposições, as apresentações de pacientes são realizadas até os dias de hoje pelos psicanalistas nos serviços de saúde. Foi inspirada neste dispositivo que surgiu a prática nomeada de Entrevista Clínica de Orientação Psicanalítica (ECOP). Esta amplia o alcance para além do serviço de saúde, mas segue os mesmos princípios da apresentação de paciente.

A ECOP foi introduzida no campo da educação pelo NIPSE, passando a ser realizada em instituições escolares e de medidas socioeducativas. Esta proposta localiza, entre o sujeito

---

<sup>61</sup> O Campo Freudiano é uma fundação, criada por Jacques Lacan, em fevereiro de 1979, que recebe aqueles que tentam sustentar, difundir e aprofundar a orientação lacaniana na psicanálise em seus países, em suas línguas e em suas culturas.

e a instituição, uma exterioridade que pode causar efeitos no sujeito entrevistado. “Nesse particular, a entrevista – por ser pontual e basear-se em encontro e duração restritos – visa a explicitar, para além do que se manifesta como mal-estar contemporâneo da civilização, o sintoma do sujeito (SANTIAGO, 2009, p.137).

O entrevistador, ao se colocar no lugar de um não saber, possibilita a fala e interroga o sujeito, na busca de que algo novo surja e uma intervenção seja possível. O que se observa é que estas entrevistas contribuem para a produção de um saber sobre o sujeito a partir dele próprio, o que possibilita localizar a sua posição na vida.

Nesta modalidade de entrevista, não há um roteiro pré-definido a seguir. As perguntas são feitas a partir do que o sujeito nos apresenta sobre sua história. Isso porque tudo o que ele nos diz interessa-nos. E, no caso dos adolescentes foco de nossa investigação, principalmente o que eles dizem sobre a sua relação com a mãe e a transgressão.

Por isso, as perguntas não foram elaboradas previamente. Elas foram feitas no momento da entrevista, a partir do que se explicitava do sintoma de cada um à medida que o adolescente falava. A nossa condução, por exemplo, possibilitava que o adolescente, que em um primeiro momento não apresentava um saber sobre seu ato, construísse esse saber.

Seguindo esta perspectiva, alguns pontos nos orientaram na condução das entrevistas. Eles foram extraídos de elementos isolados a partir de uma orientação clínica e que nos permitiram centrar nos impasses explicitados pelos atos transgressores dos adolescentes. Neste sentido, fazia-se imprescindível saber sobre as relações familiares, principalmente o lugar que a mãe ocupa na vida do filho, bem como sobre a trajetória infracional dos adolescentes. O objetivo era delimitar em que circunstâncias o ato infracional aconteceu. Interessava-nos o momento e o contexto em que ele se deu na vida de cada adolescente, buscando localizar o que foi decisivo para a entrada na dinâmica criminal. Ou seja, as razões que o levaram a encontrar este tipo de possibilidade, articulando o ato à sua história. Interessava-nos também os desdobramentos que se seguiram: as consequências e as mudanças que se sucederam, localizando o lugar que o ato transgressor e a mãe passaram a ocupar na vida do adolescente.

Usando o mesmo dispositivo e seguindo as mesmas diretrizes, foram também entrevistadas as mães dos adolescentes. Entretanto, os objetivos destas entrevistas distinguiram-se das realizadas com os adolescentes. A proposta foi localizar o lugar que o referido filho ocupa em sua vida, identificando como se dá a parceria mãe/filho, bem como a sua perspectiva sobre o envolvimento do adolescente na prática infracional.

Seguindo as diretrizes apresentadas, foram entrevistados dois adolescentes do sexo masculino, que se encontravam cumprindo a medida socioeducativa de internação em instituições vinculadas à Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas (SUASE), da Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS) do estado de Minas Gerais. Como descrito, foram também entrevistadas as respectivas mães desses adolescentes.

A escolha por adolescentes que cumpriam medida socioeducativa deu-se pelo fato de serem considerados transgressores perante a lei, conforme já apresentado no Capítulo 1 desta dissertação. A eleição da internação ocorreu por se tratar de uma medida socioeducativa mais gravosa, em que é possível encontrar adolescentes com um maior envolvimento na dinâmica criminal.

Após a autorização da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa (COEP)/ UFMG e pela SUASE/SEDS, tivemos acesso aos centros socioeducativos. Primeiramente, reunimos com alguns dos profissionais da equipe de atendimento da instituição: diretores, psicólogos, assistentes sociais e/ou pedagogos. Neste encontro, foi apresentada a proposta da pesquisa, e discutimos sobre os adolescentes a serem entrevistados. A equipe localizou aqueles que possuíam um envolvimento sistemático na prática infracional. Levou-se em consideração o número elevado de apreensões e a aplicação, anteriormente, de outras medidas socioeducativas. Outro ponto relevante para a definição dos adolescentes foi a presença da mãe. Foram identificados casos em que a parceria mãe/filho chamava a atenção da equipe. Seja por uma grande admiração e/ou dedicação do filho à mãe, ou por uma presença excessiva da mãe, ou mesmo por uma cumplicidade.

Muitos foram os casos em que essas questões se destacavam e, muitas vezes, apresentavam-se como um impasse para a instituição. Dentre eles, cada um dos dois centros socioeducativos localizou cinco adolescentes, somando um total de dez. Este número, superior ao que precisaríamos, foi necessário em decorrência das contingências que por ventura pudessem surgir, como realmente constatamos mais tarde. Dos adolescentes indicados, dois não aceitaram participar da entrevista, dois foram desligados da instituição antes do nosso contato, de um, não foi possível o contato com a mãe e, de outros dois, a mãe não compareceu à entrevista nos dias agendados. Quando conseguimos entrevistar dois adolescentes e suas respectivas mães, encerramos a prática das entrevistas.

Primeiramente, entrevistamos os adolescentes. As entrevistas foram realizadas dentro do centro socioeducativo onde eles cumpriam a medida de internação. Ela teve como condição prévia o consentimento e a assinatura do termo pelo adolescente e, quando necessário, pelo seu responsável.

Para registro das entrevistas foi utilizado gravador de áudio, mediante a concordância da instituição e do adolescente. Posteriormente, o material foi transcrito e alguns pontos isolados e analisados com base na teoria psicanalítica.

Para preservar a identidade, garantindo o sigilo, os nomes dos participantes e seus familiares citados, bem como a cidade, o bairro e outras informações que pudessem facilitar a identificação foram substituídos por nomes fictícios.

Um dos adolescentes chamamos de Wanderley e o outro de Caio. Com o primeiro foram realizados dois encontros e com o segundo um encontro. Durante as entrevistas estavam presentes somente o adolescente em questão e a pesquisadora/ entrevistadora.

As entrevistas com as duas mães correspondentes seguiram os mesmos critérios e foi realizado um encontro com cada uma delas. Esse encontro aconteceu no próprio centro socioeducativo onde seus filhos cumpriam a medida socioeducativa de internação.

#### **4.2. Caso 1: Wanderley, o escolhido da mãe**

Wanderley, na época da entrevista, tinha 18 anos de idade e encontrava-se cumprindo a medida socioeducativa de internação por roubo e tráfico de drogas. Sua longa trajetória na prática infracional rendeu-lhe muitas medidas socioeducativas, das quais sempre evadiu. Esta era a primeira vez que decidiu cumprir uma medida.

A última evasão deu-se durante uma saída para a aula do curso de cabeleireiro. Agora está finalizando este curso, iniciado na medida anterior. No dia da entrevista, assim que entrou na sala, apresentou-se: “Eu tava cortando cabelo ali agora, acabei de sair. Eu corto cabelo”. Tudo indica que ele se revelou nessa profissão, pois foi designado responsável tanto pelo corte de cabelo dos adolescentes da instituição onde estava, como de outras instituições para jovens. No segundo encontro, Wanderley também se antecipou em dizer: “Hoje, sai pra cortar cabelo; fui em uma ONG<sup>62</sup>”.

Filho predileto de sua mãe, mais de uma vez foi abandonado pelo pai, sendo a primeira vez quando ainda era criança. Iniciou seu envolvimento na prática infracional quando estava com 12 anos de idade, inicialmente realizando pequenos roubos e atividades esporádicas no tráfico e, depois, envolvendo-se intensamente.

---

<sup>62</sup> Organização Não Governamental.

#### 4.2.1. *A primeira transgressão*

Sobre o primeiro ato infracional, Wanderley diz:

Ah, primeira vez nem lembro muito não. Deixa eu ver aqui. Primeira fita que eu peguei... O primeiro corre, fita que eu peguei foi numa padaria. Estava eu, mais três meninos. Aí eu gostei. Ah! Não sei explicar não. Na hora assim, comecei a roubar.

Concomitante a esta prática de roubo, ele começou a participar do tráfico de drogas, também se envolvendo com prazer:

Continuei praticando roubo, vendia droga também, era traficante. Comecei a gostar. Fui ganhando dinheiro, mulherada, virando noite. Altas noitadas, rolé. Aí eu acostumei, não parei mais.

Declara ter preferência pela prática de roubo, por ter, além do retorno financeiro imediato, uma precipitação de um ato:

Eu gosto do meu dinheiro na hora, tipo assim, não gosto de ficar esperando. No tráfico, ocê ganha, tipo, um tantão, mas, depende também. Aí, roubo também tem a adrenalina, por causa da adrenalina.

É, uai, depois eu comecei a roubar e aí, nossa, pela ordem, pá, já comecei a fazer altas fitas, altas questões. Não parei mais. Comecei a gostar, vivia traficando, roubando.

A princípio, Wanderley não conseguia se localizar em relação ao início da prática transgressora. Com o prosseguir da entrevista, ele passa a se questionar sobre o que o havia conduzido até ali. Ele apresenta duas justificativas causais que poderiam explicar o envolvimento com os atos infracionais: a falta do pai na transmissão de valores e uma cena infantil, em que o pai é assaltado.

#### 4.2.2. *A falta do pai na transmissão de valores*

As transgressões de Wanderley tiveram início após a segunda separação de seus pais, precisamente quando ele tinha 12 anos de idade:

Eu escolhi essa vida porque eu quis escolher essa vida. Aí, minha mãe e meu pai separaram numa época. Meu pai começou a ficar junto com minha madrasta. Hoje ele é casado com minha madrasta. Aí foi indo.

O casal já tinha se separado duas outras vezes, quando Wanderley era criança. Na lembrança do jovem, ele e os irmãos já teriam sofrido com o abandonado por parte do pai. Diante disso, para criar sozinho os filhos, a mãe acabou por se ausentar para mergulhar no trabalho. Nestes momentos, Wanderley assumia muitas das funções junto aos irmãos, mesmo não sendo o irmão mais velho, o que evidencia uma escolha.

Meu pai abandonou nós quando éramos pequenos. Depois meu pai foi e voltou, mas abandonou nós pequeno. Minha mãe pegava uns bicos na época, fazia altas



questões, fazia uns corres aí de trabalhar, aí foi meu pai abandonou nós. Nós fomos crescendo sempre aí. Minha mãe sempre cuidou de nós. O tamanho que eu estou aqui tenho que agradecer minha mãe.

O jovem associa os cuidados dele com os irmãos à parceria com a mãe:

Também porque eu era muito grudado na minha mãe. Desde criança. Desde pequenininho. Meu irmão caçula também, sempre foi colado na minha mãe. O caçula, nós também sempre estávamos juntos. Eu levava ele pra escola, Samara pra escola, Tamara pra escola. Minha mãe estava trabalhando.

Wanderley avalia o pai como um homem mulherengo, sem investimento na família. A separação dos pais marca para ele a falta da transmissão paterna de valores e de orientações. Nesta falta, o jovem justifica seu envolvimento desprezioso com o crime:

Meu pai sempre foi um cara mulherengo, nunca dava aquela atenção pra nós, aquele carinho de pai que nós sempre precisou. Meu pai é aquele pai desleixado [...]

Se um pai não transmitir muita coisa boa pra um filho, o filho vai encontrar na rua e na rua é foda. Igual eu estou aí. Mas eu nunca imaginei que eu ia entrar no crime, que eu ia roubar. Eu nunca imaginei. Foi uma coisa assim que eu fui, entrei e foi vários desacertos, dificuldades. Eu fui e entrei. Nem foi por fama, dinheiro, esse negócio muito também não.

A prática infracional entra no lugar vazio da transmissão paterna. De acordo com Wanderley, seu pai não se importava com seu envolvimento neste tipo de prática, o que era interpretado, mais uma vez, como falta de interesse do pai por sua prole:

Meu pai, iiih!!!... achava é pouco. [...] Achar pouco é estar nem aí. 'É? Quer arriscar a vida dele? Ah! Eu dou exemplo'. Falava altas questões lá, mas nunca fez nada por mim. É uai, eu achava era pouco também e eu também não estava nem aí pra nada. Aí acabou. [...] ele falou: Cê está nessa vida louca, problema seu. Cê que entrou, azar é seu.

Meu pai, na hora que eu estava precisando do cara, o cara não estender a mão pra mim? [...] Eu esperava que meu pai fosse um cara mais daquele nipe comigo. Prestasse mais atenção em mim. Foi indo... Ah! Tem muitas coisas que eu me pergunto também. [...] Ah! Por que eu escolhi esta vida? Por que eu caminhei? Por que fiz tudo isso? Por que eu fiz isso acontecer? Tipo assim, fico me perguntando. Hoje eu me pergunto, mas antigamente eu não me perguntava nada disso.

Quando Wanderley esperava que o pai marcasse sua presença, este se eximiu de sua função. A única inscrição que o adolescente trazia do pai era como um sujeito dedicado exclusivamente ao próprio gozo com as mulheres. Mas este desejo anônimo do pai não fornece referências para Wanderley colocar-se na vida.

#### 4.2.3. *Fazer o outro sofrer*

A entrevista conduz Wanderley a novos elementos. Ele menciona a morte precoce de um tio materno, assassinado em decorrência de envolvimento com o tráfico de drogas. Em

seguida, lembra-se de um assalto a mão armada contra seu pai e seus familiares. Ele o relata como uma cena traumática, com efeitos sobre seu corpo – medo e ansiedade.

Quando eu era pequenininho, eu estava voltando da casa do meu padrinho, da festa, aí foi os caras, foram e roubaram meu pai. Eu vi a cena e tinha umas pessoas com a gente, B., C., nós voltando, os caras foram e enquadraram nós, minha família. Aí eu fiquei com remorso. Todo carro Corolla ou Honda que eu via, eu assustava. Aí eu fui e tomei trauma. Aí, eu fui e cresci. Em vez de me fazer eu mudar, não. Então, também eu só estava só roubando, praticando crime. Meu tio vai e morre. Aí eu joga tudo pra o alto e eu estou nessa vida. Eu estou nesta vida, levando esta vida. Aí fica assim. Hoje em dia eu estou marchando cadeia quase a minha infância toda.

A impossibilidade de elaborar esta cena traumática fez com que ela retornasse incessantemente na vida de Wanderley. Isto o conduz, na adolescência, a se precipitar nos atos infracionais. O pai, novamente, remete-o a uma experiência que deixa o adolescente sem referências que o permitam se localizar.

Da mesma maneira, a morte do tio constitui um ponto incompreensível para Wanderley. Ele, que já estava envolvido na criminalidade, ao saber da perda do tio por envolvimento no tráfico, rompe com tudo e vai em direção, cada vez mais, à incidência dos atos infracionais. Encontra na prática criminoso uma via para se posicionar em relação às experiências que deixavam uma lacuna em sua vida.

Nós fomos roubados, meu pai foi roubado. Aí eu vi aquela cena ali e eu fiquei com trauma e depois eu comecei a roubar.

E fui aprendendo com a vida altas coisas. Fui aprendendo, vivendo a vida assim. Nem me preocupando no que ia acontecer no dia de amanhã. E indo. Levando esta vida aí. Meu tio morreu também. Foi indo. Só acumulando coisas em cima de coisas. Aí, quando ocê vai ver, ocê embarcou numa vida que é difícil voltar atrás. Mas, quando ocê volta pra parar pra pensar ocê quer fazer diferente. Não é fácil não, ocê tem dinheiro, tem mulher, tem tudo.

Diante da falta de significado da função paterna, Wanderley passa ao ato criminoso. Ele não tem como se localizar a partir do pai e é nesta medida que ele encontra no crime uma via para colocar em jogo a sua posição na vida.

Das duas cenas destacadas, o assalto ao pai e a morte do tio, o jovem extrai uma máxima que passa a lhe servir de orientação:

Ninguém tem dó da minha família, eu vou ter dó da família dos outros?

Essa frase – que acompanha os seus pensamentos e também é dita em outra versão: “Fez minha família chorar, por que eu não podia fazer a dos outros?” – define sua posição na prática transgressora, revelando o seu lugar de fazer o outro sofrer. Diante das experiências traumáticas em relação ao pai e ao tio, a estratégia de fazer o outro sofrer é uma tentativa de Wanderley recuperar um gozo via transgressão.

#### 4.2.4. *O lugar do pai no discurso da mãe*

Roberta, ao ser entrevistada, afirma de saída a dificuldade do pai de Wanderley com o laço conjugal e as consequências disso sobre a prole. Este é, curiosamente, o mesmo enunciado apresentado por Wanderley a respeito de seu pai:

O pai dos meninos nunca foi pai. Nunca! Nunca preocupou. Nunca ligou pra nada. O negócio dele é mulherada na rua. Nunca preocupou com os meninos, com nada. Sempre largou os meninos. Então, tudo assim sou eu. Eu faço faxina pra lá, eu faço faxina pra cá. Eu faço faxina pra manter os meninos, porque se depender dele os meninos morrem de fome. Não liga pra nada.

Todos os filhos que ele tem as mães que criaram, ele não criou nenhum. O pai dele [referindo-se ao avô paterno de Wanderley] é outro safado também. Isso é mal de família. Lá são todos assim: é mulher em casa, é mulher na rua. Eles são desse jeito. O pai deles puxa saco deles, fala: ‘ah ocê não tem que ficar agarrado com uma mulher não’. O pai dele é outro vagabundo. Não vale nada.

Ele [o pai de Wanderley] xingava muito os meninos, sabe? Os meninos pediam pra ele comprar um pão, ele xingava os meninos. As vezes o Wanderley queria conversar com ele e ele falava: ‘Agora eu não tenho tempo pro cê não’.

O fato da mãe descartar o pai, ressentida, como mulher, pelas traições, a leva a constatar que ela é tudo para o filho. Apesar disso, Wanderley, quando criança, buscava o pai para ocupar seu papel junto à mãe. E a mãe respondia como uma mulher traída:

Ele acordava e perguntava: ‘Cadê meu pai? Liga pro meu pai?’. Eu falava assim: ‘ah não Wanderley, depois a mulher lá vai atender, não estou a fim de passar raiva’. Ele ia atrás do pai dele. Ocê acredita que o pai deles já chegou a jogar pedra nos meninos?! Os meninos já foram atrás dele na rua, ele mandou pedra nos meninos.

Na adolescência, o gozo desregrado do pai era perturbador para Wanderley:

Wanderley não teve uma adolescência boa não. Teve não. Adolescência dele foi muito ruim, porque assim, igual, ele queria ter alguma coisa e não tinha. Queria ter o apoio do pai dele, perto dele. Ele levantava de manhã da cama e falava assim: ‘oh mãe, meu pai dormiu aqui hoje?’ E o pai dele só dormindo fora. Ai ele pegava o pai dele com mulher. Ele chegava lá em casa, ocê perguntava: ‘que foi Wanderley?’ Ele chorava, deitava num canto e chorava. Sempre chorava.

Para a mãe, a posição de mulher prevalecia, e ela reconhecia no filho o gozo masculino que testemunhava no pai:

O Wanderley é muito mulherengo, puxou o pai dele. Ele arruma cada menina! Umas meninas bonitas! Só que ele fala que não quer nada sério com ninguém. Ai fica com a mulher hoje, amanhã a mulher está lá no portão chorando.

#### 4.2.5. *A mãe e a transgressão do filho*

Roberta acredita que a postura de Geraldo foi o que levou o filho a se envolver na criminalidade.

Se ocê chegar lá na rua, lá no bairro onde eu moro, e perguntar o que Geraldo fez com estes meninos, ocê fica de cara. Por isso que caiu nisso aí.

Segundo ela, as transgressões tiveram início após a separação do casal, quando Wanderley foi morar com o pai, longe dos cuidados da mãe. Na época, Roberta foi morar com o seu pai, avô de Wanderley. Como era em outra região da cidade, o filho não quis ir com ela. Roberta, então, deixou-o morando com Geraldo. Ela denuncia o gozo desregrado do ex-marido e as consequências, que ela atribui ao envolvimento do filho com as drogas:

Olha pra ocê vê, ele foi morar com pai dele.[...] Começou lá na casa do pai dele. Aí, a vizinhança falava: ‘o Wanderley está mexendo com droga aqui. Porque ele fica com fome, o pai dele não dá ele comida, a mulher tranca a casa e deixa ele na rua’. Aí, eu falei: ‘Wanderley, pega suas coisas e vem pra cá agora’. Falei com ele. Eu xinguei ele todinho que estava mexendo com droga. O pai dele também mexia com droga, aí foi e parou, tem muitos anos que ele parou de mexer com droga.

Roberta não aceitava o envolvimento do filho na criminalidade. Para tentar conter as suas atuações, ela recorria à polícia e à justiça, denunciando-o. Convocava o ex-marido para ajudá-la e os outros filhos. Muitas vezes, ela saiu à noite procurando-o pelas redondezas onde moravam. Recusava dinheiro vindo do crime.

Os meninos roubaram um carro. [...] Aí, cheguei em casa me deparei com as caixas de som. [...] Fiquei caladinha, fui lá no Cia. [...] Perguntei: ‘quem é o responsável aqui?’ Aí ele [delegado de polícia] chegou e falou: ‘sou eu’. Aí eu falei assim: ‘Eu quero que ocês façam uma busca lá em casa pra mim. Meu menino roubou um carro’. [...] Aí falei: ‘eles estão andando de carro na rua. O carro roubado que eles roubaram dos outros. Os aparelhos de som está tudo lá em casa. ocês façam o favor de buscar lá pra mim, porque não tem nada no meu nome’. O delegado chegou perto de mim, me abraçou e falou: ‘a senhora está de parabéns, são poucas mães que fazem isso’. Eu não aceito coisa errada não. Não aceito mesmo. Amo meus filhos demais, mas mexeu com droga, com coisa errada, eu mesmo chamo a polícia. Chamo mesmo. Não tenho dó.

‘Tira isso daqui senão eu chamo os homens [polícia] agora’. Eu chamo. Em outra eu chamei. Ele sentado lá, eu falei: ‘segura ele aí Geraldo, pra eu chamar os homens agora, aqui dentro de casa’. Chamei!.

Eu começava a andar na rua atrás dele. Caçava de madrugada, em tempo de eu morrer de madrugada. Mas eu ia atrás dele.[...] Quando eles eram pequeno tudo que eu podia colocar eles pra ocupar a cabeça deles eu colocava, coloquei eles na pastoral da criança, eu coloquei eles na luta de judô.

Eu fiz ele subir com a televisão. ‘Some com esse negócio aqui! Eu não quero nada de droga aqui’. Não! De jeito nenhum! Não deixo mesmo, falei: ‘pode sumir!’ Ele deixava pra lá. [...] Ele sempre arcava com as coisas dele. Só deixava ele ajudar quando era dinheiro honesto. [...] Era só quando ele fazia um biquinho assim. Um dia ele veio me dando dinheiro, R\$150,00, R\$200,00. Eu falei: ‘Não! Não! O dia que ocê trabalhar, for dinheiro certo, eu aceito. Dinheiro de droga eu não aceito’.

#### 4.2.6. *O parceiro do sofrimento materno*

Várias falas de Roberta deixam evidente que Wanderley é seu filho predileto. Ela o considera inteligente e esperto. Mantém com ele uma relação muito afetuosa e deleita-se com os cuidados que ele lhe dispensa a título de cuidados com sua saúde:

Nossa senhora, eu sou doida com esse menino. Desde pequeno ele dormia comigo. [...] Aí ele começava a agarrar eu, eu falava com ele: vai arrumar mulher pra ocê, que eu não vou ficar dormindo com ocê não.

Eu gosto de dormir é com ele. [...] Iih!!! ele levanta, me dá remédio, ele faz chá pra mim. Se ele me vê agora fica doidinho [se referindo ao estado de saúde dela, que se encontrava com crise de bronquite]. [...] Sempre que eu tenho bronquite ele vai lá pegar água, remédio. Não gosta de coisas na minha cabeça. Ele é assim. Ele é cuidadoso.

Além de cuidadoso, a mãe o nomeia de “muito carinhoso” e “agarrado” a ela:

Ele beija minha boca, ele me agarra, ele me morde, ele me levanta no colo. É desse jeito. Sempre agarrado comigo. [...] Ele faz massagem em mim. Eu deito ele vem. Eu, outro dia, estava na cama eu estava lembrando dele.

Wanderley defende a mãe frente a qualquer um e protege os irmãos. Isto é motivo de orgulho para Roberta, que atribui ao filho a função que o pai deixou vazia:

Se falar qualquer coisa de mim, ele endoida. Ele não gosta. O Wanderley já quebrou um copo na cara do pai dele. O pai dele veio querendo bater em mim, aí ele falou assim: ‘antes eu era criança, agora eu não sou [...] ocê não põe a mão na minha mãe mais não!’.

Wanderley é muito família. É tipo um pai, um pai. E, quando eu estava lá morando com meu namorando, ele que mandava Diego [irmão mais novo de Wanderley] pra escola pra mim. Ele que levantava Diego, fazia café, mandava pra escola. Até Camila [irmã de Wanderley] fala: o Wanderley está fazendo uma falta pra nós aqui.

Este investimento de Wanderley também se vê na parte financeira. Roberta declara a vontade do filho de ser o provedor da família, frente ao lugar vazio deixado pelo pai:

Lá em casa, faltou um gás, sou eu, faltou água, sou eu, tudo sou eu. O Wanderley me ajuda demais, sabe!? [...] Ele chega em casa: oh mãe, eu comprei isso, eu comprei aquilo. Ele falou comigo: ‘mãe, não quero que ocê trabalhe mais. Não quero. Eu vou arrumar um serviço pra mim, eu quero ficar. Eu não quero a senhora trabalhando mais’.

Da mesma forma que Wanderley ocupa um lugar privilegiado na vida da mãe, o jovem também lhe dá este lugar. Ela é a única, além de Deus, a merecer sua confiança e seu valor:

Eu desembolo com minha mãe de tudo que acontece comigo. A única pessoa que eu posso conversar, confiar. Confio nela demais. Aquilo ali é meu tesouro. Eu posso fazer de tudo ali, que é a minha mãe. Porque ela está junto comigo pra o que der e vier. [...] Eu confio nela e em Deus. No momento que sua mãe tá do seu lado ele também tá.

Ao falar da predileção de sua mãe por ele, Wanderley lembra-se de seu nascimento e acredita que este fato foi determinante para a relação entre os dois. A mãe escolheu-o:

Quando eu tava nascendo também, o médico falou com minha mãe assim: ‘ocê escolhe’. É que a gravidez da minha mãe era de risco. Minha mãe podia morrer. Aí o médico falou com ela assim: ‘ocê escolhe: ocê ou o seu filho’. Aí minha mãe falou assim: ‘pode meu filho vim’. Eu nasci muito grande. Aí minha mãe é assim também por causa disso aí também, não sei. Deus ajudou, salvou os dois.

Por ter salvo a vida do filho, Wanderley acredita que deve a vida à mãe. Ele demonstra imensa gratidão e repete, por inúmeras vezes, que ela nunca o abandonou. Tanto o adolescente quanto a mãe localizam que ocupam um lugar diferenciado na vida um do outro. O jovem distingue-se dos irmãos, considerando-se o mais apegado a mãe.

Contudo, sob o argumento de protegê-la, em um determinado momento da adolescência, preferiu se afastar:

Minha mãe é declinada comigo. Tipo assim, me ajuda. Igual, eu estou precisando dela, ela está ali, junto comigo. [...] A coisa que eu tenho na vida. Eu acho que eu sou o filho mais apegado à minha mãe. Sempre fui apegado à minha mãe. Só que a vida de crime, né? Chega um tempo que cê tem que afastar um pouco, porque, querendo ou não, cê coloca a sua mãe em perigo, em risco. Tipo assim, eu tô nesta vida louca aí, e minha mãe ficar perto de mim? Aí é embaçado, uai. Por exemplo, eu arrumo uma guerra, aí vem um alemão, aí é complicado.

A escolha da mãe pelo filho é acompanhada de um elemento correlato: o sofrimento materno. Um sofrimento igualmente existente na parceria dela com o pai de Wanderley. O sofrimento pelo filho, que o jovem relata estar presente desde o seu nascimento, também pode ser observado no discurso materno. Roberta descreve este momento como uma cena traumática:

Nossa Senhora!!! Esse menino nasceu com quase 5Kg. Grandão! Eu achei que eu nem ia aguentar colocar ele pra fora. [...] Aí eu tentando... Nossa!!! Eu tentando! Fazendo força, nada do Wanderley sair. Eu perdendo sangue, hemorragia em mim. Aí teve que fazer parto fórceps, pra poder puxar. O parto dele foi complicado. Nossa senhora! Misericórdia! Foi terrível o parto dele. A gravidez foi tranquila, só passei muita raiva com o pai dele. Nossa Senhora! Ele me agredia. Eu grávida dos meninos, ele me lançava no chão. Ele fez muita sacanagem comigo.

A dedicação da mãe é proporcional ao tormento que o filho lhe causa. Quando a mãe soube do envolvimento de Wanderley na prática transgressora, ela ficou tão atordoada que “entrou em depressão”:

Minha mãe entrou em depressão. Meu pai era aquele cara, tipo, falava só que.. Ah! nem sei o que que meu pai pensava não. Minha mãe entrou em depressão até hoje. E também eu quero pagar a cadeia por causa dela. Porque sempre marchou comigo, sempre me ajudou, sempre me protegeu, sempre me deu amor, carinho. E eu quero pagar isso aqui pra ela também.

No auge do seu envolvimento no crime, o filho decide se afastar da mãe, o que lhe causou ainda mais preocupação. Ele evidencia que sua parceria com a mãe está atrelada ao

sofrimento que ele está destinado a causar-lhe. Quando ele tinha entre 15 e 16 anos, mudou-se da casa de sua mãe e foi morar com a namorada. A casa onde moravam também servia de ponto de venda de drogas:

Ah! Teve uma época aí que eu estava com um barraco alugado aí, com minha ex mulher. Minha mãe ficou meio pala. [...] Pensou que é foda. Tipo assim: ‘ah, meu filho, pá, novo desse jeito aí, decidido na vida do crime’. Ficou meio preocupada e bolada ao mesmo tempo. Só que quando cê está na vida do crime, cê não quer pensar em quem está pensando. Você quer fazer o seu. É melhor você afastar. [...] Eu ia lá, ficava com ela um pouco, *pá*. Ia em casa de vez em quando. Tive que dar uma afastada.

Vemos, na fala de Wanderley, que o lugar em que ele coloca a mulher é o mesmo da mãe:

Tipo assim, deixei minha mãe um pouco de lado também e fui morar com ela [namorada]. [...] Tipo assim, querendo ou não, eu afastei da minha mãe, então, a gente tem que ter uma pessoa pra fazer comida pra nós. Uma questão pra mim.

Ali, onde ele presenciou uma mulher ressentida pelas traições do marido, ele coloca uma mãe que sofre. É a ela que ele se oferece, como objeto do seu padecimento. Ele é o filho escolhido, aquele por quem a mãe irá sofrer. A transgressão é a via que ele escolheu para suportar sua parceria com o sofrimento materno.

Meu pai sofreu não, minha mãe que sofreu. Meu pai? Meu pai sofreu nada não. Hoje em dia que meu pai está sofrendo. Porque minha mãe que sofreu mesmo, pra criar nós, pra cuidar de nós.

Sofreu muito com meu pai também. Vários desacertos. Vários desembolo aí.

Minha mãe que sofreu mesmo pra criar nós, pra cuidar de nós. Meu pai sempre foi um cara mulherengo. [...] O negócio dele é só mulher. Este negócio dele aí de mulher não muda não. Ah, é muito louco.

Wanderley sempre quis ajudar a mãe, mas ele diz que ela é muito “rígida” e “certa”, então, nunca aceitou o “dinheiro de crime”. Ele compara a postura da mãe com a do pai:

Ele [pai] sempre foi um cara, tipo assim, de passar a mão na minha cabeça. Não foi aquele cara rígido. Minha mãe é aquela mulher rígida. Tudo dela tem que ser certo [...] Pra eu sair final de semana pra jogar bola, eu tinha que tirar nota boa na escola. Meu pai não. Meu pai: ‘relaxa, deixa ele jogar bola’. Meu pai é aquele cara mais liberal.

Mesmo a mãe tendo esta postura, Wanderley mantinha-se determinado a ajudá-la. Para tanto, ele inventava ou montava situações para que a mãe acreditasse que ele havia ganhado o dinheiro trabalhando e não na prática infracional:

Só que, tipo, ajudava dentro de casa. Só que ela não aceitava dinheiro de crime. Eu falava várias questões. Eu falava que tava pegando uns bicos e ajudava ela de quebrada. Tinha ‘uns irmãos’ mexendo no lava jato. Eu ia lá direto. Pagava pra eles falarem que eu tava trabalhando lá. Ia dava ela dinheiro.

Vemos que, apesar da rigidez e da reprovação da mãe, Wanderley manteve-se determinado a seguir a via da transgressão. Por várias vezes, ele saía de casa e não retornava, o que deixava a sua mãe preocupada e sem dormir, evidenciando o sofrimento que Wanderley lhe causa:

Ela falava comigo. Ficava ligando pra mim 24 horas: ‘Oh, filho! Onde você está?’ Não mãe, estou aqui, na quebrada aqui. Na casa aqui do menino aqui. [...] Minha mãe ficou noites sem dormir, só orando. Ficava na porta, assim, esperando eu chegar.

Chegava, falava: ‘nó, que que meu filho tá arrumando’. Ficava dois dias sumido de casa assim, por causa de mulher. Minha mãe ficava doida comigo. Falava: ‘que cê tá arrumando meu filho, que cê tá sumindo de casa?’ ‘Mãe, tava ali, nas quebradas ali. Dando um rolé ali’. Minha mãe ficava doida.

O desamparo em que o adolescente se coloca diante do gozo do pai o conduz à posição de objeto a serviço do gozo materno. Por considerar que deve a vida à mãe, pela escolha que ela fez em salvá-lo, Wanderley compromete-se com ela de modo incondicional. A mãe surge como aquela que pode salvar a vida do filho, mas, ao mesmo tempo, destruí-la. O que demonstra o modo particular de Wanderley se apegar à mãe – o desamparo. Esta posição, ligada diretamente ao seu nascimento, coloca em jogo para o adolescente a pergunta: “ela pode me perder?”. Isso o conduz a se oferecer como um objeto que irá protegê-la do acesso à verdade de sua posição. Neste sentido, colocar-se como o objeto do sofrimento materno cria obstáculo para que ela se recoloca como mulher fora da referência ao homem mulherengo.

Esse compromisso com a mãe impede que Wanderley se separe do padecimento da genitora. Essa parceria ocupa o lugar no qual o adolescente deveria abrir a via para tornar-se homem. Ao invés de construir sua posição masculina, ele mantém-se apegado a uma posição infantil, fazendo da transgressão a prática que o mantém como o objeto de gozo da mãe, como o objeto escolhido do sofrimento materno.

Se, em um primeiro momento, as duas frases destacadas anteriormente – “Ninguém tem dó da minha família, eu vou ter dó da família dos outros?” e “Fez minha família chorar porque eu não podia fazer a dos outros?” – parecem remeter ao pai, o que se revela é que fazer o outro sofrer é uma posição que o jovem ocupa junto à mãe. Refere-se a uma posição anterior à experiência com o pai e com o tio. Ela está em jogo na história que se constrói em torno de seu nascimento. Isto comprova que a prática transgressora de Wanderley é definida pela posição de filho que ele ocupa junto à mãe. É nesse sentido que o desamparo diante da ausência do pai o direciona para o apego à mãe. As experiências com o pai e com o tio parecem remetê-lo a este desamparo, que o faz encontrar a mãe como se fosse a única saída.



Portanto, se podemos considerar que a ausência do pai evidencia uma dificuldade para Wanderley se tornar homem, a saída dele foi se posicionar como o filho pelo qual a mãe padece. Ser o objeto de sofrimento da mãe é a saída que ele encontrou diante da dificuldade de se tornar homem. Mas esta saída o conduz para longe da posição masculina, do ter.

Entretanto, a medida socioeducativa tem contribuído para que Wanderley construa esta posição para além da referência à mãe. Com a chegada dos 18 anos de idade, o jovem mostra-se comprometido com o que a maioria representa para ele: “ter responsabilidade”. Isso o leva a querer cumprir a medida, diferente das outras vezes em que fugia na primeira oportunidade:

Agora eu tô pagando. Tô de maior também, quero mudar de vida agora, porque também tem outras responsabilidades que cê tem que assumir na vida da gente, construir uma família, ficar de boa.[...] Mudou que tem Sistema prisional também. De maior, querendo ou não, muda, você fica aí.. tem altas questões. De maior é diferente, o sistema é diferente, a gente é diferente com a gente. Tudo é diferente, tudo modificado. Lá a gente é tratado igual bicho, aqui não. Aqui, cê tem, querendo ou não, curso, alguma coisa pra cê fazer. Lá não.

O curso de cabelereiro, viabilizado pelo centro socioeducativo, tem-se mostrado como uma via para o jovem se separar da mãe. No início dos dois encontros para a entrevista, ele apresenta-se como quem corta cabelos. Explica com orgulho que acabou de finalizar o curso e que se destacou, tornando-se referência nessa atividade dentro e fora da instituição. Agora, faz planos de trabalho e de novos cursos quando finalizar o cumprimento da medida:

Vou abrir um salão. Vou trabalhar com meu primo primeiro, depois vou abrir um salão. Meu primo é cabelereiro, tem salão e tudo. Já conversei com ele. [...] Vou fazer um curso de desenho de cabelo quando eu sair daqui.

A medida socioeducativa tem colaborado para a construção de sua posição a partir do significativo “responsabilidade”. Uma via para a separação do Outro materno, para se colocar fora da posição de filho. Ele quer cumprir a medida não somente pela mãe:

Pra ela também, pra mim também, porque eu tenho que ter responsabilidade. Não só pra ela, dá orgulho pra ela, porque ela sempre me deu orgulho, sempre foi honesta, sempre trabalhou. Eu quero ficar de boa agora, ficar tranquilo.

Assim, a medida socioeducativa o tem ajudado nesta tarefa de se separar da mãe e, conseqüentemente, da prática transgressora.

### 4.3. Caso 2: Caio, um adolescente visando o ter fállico

Na época da entrevista, Caio tinha acabado de fazer 18 anos de idade e encontrava-se cumprindo medida socioeducativa de internação pela segunda vez. Sua longa trajetória na prática infracional iniciou em torno dos 13 anos de idade. Primeiramente, no tráfico de drogas e logo depois sua principal atividade passou a ser o roubo. Desde então, a vida deste adolescente gira em torno da transgressão, que, segundo ele, está justificada, entre outras razões, pela dedicação à própria mãe. “Ela é tudo pra mim”, afirma repetidas vezes. Do pai, diz apenas ter rompido o laço com ele há muito tempo. Procuraremos destacar, neste caso, a difícil transição entre a posição infantil e a de homem, buscando mostrar como este adolescente faz uso da transgressão.

#### 4.3.1. O pai e sua insígnia fállica

Caio é filho de Roney, um comerciante bem-sucedido com quem o adolescente começou a trabalhar quando ainda tinha 9 anos de idade. De acordo com Caio, isso se deve ao fato de o pai querer que o filho seguisse o seu exemplo. Disso o adolescente reclama:

Porque eu sinto que ele queria meu bem. Igual ele colocava eu pra trabalhar demais. Às vezes, ele achava que aquilo ali era meu bem. Eu não tinha um tempo de soltar papagaio, não tinha um tempo de jogar futebol, não tinha tempo de ir ao shopping. Não tinha tempo pra nada. Tinha tempo só pra trabalhar.

Foi neste trabalho com o pai que Caio começou a ter acesso a muito dinheiro:

Comecei mexendo com muito dinheiro. Querendo ou não o bar dele era de muito movimento. O bar dele vendia dois, três mil reais de cerveja no final de semana. E eu ficava contando tudo. Desde pequeno eu já... mexendo com muitos números. Apaixonei pelo trem. E, nossa senhora! Não tem como cê parar assim não...

Ao ver que o pai tinha muito dinheiro, o jovem reconhece nele o ter fállico. Ele, então, empenhar-se-á, ao longo da adolescência, nesta tarefa de ter esta insígnia fállica. Primeiramente, por meio do trabalho com o pai e depois por meio da transgressão.

#### 4.3.2. A primeira transgressão: visando o ter

Nesta busca de Caio por ter dinheiro, ele descobre muito cedo que não era tão fácil assim consegui-lo. Isso porque para ter acesso ao dinheiro o jovem pedia ao pai. Porém, este nunca dava o tanto que Caio gostaria:

Eu pedia ele dinheiro pra comprar uma linha pra soltar papagaio, ele não me dava. Eu ia ter, eu tinha que roubar dele. [...] Pedia ele dinheiro pra eu ir ao shopping com as meninas [...] ele dava dez reais. Me tirava nas ideias. Aí eu já comecei a usar a esperteza. Já pedia ele dez, ele me dava dez, eu tinha cem guardado no bolso.

A primeira transgressão de Caio está relacionada a este dinheiro que o pai ganhava no bar. Para isso, o adolescente transgredia os limites estabelecido pelo pai, tirando muito mais dinheiro do que este lhe havia dado.

Caio usava o dinheiro que pegava do pai para causar a impressão deste ter fâlico. Esbanjando o dinheiro do pai, ele mostrava que tinha. Nesta época, Caio estava com aproximadamente 11 anos de idade e lembra-se que gastava o dinheiro na escola:

Eu ia pra escola com cem reais, duzentos reais. Num tinha com o que gastar. Eu ia no recreio e ficava igual rico. Comprava bala pra todo mundo... Nossa! Fazia só besteira. Num podia comprar roupa e levar pra casa. Num podia comprar uma bola de futebol e levar pra casa. Tinha que gastar tudo na rua. Molecagem com os outros. Todo mundo queria andar comigo. Gastava com todo mundo.

#### 4.3.3. *Tornar-se homem à semelhança do pai*

Ainda no início da adolescência, os pais de Caio separam-se. Essa separação traz à tona um não sabido. Quando perguntado sobre o que estava acontecendo na época que iniciou na prática infracional, ele conta:

Ah, tipo... foi muita coisa que aconteceu. Eu vivi com minha família toda, com meu pai, lá em Salvador. Aí quando eu tinha dez pra onze anos, eu fiquei sabendo que ele não era meu pai. Ele me contou que meu pai não tinha querido me registrar. Nisso aí eu morava em Salvador, com ele. Falou que meu pai tinha me abandonado, e tudo. Minha mãe separou dele e veio pra cá. Aí eu fiquei sabendo que meu pai era daqui, aí eu mudei pra cá.

Caio relembra que, aos 06 anos de idade, já tinha ficado sabendo que não era filho biológico de Roney. Na época, sua mãe, Josiane, encontrava-se presa. Foi quando ela lhe contou:

Na cadeia, um dia, eu consegui falar com minha mãe no telefone. Eu menorzão. Ela foi e me falou que ele não era meu pai. Aí eu fui e perguntei: 'ô tia, o Roney não é meu pai não?' Ela falou: 'Caio, ele é seu pai sim. Sua mãe está jogando conversa fora'. Aí pra mim ele era meu pai. Mas eu já tinha isso na mente. Aí depois essa conversa surgiu de novo.

A reintrodução da história que revela a condição de padrasto de seu pai, não abalou a decisão de Caio de perseverar em direção a uma identificação a este. Após a separação dos pais, ele conta:

Aí, [a mãe] veio pra cá. Eu fiquei morando mais um tempo com ele [o pai]. Fiquei mais uns seis meses.

Apesar de a mãe se mudar para outra cidade com os filhos, Caio escolhe ficar morando e trabalhando com o pai. Ou seja, mesmo após a separação dos pais e a revelação da não paternidade biológica de quem tomava por pai, ele mantém-se na rota de se tornar um homem que tem dinheiro, à semelhança deste pai, como nos faz saber:

Tipo, por um lado, lado do dinheiro, de gostar muito, nós temos a mesma coisa. Mas, outros critérios, igual cê já ouviu aqui, não.

Assim, decide continuar trabalhando com o pai para ter dinheiro como ele, para continuar mostrando-se para as meninas como um homem de posses. Porém, como ele nos revela, trabalhou muito para o pai e permaneceu despossuído de dinheiro. Passa, então, a se sentir explorado e desprezado:

Até então, era totalmente de boa. Até que arrumou uma mulher de 18 anos. Ele já tinha 40. Comprou uma moto. Começou a dar só rolê com essa mulher. Aí começou a comprar, começou a ostentar com a mulher dele e esqueceu de mim. Começou a deixar eu só trabalhando 24, 48 horas. Tanto que hoje em dia eu tenho, eu fiz duas cirurgias de hérnia de tanto que eu levantava peso quando eu era novo. Hoje em dia eu não posso forçar muito meu corpo mais, de tanto que eu ralava com ele quando eu era novo. Tudo influenciou a parada.

#### 4.3.4. *Solução imaginária desmoronada: “meu castelo caiu”*

Caio esperava que o pai fosse provê-lo em seu desejo de ser um homem que tem dinheiro. Mas tal imagem aparece apenas do lado do pai: um homem na diversão com mulheres, ostentando e gastando dinheiro. Não foi difícil para ele concluir que o pai estava levando a vida que ele queria, e ele próprio estava somente trabalhando, sem acesso ao que almejava. Diante disso, abandona este pai e decide ir embora para sempre. Diz ao pai que iria passar férias na cidade da mãe, considerando que o pai já sabia que ele jamais voltaria.

Tanto que na hora que eu fui entrar dentro do táxi pra vir pra cá, ele falou comigo: ‘Cê vai, Caio? Cê não vai voltar não, né?’ Eu falei, olhei pra cara dele, e ele falou assim: ‘se cê for, não precisa voltar aqui mais não’. Eu já tinha decidido aquilo ali, naquela hora, que eu não ia voltar pra casa dele nunca. Nunca eu ia precisar dele pra mais nada.

Abdicando da mediação paterna, Caio encontra-se “desorientado” e tomado de “ódio”, passando a ter uma posição de rivalidade com o pai:

Fiquei mais desorientado. Fiquei só com ódio, só com raiva. Quando eu morava com esse cara em Salvador, eu tinha tudo. Ele ia me buscar na porta da escola de Honda. Ele tinha tudo. Ele tinha comprado um restaurante. Eu vi que não era pra mim não e, na minha cabeça, deu que eu tinha que ir. [...] Que eu vivia no meio da... porque meu pai era tipo aqueles caras que tem dinheiro, tipo burguesia, e a vida que eu estava vivendo ali não era pra mim não.

Até então era tudo normal. Aí descobri isso aí e já fui querendo conquistar minhas paradas, pra mostrar pra ele que eu era igual a ele ou melhor. E já fui correndo atrás das minhas paradas. Eu mesmo, independente. Tem oito anos que eu não converso

com ele. Que eu vi que eu podia viver sozinho. Fui atrás do meu. Na minha mente veio só isso aí.

E completa:

Meu castelo caiu. Aí, quando eu vim pra cá eu fui e comecei a construir meu castelo sozinho. (...) Vi que eu posso, eu mesmo, ajudar minha família. Eu não dependo dele [pai] não.

A partir deste momento, Caio vai buscar ter dinheiro não mais pela via do trabalho, mas sim pelo caminho mais curto, da transgressão, tal como foi quando ele tinha 11 anos de idade. Ele, portanto, começa a se envolver na prática infracional e atribui as suas transgressões ao fato de gostar muito de dinheiro:

Vou falar... querendo ou não, eu vou mandar um papo mesmo. Eu não tenho a esconder nada de ninguém. Eu acostumei. Acostumei com o fácil. É errado. Todo mundo tá errado de tá fazendo isso aí. Eu sei que é errado, mas...

Comecei a depender do dinheiro. Aí... quando cê depende do dinheiro, cê sabe, vira um vício. Meu maior vício é o dinheiro. É por isso aí que fiz isso tudo aí. Porque é o vício. É a ganância. O que me estraga é isso aí”.

Diante do impasse de Caio frente a passagem da posição infantil para a de homem, em que ele vai em busca de construir seu próprio “castelo”, uma questão coloca-se: será que esse impasse é o que justifica a transgressão deste adolescente?

#### 4.3.5. *A reprovação da mãe*

Josiane atribui a transgressão do filho à separação entre ela e Roney. Isso porque antes a família tinha uma vida com muito dinheiro:

Lá, quando a gente vivia junto, a gente tinha de tudo, não faltava nada.

Ela não sabe explicar a sua decisão precipitada em se separar do marido. Acredita que possa ter relação com o pós-parto, pois havia acabado de ter o quarto filho:

Eu estava até de ponto, não sei se foi alguma coisa depois do parto, porque depois eu me arrependi.

Ela avalia que não foi sábia por ter deixado “tudo para trás”. Com a separação, ela e os filhos passaram a ter uma vida regrada:

Aí eu acho que o Caio ficou meio revoltado por eu ter me separado. Ele começou a fumar maconha lá [Salvador]. Lá a gente tinha uma vida boa [...] quando a gente vivia junto a gente tinha de tudo, não faltava nada. Aí o pai dele arrumou uma mulher nova [...] O Caio ligou, me mandou buscar ele, eu busquei. Quando eu busquei, ele já estava usando. Ele tinha treze para quatorze anos. Ele já veio de lá assim. No início era só usando droga, depois começou a roubar, a dar tiro na polícia, polícia invadindo lá em casa atrás dele.

Quando ele chegou, eu vi que ele estava diferente. Aí eu peguei ele fumando maconha. Foi a primeira coisa. Aí, ele e os meninos foram roubar. Quarenta e cinco dias no Ceip. Depois disso, não tive mais domínio dele. Ele começou a ficar daquele nipe.

Com pouco tempo, o envolvimento de Caio com a prática infracional ganhou grandes proporções. Josiane deu-se conta disso quando o filho foi baleado em um confronto com a polícia:

Quando ele tomou um tiro e eu cheguei no hospital e eu vi aquele tanto de vítima baleada que ele tinha atirado... Tinha policial, aquele tanto de vítima chorando. E o policial tinha dado nele, dois dedos do coração. Eu quase perdi meu filho. Aí eu me dei conta que eu poderia perder meu filho. Ou meu filho tirar a vida de outras pessoas e outras mães chorarem. Porque era muita gente, muita gente mesmo. E aquele tanto de família vindo em cima de mim e eu: 'Ahhh! Eu não tenho culpa! Eu não tenho culpa!'. Falando assim: 'seu filho é um assassino, seu filho é um assaltante'. Aí que eu me dei conta que o negócio estava sério.

Josiane, que relaciona o querer ter dinheiro por parte de Caio ao pai, faz uma distinção entre eles:

Só que o Roney trabalha pra ter. O Caio quer fácil. Ele quer conquistar as coisas de hoje pra amanhã. Não é assim. Igual eu falei com ele: 'Caio, eu e você, nós temos nossa casa arrumadinha, se nós dois trabalharmos eu posso tirar pra você uma moto'. Ele falou: 'Aí vai ficar quantos anos pagando uma moto? Não! Não! Se eu posso ir ali e pegar!?' Aí, no outro dia, ele chegou em casa com uma 300 [um modelo de moto]. Aí eu: 'que isso Caio? Tira isso da minha porta agora!' Ele falou: 'Aqui, eu gosto é assim, você acha que eu vou querer *Titanzinha*? Aí é difícil, né? Não tem como eu entrar na cabeça dele. Ele falou assim: '48 prestações?' Eu: 'É. Nós vamos pagar as 48 prestações e depois você pode tirar uma melhor'. E ele não concordou: 'Não! Eu vou arrumar uma, eu vou clonar'. Ele acha que resolveu o problema e não resolveu nada.

Ela não consente com o fato de Caio querer ter as coisas de imediato e, tampouco, com a forma como ele se coloca ao seu lado. O jovem busca ocupar o lugar do pai junto à mãe, mas Josiane cria um certo problema para que isso aconteça. Ela chega a admitir que o filho a ajude em casa, mas com pequenas coisas:

Porque eu não aceito. Às vezes, compra uma carne, eu mando pedir ele dez reais para comprar um refrigerante, comprar uma carne, um leite, uma fralda. Não vou mentir. Mas, chegar com muito dinheiro? Não. Ele gosta de comprar é tênis de marca. Mas ele ajuda, assim, muito não.

Isso porque ela reprova a forma encontrada por Caio de ter dinheiro. E, acreditando que o pai poderia ser mais bem-sucedido em barrar as transgressões do filho, Josiane quer que Caio volte a morar com Roney:

A presença é tudo. Porque é difícil cuidar sozinha. Porque eu acho que, se Roney tivesse comigo, o Caio não estava aqui hoje [referindo-se ao centro de internação]. Porque ele não deixaria. Não estou falando que eu deixei, só que nem eu sei falar direito. Que é bem difícil mesmo.

Eu sonho é ele ir embora. O pai dele falou com ele: 'vem embora que eu vou te dar uma moto, pagar pra você tirar carteira. Vem Caio! Pra você me ajudar'. Hoje ele é

dono de um restaurante. Gostaria muito que o Caio fosse. Mesmo que ia doer em mim, mas, *né?* Saber que ele estava trabalhando, estava bem.

Contudo, o filho recusa-se a voltar a morar com o pai. O que vemos é que a reprovação da mãe é indiferente a Caio:

Ah! Mãe cê já viu. Mãe avisa, faz isso e aquilo, mas quando cê põe na cabeça que é isso mesmo aí cê... Minha mãe me avisa, minha mãe fica bolada comigo, me dá altas ideias, mas...

Ah! Ela falava demais. Dava conselho, vinha, falava que não era pra eu ir. Depois começou a me falar que meu pai tinha morrido naquilo ali e eu estava seguindo o mesmo caminho dele. Mas, não adiantou não, né? Me deu os conselhos, eu não queria escutar.

Josiane localiza-nos o impasse no qual o filho está capturado: ele quer ter dinheiro, mas sem passar pelo trabalho. Isso nos dá indicativos da relação que Caio estabelece com a transgressão. Ele quer ter dinheiro sem se servir da referência ao pai. Apesar da transgressão dar a ilusão de que o jovem franqueou a passagem da posição infantil à de homem, ele ainda se encontra entre estas duas posições. Quanto mais se esforça para se desvencilhar do pai para assumir uma posição, mais difícil se torna encontrar uma saída para o impasse da adolescência. Este impasse, no qual Caio se encontra, nos leva a indagar: a que responde a transgressão deste adolescente e qual a sua relação com a mãe?

#### 4.3.6. *Amor só de mãe*

Na época em que Caio saiu da casa do pai e foi morar com a mãe, ele tatuou no braço a frase: “Amor só de mãe”:

Essa aqui foi a primeira. Eu tinha dez anos, onze anos. Assim que eu vim pra cá eu fiz.

Neste momento em que está em busca de construir o seu próprio castelo, Caio passa a tentar substituir o lugar do pai junto à mãe:

Eu queria fazer minha parte, pra ela [mãe] ver que eu estava ali. Eu queria marcar minha presença. Meus irmãos estavam com o pai deles morando perto, mas eu queria fazer o papel dele, igual até hoje eu ajudo.

Como resultado deste conflito com o pai, Caio resta capturado na relação com a mãe. Isto repercute na prática transgressora. Ao mesmo tempo em que mostra uma descrença no pai, ele diz-se capaz de tudo pela sua mãe, evidenciando o lugar de destaque que ela ocupa em sua vida:

Ah! Eles [o pai e o pai biológico] eu já deixei de lado. Deixo o que morreu e o que está vivo de lado. Deixa eu assim [...] Meu pai é minha mãe e minha mãe é minha

mãe, ué. Tudo é minha mãe. [...] Dedico tudo! Minha vida é pela minha mãe. [...] Se precisar, eu dou minha vida pela da minha mãe. Por ela eu faço tudo. Tudo! Tudo! Tudo! Tudo! Tudo! Porque ela também, num foi fácil pra ela também não [...] Eu entendo ela também.

Nossa, nós é foda! [...] Nós é mais que filho. Nós é amigo. Nós é tudo. Eu e minha mãe nós é dez! [...] Sempre eu tive uma afinidade muito forte com minha mãe. Eu e minha mãe, Nossa Senhora! [...] Querendo ou não, eu sou o mais velho e na conversa com ela tem hora que, tipo, passa de mãe pra filho. Vira amizade, vira muita coisa. É foda! Que ela é minha mãe e me entende.

Essas falas parecem demonstrar uma denegação da relação com o pai, o que faz com que Caio mantenha um investimento na mãe:

Se eu perder minha mãe, eu desnortheo. Se eu perder minha mãe, eu não sei o que eu faço. Se eu perder minha mãe, eu fico sem chão. Ela é a base de tudo. Eu pretendo morrer primeiro que minha mãe. Eu acho que eu não aguento. Eu não aguento enterrar minha mãe não. Eu pretendo morrer antes dela. Ela me enterrando, porque eu não aguento. Ela e meus irmãos que é tudo pra mim.

#### 4.3.7. *A identificação imaginária ao bandido*

A cidade para onde Caio se mudou, depois que deixou o pai, é a mesma de seu pai biológico. Nesta época, ele passa a ir em busca de informações sobre este último. Ele descobre que o pai morreu pouco tempo antes de Caio nascer. Sobre a sua morte, ele conta as seguintes histórias:

E ele, meu pai, era o único da família que era bandido. Meu pai roubava mansão. Meu pai morreu por causa de uma mansão. Ele pegou muito dinheiro e os amigos dele matou ele.

Que na hora que ele morreu ele estava com dois oitão<sup>63</sup> na cintura. Os caras estavam esperando ele lá em cima da favela. Meu vô na época tinha um bar no Vale Azul. [...] Na época que meu pai morreu, meu pai usava sonda, ele já tinha tomado tiro, meu pai passou perto do bar do meu vô. Meu vô falou: 'os caras vão te matar lá em cima'. E o sangue foi derramado.

O cara sabe quando é a hora dele. Ele sabia que ia morrer. Beijou minha mãe, falou que ia subir. Estava com dois oitão na cintura. [...] Deu as duas armas na mão do meu vô e falou com meu vô que não era Deus pra tirar a vida de ninguém. Que ia ser feito o que tinha pra ser feito. Subiu. Todo mundo só ouviu os tiros.

Por isso que eu não confio em ninguém. Ele morreu porque ele confiou. Meu pai, ele não gostava que cê matasse uma formiga na frente dele. Os caras falaram que se ocê tivesse conversando com ele e passasse uma formiga e cê matasse, ele te pegava... Que ele não gostava...Ele falava que só Deus pode machucar, pode ferir uma pessoa. Morreu ué.

Se no que diz respeito ao dinheiro Caio acredita ser igual ao pai, em relação à aparência física, ele destaca a semelhança com o pai biológico. Esta semelhança é apontada

---

<sup>63</sup> Nome usado para se referir a um modelo específico de arma de fogo.



pela mãe e por outras pessoas que conheceram este homem. Quando Caio esteve na favela onde o pai biológico morou, para saber mais sobre ele, foi imediatamente reconhecido:

Eu fui na quebrada dele lá. Lá no Vale Azul. Porque eu sabia que ele era de lá. [...] Quando eu entrei os caras já ficaram olhando pra mim assim, estranho... e falando que eu era filho do Othon. Que eu parecia com ele. Já me reconheceram. Falou que pelo jeito que eu ando. Mesma coisa do meu pai.

Essa semelhança também é evidenciada por sua família e sua mãe:

Minha vó também, nossa! Minha vó tem hora que ela me chama só de Zulu, por causa que o apelido do meu pai era Zulu Othon. Tem hora que ela: ‘oh! meu Zulu!’

Ela [mãe] fala que meu pai foi o único cara que ela foi feliz na vida. Ela fala que eu sou tipo... ela fala que eu sou ele. Ela fala que eu e ele é a mesma coisa. Mesma coisa. Jeito de conversar, mesma coisa, falo a mesma coisa.

A mãe de Caio aponta para um homem amado e, de certa forma, idealizado. Este pai, que o jovem vai de encontro, causa um certo enigma para ele:

Mas como que é a mesma coisa se eu não sei quem que é? Eu não tenho esse espelho pra me ver? Imagina a pessoa te falando: ‘cê parece com aquela pessoa aí. Cê olhar pra frente assim, cê nunca vê. Se ocê olhar ocê só vê a parede. Como que eu vou saber se era? E eu... por mais que cê acredite naquela pessoa, cê sempre vai ficar com aquilo.

Ela [a irmã] ia crescer com a mesma revolta que eu tenho de não ter conhecido meu pai. De não saber a foto do meu pai. De não saber o nome do meu pai. De eu saber se eu parecia com meu pai. Nunca vi uma foto do velho. [...] Imagina a pessoa te falando: ‘cê parece com aquela pessoa’. Aí cê olhar pra frente assim, cê nunca vê. Se ocê olhar ocê só vê a parede. [...] Como que eu vou saber se era? Por mais que cê acredite naquela pessoa, cê sempre vai ficar com aquilo.

Quando eu sair, até perguntei minha mãe onde é que ele [o pai] foi enterrado, foi lá perto de Santa Luzia, eu vou lá. Na tumba dele. Vai que tem uma fotinha lá, pequenininha? Óh!... Pro cê vê, que bobeira que eu quero! Só ver uma foto! Coisa boba, né? Uma foto que cê vê toda hora”.

Caio fala-nos deste ponto que ele não sabe bem o que é, mas que se refere ao caminho seguido por ele:

Ah! Sei que puxou daí. Eu nunca imaginei que eu ia entrar no crime não. Eu era muito inteligente. Eu tenho são seis cursos. Minha mente, você não sabe do quê que minha mente é capaz. Eu sou muito inteligente. Nunca imaginei que eu ia estar no crime não. Tem hora que eu paro e penso: nossa, onde que eu cheguei? Nunca imaginei eu metendo revólver em alguém e roubando. Nunca imaginei eu vendendo droga pra alguém. Nunca imaginei eu trocando tiro com alguém não. Nunca! Mas veio tudo isso aí. Eu posso falar que eu sou um cara inteligente, só que... num deu pra mim, aí...

Quando a identificação ao pai falha, e este não serve de modelo que oriente a construção de um lugar a ser ocupado no mundo, Caio recorre à identificação imaginária com o pai biológico. Uma identificação com aquele que se vale da transgressão como forma de ter dinheiro. E Caio, identificado a este homem, vai experimentar os benefícios imediatos que a

transgressão lhe proporciona. Esses benefícios lhe fazem crer que ele tem a insígnia fálica que busca para se introduzir na dinâmica viril.

Mas Caio sabe da fragilidade de sua construção:

Por enquanto, eu estou construindo, qualquer hora meu castelo pode desabar. Porque cê sabe aí, no crime cê num sabe até quando cê vai estar ali não. Hoje cê tá, amanhã cê não pode tá. Por isso, que meu castelo eu tô construindo ele.

Crime é momento. Eu não minto pro cê não. Eu tô vivendo... eu sou ciente. Eu sei que eu não vou viver no crime até quarenta anos. Eu sei que se eu não parar com esta vida uma hora eu vou morrer. Uma hora um cara da minha quebrada pode me matar. [...] Uma hora ele pode não aceitar eu crescer mais que ele. [...] Eu sei que eu não vou tá ali pra sempre. Uma hora quero ter família, quero ter três filhos. Quero ter dois homens e uma menina. Uma hora vou ter que ter isso tudo. Como é que eu vou ter isso tudo no crime? Não dá. [...] Se eu tiver um filho, eu não vou querer que meu filho passe a mesma coisa que eu passei não. Quero levar ele pra jogar futebol comigo, levar ele pra dar um rolê... Aí eu tenho que tá bem já.

Se, em um primeiro momento, esta fala de Caio parece apontar para a vacilação de uma identificação mortífera, logo em seguida ele retoma a sua posição frente ao pai. Ele, que vive na eminência da morte, sobrevive, desafiando-o:

Ele falava comigo que eu não ia passar de quinze quando eu comecei a envolver. Aqui ó, dei quinze anos. Aí ele começou a falar que eu não ia passar de dezoito. Tô passando, né? Agora vamos ver até quando ele vai falar.

O caso indica-nos que os atos transgressores de Caio visam o ter como via para se posicionar na dinâmica viril. Contudo, ele esforça-se para ocupar uma posição de homem junto à mãe, pela via da fantasia incestuosa. Isso porque, com o declínio da identificação ao pai, Caio vê-se diante da dificuldade de se tornar homem. Com isso, ele deixa-se capturar pelo que a mãe transmite de um amor eternizado por um homem bandido. Não mais pelo ideal paterno, mas sim por uma identificação imaginária, Caio coloca em jogo o que tem pela via da transgressão, acreditando ser esta a condição para se posicionar no universo masculino. Esta via o mantém cativo da parceria materna, pois ela o impede de se separar do Outro materno e se lançar na escolha de outros objetos de desejo. Com o ato transgressor banca o herói que conseguiria oferecer para a mãe o que acredita que ela quer.

## CONCLUSÃO

A nossa pesquisa partiu de uma observação extraída de experiências profissionais com adolescentes autores de ato infracional. Muitos desses adolescentes apresentavam um grande apego a suas mães. Isso nos conduziu à hipótese de que haveria uma articulação entre adolescência, transgressão e mãe. A partir disso, algumas perguntas foram suscitadas, tais como: em que medida a transgressão na adolescência estaria articulada ao amor à mãe? Que lugar estas mães ocupam na vida de seus filhos?

Comumente, na adolescência não se observa este investimento na mãe. Isso porque o adolescente se encontra dedicado à tarefa de construir seu lugar no mundo. Trata-se de um momento de transição da posição infantil para a masculina. E a condição para se posicionar enquanto homem é se separar do Outro materno. Ou seja, renunciar ao gozo restrito à mãe. Neste sentido, introduzir-se na dinâmica do ter implica abdicar de ser o objeto que falta à mãe para se colocar como quem o tem. Esta transição do ser para o ter é a tarefa fundamental que a adolescência impõe aos sujeitos. Esse franqueamento é necessário, o que não implica que a referência familiar não se preserve em uma função renovada.

Nossas elaborações provocaram-nos mais questões: Por que neste momento da vida, em que deveriam se colocar como homens na vida em sociedade, alguns adolescentes não abrem mão da mãe? Ou seja, por que, ao invés de se separarem dela, a preservam como objeto privilegiado? Esse apego é determinante para o envolvimento do adolescente na prática transgressora?

Em um primeiro momento, a dificuldade em se separar da mãe poderia nos indicar que ela seria a causa destes adolescentes se enveredarem na prática transgressora. Contudo, as nossas investigações conduziram-nos para uma outra direção. A dificuldade inicial está em tornar-se homem. Eles apegam-se à mãe como uma saída para esta dificuldade primeira. A mãe é, então, a solução frente ao impasse que estes adolescentes vivem de se introduzir na dinâmica viril. Neste sentido, eles têm com a mãe uma relação sintomática. Nesse momento de encontro com o impossível que marca a experiência sexual, o adolescente encontra na devoção à mãe um modo de se defender do real do sexo.

Sabemos que a posição masculina está relacionada ao modo como o sujeito se localiza em relação ao *ter*. Ou seja, para ser homem o sujeito está condicionado ao ter. Isso se dá a partir de uma referência fática. Neste ponto, situa-se o impasse destes adolescentes. Estar às voltas com a problemática de se tornar homem é estar embaraçado com o real do sexo. Com o

vazio de saber que a incidência da puberdade provoca. Melhor dizendo, ao mesmo tempo em que eles precisam se servir da referência ao falo para se introduzir na dinâmica viril, eles se deparam com um real que não se representa pela via fálica. Esses sujeitos terão que encontrar uma saída para este gozo sem lei, que afeta diretamente o seu corpo.

É neste ponto que a mãe recoloca seu lugar. No momento em que a adolescência separa o sujeito da criança que ele era no desejo da mãe, estes adolescentes reconstroem sua posição frente ao Outro materno. Uma construção à qual eles se apegam como a sua própria vida. Faz da relação com a mãe o lugar onde eles encontram sua posição no mundo.

Chegamos no ponto central de nossa investigação: a dificuldade de tornar-se homem. Este problema é a via para a relação sintomática que prende o adolescente à mãe. Há duas formas disso se dar. Uma pela vertente do ser e a outra, do ter.

Como vimos em nossas elaborações, pela via do ser, o sujeito dedica-se a ser o objeto de gozo da mãe. Isso o coloca na posição de suplemento ao gozo materno. Ao se reduzir a ser esse objeto, o filho garante a potência da mãe, pois impede que ela se depare com a sua própria verdade, aquela que a conduz ao real do gozo feminino. Fixado à mãe, o adolescente ocupa a função de objeto tampão, sendo absorvido em seu circuito pulsional.

Já pela vertente do ter, o adolescente vai em busca de ter o que acredita que a mãe quer. O querer da mãe é localizado a partir da posição dela enquanto mulher, ou seja, a partir do gozo feminino. O adolescente tenta ocupar uma posição de homem junto à mãe, pela via da fantasia incestuosa. Isso não resolve a problemática do tornar-se homem.

A posição masculina implica que o sujeito deva se posicionar como homem para uma mulher, tomando-a como objeto da sua própria fantasia. Isso porque a interdição do incesto exige do adolescente um trabalho de separação, direcionando-o para a escolha de outros objetos de satisfação sexual substitutos à mãe. É nessa parceria com esses objetos que o adolescente poderá construir sua posição enquanto homem.

No entanto, quando o que está em questão é a fantasia incestuosa, o adolescente, em vez de se lançar a outros objetos de desejo, mantém-se fixado na mãe. Isso porque, ao se deparar com a dificuldade de se posicionar como homem, ele abdica de se separar do Outro materno. Sem renunciar ao gozo restrito à mãe, ele mantém-se cativo nessa parceria.

Enquanto, na vertente do ser, trata-se de uma posição infantil ocupada pelo adolescente, estando em foco o amor pela mãe, na vertente do ter, é o desejo por ela, pelo viés da fantasia incestuosa, que se sobressai.

No filme *“De cabeça erguida”*, diante da dificuldade em tornar-se homem, Malony tenta solucionar esta problemática pela via da segunda posição: o ter. Para a mãe, como

condutor de automóveis, Malony tem um lugar de valor. Ele é o “campeão do mundo”, aquele que “dirige como um Deus”. É deste traço, que ele localiza do gozo materno, que o adolescente fará uso para se localizar, junto à mãe, no campo do ter.

A transgressão entra neste circuito ao viabilizar para o jovem ter acesso aos carros com os quais pode fazer valer o seu lugar de valor para a mãe. Por isso, ele entra em uma repetição de roubos que o leva a sucessivas prisões. A transgressão não possibilita uma separação do Outro materno. Malony encontra-se capturado nesta parceria, ocupando um lugar de exceção.

Por vezes, assistimos à cumplicidade entre mãe e filho. O adolescente posiciona-se como aquele que tem o que acredita ser o que a mãe quer. A cena em que rouba um carro e resgata o irmão de um orfanato mostra-nos isso com clareza. Guiado pela demanda materna, Malony ultrapassa os limites estabelecidos pela lei e coloca-se como um herói para a mãe.

Vimos com Lacan (2003) que a posição masculina implica que o sujeito, ao invés de se apartar como uma exceção, consinta em ser “Um-entre-outros”. Não se trata simplesmente de se colocar como igual aos outros. Isso seria propor a homogeneização do sujeito, sua massificação, o que é o avesso da psicanálise. Trata-se de se colocar entre os iguais para encontrar ali o que o constitui como Um, o que o distingue de todos. Ou seja, conseguir diferir, neste universo, aquilo que a norma fálica não regula, o traço singular do sujeito.

Assistimos, no filme em questão, este desdobramento, não sem muitos percalços. No decorrer da trama, Malony vai conseguindo se introduzir na dinâmica masculina, o que o permite se separar do Outro materno. E o encontro com uma mulher é o elemento fundamental para esta separação. Um novo amor o faz abrir mão da mãe como objeto privilegiado. Isso o permite se separar de um lugar de exceção, em que a transgressão era a via privilegiada de acesso a uma posição de valor perante a mãe.

Ao consentir em se situar entre os demais, ele consegue dar um novo uso ao que lhe é próprio. Foi o que lhe permitiu abrir mão da transgressão e assumir um trabalho em que o seu desejo estava em jogo. Se antes ele roubava carros para dirigir, agora ele dirige para trabalhar. O traço que o distinguia dos outros tornou-se o fator que o introduziu entre todos, ou seja, no campo masculino.

Os casos dos adolescentes entrevistados nesta pesquisa permitiram-nos uma análise diferenciada daquela realizada no filme. Isso porque não se trata de uma ficção, em que temos um enredo com início, meio e fim, como no filme. E tampouco se referem a casos clínicos conduzidos em análise. Trata-se de entrevistas pontuais. Mesmo assim, elas possibilitaram-

nos identificar o impasse em questão para cada um dos adolescentes e o lugar que eles ocupam junto à mãe, bem como localizar como a transgressão se insere nesta dinâmica.

Em ambos os casos entrevistados, vimos que os atos transgressores iniciaram em torno dos 12 anos de idade, ou seja, momento em que os impasses da adolescência supostamente estariam introduzindo-se. Isso nos indica a problemática presente com a saída da infância, que envolve a tarefa de tornar-se homem.

No primeiro caso, Wanderley encontra-se no lugar de ser o objeto de gozo da mãe. Ele é o escolhido. Trata-se de uma parceria que se sustenta pelo sofrimento materno. Isso se inaugura em seu nascimento. A mãe precisa escolher entre ela e o filho. Ela escolhe a vida do filho. Para Wanderley nascer, ela teve de estar disposta a morrer por ele. Roberta sobrevive, mas o nascimento do filho está atrelado ao seu sofrimento. O destino de Wanderley torna-se fazer a mãe sofrer.

Por ter sido escolhido, Wanderley crê que deve a vida à mãe. Ele acredita que a história do seu nascimento definiu a relação entre eles. Ambos são muito “apegados” um ao outro. O jovem diz-se “grudado” na mãe e a coloca em um lugar de destaque. Ela é a única pessoa merecedora de valor. Ela é o seu “tesouro”. Também é a única em quem ele pode confiar. Do lado da mãe, Wanderley é o filho predileto, aquele que atende as suas expectativas quanto ao carinho, cuidado e proteção. Igualmente, é aquele que a faz sofrer.

Wanderley é o parceiro do sofrimento materno. Do mesmo modo, este é o lugar que a mãe reserva a um homem. Roberta passou mais de 10 anos de sua vida sofrendo com um marido que a maltratava e era “mulherengo”. Ele tinha muitas outras mulheres. Essas parcerias com as outras mulheres eram o que dava a tônica do relacionamento. Roberta, inclusive, incluía o filho nesta problemática.

A parceria de Wanderley o coloca na posição de ser o objeto que esconde a causa, a verdade do sofrimento da mãe. É isso que Lacan (2003) nos fala em *Nota sobre a criança*: o filho, como objeto de gozo da mãe, é o que esconde a verdade do seu sintoma, a verdade do gozo da mãe enquanto mulher. Ou seja, a mãe sofre por um homem, e Wanderley, como objeto de gozo da mãe, com a transgressão, vai tampar a causa do sofrimento materno, fazendo-a sofrer. Como se o seu sofrimento fosse causado pela transgressão do filho. Mas o sofrimento que a mãe porta aponta para sua condição de mulher. O que o filho faz é esconder a posição da mãe enquanto mulher, velar o gozo feminino. Ele faz isso ocupando o lugar de objeto de gozo materno, como sintoma da mãe. Trata-se, portanto, de um adolescente que transgride para responder ao sofrimento materno.

Vemos, com Wanderley, que essa dificuldade em se separar do Outro materno deve-se à falta de uma transmissão paterna. Ou seja, da ausência de um modelo identificatório que o oriente na construção de uma posição masculina. Impossibilitado de se localizar a partir do pai, o que se tem é um destino de “vida louca”, como nos diz Wanderley. Neste sentido, diante da problemática de se introduzir na dinâmica viril, o jovem encontra-se capturado no lugar de objeto de gozo da mãe. A transgressão entra em cena para responder a este lugar de objeto, frente a impossibilidade dele lançar mão da referência fálica para posicionar-se na vida. Isto é, Wanderley faz da transgressão a prática que o mantém como o objeto escolhido do sofrimento materno. Uma saída que ele encontrou diante da dificuldade de se tornar homem.

Por outro lado, no caso de Caio, temos um adolescente capturado na parceria materna pela vertente do ter. Após se deparar com a dificuldade de tornar-se homem pela via do ideal paterno, ele volta-se para uma parceria sintomática com a mãe e vai em busca de ter o que acredita que a mãe quer.

Trata-se de um adolescente que tem como insígnia fálica, extraída do pai, o dinheiro. Em um primeiro momento, para ter essa insígnia e, assim, buscar introduzir-se no campo masculino, ele direciona-se pela identificação ao pai. Um pai que transmitiu uma função ao filho. Tanto é que Caio permaneceu com ele, mesmo após ser revelado que este não era seu pai biológico e após sua mãe ter abandonado este homem.

Entretanto, depois de um tempo, a solução pela identificação ao pai desmoronou-se. Caio não conseguiu cumprir o ideal de ser como o pai. Na verdade, ele dá-se conta de que o pai não o proveria em seu objetivo de ter a insígnia fálica que tanto buscava e passa a não mais se reconhecer na vida que levava. A necessidade de se separar do pai impõe-se.

Diante dessa descrença no pai, o jovem testemunha-nos que se vê “desorientado”, “só com ódio”. A partir de então, passa a ocupar uma posição de rivalidade com este pai: “fui querendo conquistar minhas paradas, pra mostrar pra ele que eu era igual a ele ou melhor”. Concomitante a isso, Caio volta-se para a mãe, ou seja, resta investido na relação materna. A mãe passa a ser “tudo”, e ele se diz capaz de morrer por ela. A dedicação à mãe e a rivalidade com o pai levam-no a tentar substituir o lugar do pai junto à mãe, ser um homem para ela: “eu queria fazer o papel dele, igual até hoje eu ajudo”. Não foi por acaso que, nesta mesma época, Caio tatuou no braço a frase “Amor só de mãe”, demonstrando o lugar de destaque que a mãe ocupava.

Cativo à mãe, Caio deixa-se capturar pelo que a mãe transmite do amor pelo seu pai biológico. Um amor idealizado e eternizado com a morte. Trata-se do único homem que a fez

“feliz”. Este homem aponta para a posição da mãe enquanto mulher. Diante do enigma do gozo feminino, o jovem vai de encontro a este ponto opaco, que ele não sabe o que é, mas que ele vai encontrando, de alguma forma, naquilo que a mãe fala sobre este homem. Entretanto, frente a este enigma, Caio vai, incessantemente, em busca de um saber sobre o pai biológico. Um pai “bandido” que morreu por causa do crime.

Sem mais contar com a identificação ao pai, Caio vale-se da identificação imaginária ao “bandido”: “Ah! Sei que puxou daí. Eu nunca imaginei que eu ia entrar no crime não”. A transgressão passa a ser a via eleita por ele para ter dinheiro.

Apesar da transgressão dar a ilusão de que Caio franqueou a passagem da posição infantil à de homem, não é o que vemos na prática. O jovem, em vez de separar-se da mãe, lançando-se para a escolha de outros objetos de desejo, mantém-se preso a ela. Com o ato transgressor, o adolescente busca ter o que acredita que a mãe quer. Isto é, capturado na fantasia incestuosa, tenta ocupar uma posição de homem junto à mãe.

Temos uma equação fundamental: sem poder contar com o ideal paterno para se introduzir na posição masculina, Caio é sucumbido na vertente da fantasia incestuosa. Isto é, frente à dificuldade de tornar-se homem, resta a mãe como objeto de desejo. Quando o interdito paterno não funciona mais, Caio mantém-se fixado ao objeto proibido, o que o impossibilita de se posicionar como homem a partir da escolha de outros objetos. Ele faz da mãe um objeto insubstituível. A transgressão introduz-se como um elemento componente desta dinâmica, permitindo ao adolescente ultrapassar os limites para fazer valer o seu lugar de herói junto à mãe.

Em um primeiro momento, a postura que muitos adolescentes tomam, como, por exemplo, querer proteger suas mães e/ou prover a família, poderia nos sinalizar que há uma precipitação em tomar posição como homem. Isto é, que se trataria de uma passagem direta da infância para a vida adulta. Entretanto, a nossa investigação nos revela o contrário. O que está em jogo nestes casos não é uma imiscuição do adulto na criança. O ato transgressor não se configura como uma solução frente à tarefa de tornar-se homem e, tampouco, possibilita uma separação do Outro materno. Ao contrário de uma saída para a problemática masculina, o que vemos são adolescentes esforçando-se e acreditando que podem ocupar o lugar do pai ou sem referências fálicas para se posicionar na vida. Esta postura remete muito mais a uma posição infantil e demonstra como esses sujeitos se encontram em dificuldades para atravessar este momento da adolescência e ocupar um lugar como homem.

Outro ponto. As nossas elaborações e os casos discutidos nesta dissertação apontam-nos para uma questão prática: o que pode uma medida socioeducativa nestes casos? O filme



“*De cabeça erguida*” contribui com essa questão. Graças aos encontros que se deram a partir da entrada no sistema de justiça, Malony pôde dar um novo rumo à sua vida. Esses encontros permitiram-no construir uma posição enquanto homem e, assim, abrir mão da mãe como objeto privilegiado. O jovem passa a fazer novos investimentos que rompem com o circuito transgressor no qual se encontrava emaranhado.

É fundamental, para o trabalho com esses adolescentes que apresentam um grande apego à mãe, localizar a sua posição nesta parceria e como isto está em jogo na transgressão. O adolescente está no lugar de ser o objeto de gozo da mãe ou no de ter o que acredita que sua mãe, enquanto mulher, quer de um homem? Ao distinguir estas duas posições, é possível verificar onde uma intervenção pode incidir na relação dele com a mãe e com a transgressão. A partir disto, o profissional poderá auxiliar o adolescente neste processo de separação do Outro materno e da prática transgressora, possibilitando que ele tome uma nova posição.

No caso dos adolescentes entrevistados, podemos distinguir duas estratégias de condução do trabalho. Uma a partir da posição de ser e outra de ter, isto é, de ser filho e de tornar-se homem. Na primeira, a condução implica em intervir no desamparo que leva o adolescente a se apegar à posição de filho. Ou seja, trata-se de conduzir o sujeito em direção a uma posição que o possibilite se colocar além da relação com a mãe. Que ele encontre uma referência para sua vida que o permita se separar do apego ao Outro materno.

Para a segunda posição, a estratégia de condução vai no sentido de indagar o lugar que o adolescente tem a tomar em relação ao próprio desejo. O ter só tem função, se servir para abordar um objeto que ele não alcança. Se a fantasia incestuosa com a mãe faz com que o adolescente restrinja a posição masculina ao falo, a posição que ele tem a tomar diante de uma mulher exige que ele se sirva do falo para abordar um objeto do desejo que o falo não representa. Se como o herói da mãe o adolescente tenta ocupar a posição do pai, a posição de “pelo menos Um” que tem acesso à mãe como objeto, a medida socioeducativa pode ser a via para que ele encontre um modo particular de amar que o situa no universo masculino, ou seja, como “Um-entre-outros”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AJURIAGUERRA, J. A criança, o adolescente e a sociedade. In: **Manual de Psiquiatria Infantil**. Rio de Janeiro: Editora Masson do Brasil. 2 ed. s/d.
- AMNÍSTIA INTERNACIONAL, **Acuerdos Comunitarios de Convivencia ante la Violencia Armada, Pistas para la Acción**. Disponível em: <[https://issuu.com/ammnistia/docs/acuerdo\\_comunitarios\\_de\\_convivencia](https://issuu.com/ammnistia/docs/acuerdo_comunitarios_de_convivencia)> Acesso em 16/06/17.
- ATHAYDE, Celso; BILL, MV. **Falcão – Meninos do tráfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 272p.
- \_\_\_\_\_. **Falcão – Mulheres e o tráfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 272p.
- BRASIL. **Código de Menores: Decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro de 1927**. Brasília, 1927. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1910-1929/d17943a.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/d17943a.htm)>. Acesso em: 04/11/15.
- \_\_\_\_\_. **Código de Menores: Lei 6.697, de 10 de outubro de 1979**. Brasília, 1979. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1970-1979/L6697.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L6697.htm)>. Acesso em: 04/11/15.
- \_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do Adolescente: Lei Federal 8.069/90**. Belo Horizonte: CEDCA-MG, 1990. 136p.
- \_\_\_\_\_. **Lei nº 9.099, de 26 de setembro de 1995**, que dispõe sobre os Juizados Especiais Cíveis e Criminais e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9099.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9099.htm)>. Acesso em: 04/11/15.
- Detentos do Rap. **Amor só de mãe**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/detentos-do-rap/760887/>> . Acesso em 23/02/2016.
- FERNÁNDEZ, Macarena. **Cómo este grupo de madres logró la paz en uno de los barrios más violentos del mundo**. Disponível em: <<http://www.eldefinido.cl/actualidad/mundo/7014/Como-este-grupo-de-madres-venezolanas-logro-la-paz-en-uno-de-los-barrios-mas-violentos-del-mundo/>> Acesso em 16/06/17.
- FERREIRA, C.M.R. **Apresentação de pacientes: (re)descobrimo a dimensão clínica**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9AKHCP/tese\\_cristiana\\_m\\_r\\_ferreira\\_apresenta\\_o\\_de\\_pacientes.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-9AKHCP/tese_cristiana_m_r_ferreira_apresenta_o_de_pacientes.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 11/06/2014.
- FREUD, S. A dissolução do complexo (1924). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XIX, pp. 189- 199.

- \_\_\_\_\_. O mal estar na civilização (1930). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XXII, pp. 67- 148.
- \_\_\_\_\_. Novas Conferências introdutórias sobre psicanálise (1933). In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XXII, pp. 13- 173.
- \_\_\_\_\_. Rascunho N. (1897). In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 1, pp. 304-307.
- \_\_\_\_\_. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor – Contribuições à psicologia do amor II (1912). In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XI, pp. 181-195.
- \_\_\_\_\_. Totem e tabu (1913). In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XII, pp. 109-162.
- \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. 7, pp. 117-231.
- \_\_\_\_\_. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens – Contribuições à psicologia do amor I (1910). In **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XI, pp. 167-180.
- HALL, G. S. **Adolescence: Its Psychology, and Its Relations to Physiology, Anthropolgy, Sociology, Sex, Crime, Religion, and Education**. New York: D. appleton and company, 1904. vol. 1, 589 p. Disponível em: <<https://archive.org/stream/adolescenceitps01hall#page/n7/mode/2up>>. Acesso em: 18/12/16.
- \_\_\_\_\_. **O seminário, Livro 4: a relação de objeto** (1956-57), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. pp. 182-199.
- \_\_\_\_\_. **O seminário, Livro 6: o desejo e sua interpretação** (1956-57), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2016.
- \_\_\_\_\_. **O seminário, Livro 7: a ética da psicanálise** (1959-60), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997. 208p.
- \_\_\_\_\_. **O seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1901-81), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. Pp. 153-175.
- \_\_\_\_\_. **O seminário, Livro 17: o avesso da psicanálise** (1901-81), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. 209 p.
- \_\_\_\_\_. **O Seminário, Livro 18: De um discurso que não fosse semblantes** (1901-1981), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009. 173p
- \_\_\_\_\_. **O seminário, Livro 19: ...ou pior** (1901-1981), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. 250p.

LACAN, J. **O seminário, Livro 20: mais, ainda** (1972-73), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. pp. 87-104.

\_\_\_\_\_. **Escritos** (1901-1981), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 937p.

\_\_\_\_\_. **Outros escritos** (1901-1981), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 607p.

\_\_\_\_\_. **Nomes-do-pai** (1901-1981), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 93p. Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. pp. 557-559.

**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM 05, 5.ed** . Porto Alegre: Artmed, 2014. pp. 461-479.

MILLER, J.A. **A lógica na direção da cura**. Belo Horizonte: Ed. O Lutador, 1995.

\_\_\_\_\_. A criança entre a mulher e a mãe. In: **Opção Lacaniana on line**. Ano 5. Número15. novembro 2014. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_15/crianca\\_entre\\_mulher\\_mae.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/crianca_entre_mulher_mae.pdf)>. Acesso em: 01/06/2017.

\_\_\_\_\_. Convergências e divergências. In: **Opção Lacaniana online**. Ano 1, número 2, julho 2010. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_2/Convergencia\\_e\\_divergencia.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Convergencia_e_divergencia.pdf)>. Acesso em 04/01/17.

\_\_\_\_\_. Do amor à morte. In: **Opção Lacaniana online**. Ano 1, número 2, julho 2010. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_2/do\\_amor\\_a\\_morte.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/do_amor_a_morte.pdf)>. Acesso em 04/01/17.

\_\_\_\_\_. **Em direção à adolescência**. Belo Horizonte. 10 de julho de 2015. Disponível em: <<http://minascomlacan.com.br/blog/em-direcao-a-adolescencia/>> Acesso em: 25/09/2016.

\_\_\_\_\_. Lições sobre a apresentação de doentes. In **Matemas I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. pp. 138-149.

\_\_\_\_\_. Marginalia de “construções em análise”. In: **Opção Lacaniana**, São Paulo: Eólia, n. 17, novembro 1996, pp. 92-107.

\_\_\_\_\_. Minha garota e eu. In: **Opção Lacaniana online**. Ano 1, número 2, julho 2010. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_2/minha\\_garota\\_e\\_eu.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/minha_garota_e_eu.pdf)>. Acesso em 04/01/17.

\_\_\_\_\_. Mulheres e semblantes II. In: **Opção Lacaniana online**, Ano 1, número 1, março 2010. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_1/Mulheres\\_e\\_semlantes\\_II.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_1/Mulheres_e_semlantes_II.pdf)>. Acesso em 04/01/2017.

- \_\_\_\_\_. O amor entre a repetição e invenção. In: **Opção Lacaniana online**, Ano 1, número 2, julho 2010. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_2/O\\_amor\\_entre\\_repeticao\\_e\\_invencao.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/O_amor_entre_repeticao_e_invencao.pdf)>. Acesso em 04/01/17.
- \_\_\_\_\_. Os seis paradigmas do gozo. In **Orientação lacaniana**, São Paulo: Eólia, n. 26/27, 2000. pp. 87-105.
- \_\_\_\_\_. **Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- \_\_\_\_\_. Teoria do Capricho. In: **Opção Lacaniana**, São Paulo: Eólia, n. 30, abril/2001. pp. 79-86.
- \_\_\_\_\_. Uma conversa sobre o amor. In: **Opção Lacaniana online**. Ano 1, número 2, julho 2010. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_2/uma\\_conversa\\_sobre\\_o\\_amor.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/uma_conversa_sobre_o_amor.pdf)>. Acesso em 04/01/17.
- \_\_\_\_\_. Uma partilha sexual. In: **Opção Lacaniana online**. Ano 7, número 20, julho 2016. Disponível em: <[http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_20/Uma\\_partilha\\_sexual.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_20/Uma_partilha_sexual.pdf)>. Acesso em 04/01/17.
- \_\_\_\_\_. A lógica da análise. In: **Lacan elucidado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. pp. 141-218
- \_\_\_\_\_. O falo barrado. In: **Lacan elucidado**., Rio de Janeiro: Zahar, 1997. pp. 141-218.
- MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais). Resenha. Disponível em: <https://mariogaudencio.wordpress.com/2013/01/02/maria-cecilia-de-souza-minayo/>. Acesso em 27/09/2015.
- PARDO, Daniel. **O bairro da Venezuela onde as mães assumiram o poder e acabaram com a violência**. In: BBC Mundo em Caracas. 11/06/2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36493960>> Acesso em 16/06/17.
- SANTIAGO, A.L. Efeitos da apresentação de pacientes frente às exigências do Mestre Contemporâneo. In **Revista Curinga**. Belo Horizonte: Ed. Scriptum, n. 29, dez./2009. pp. 135-147.
- \_\_\_\_\_. O saber do jovem. In: **Revista Curinga**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas Gerais, n. 42, julho. 2016, p. 29-43.
- SANTIAGO, A.L. e ASSIS, R.M. **O que esse menino tem?: sobre alunos que não aprendem e a intervenção da psicanálise na escola**. Belo Horizonte: Editora Sintoma, 2015, 125p.

- SAVAGE, J. **A Criação da Juventude: como o conceito de *teenage* revolucionou o século XX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. 558p.
- SILVA, E.R.A.; OLIVEIRA, R.M. **Nota Técnica: O Adolescente em conflito com a Lei e o debate sobre a Redução da Maioridade Penal: esclarecimentos necessários do IPEA**. Brasília, jun./2015. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=25621&catid=192&Itemid=9](http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=25621&catid=192&Itemid=9)>. Acesso em: 18/02/16.
- STEVENS, A. Adolescência, sintoma da puberdade. In: **Revista Curinga**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas Gerais, n. 20, nov. 2004, p. 27-39.
- TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MINAS GERAIS. Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional. **Dados Estatísticos 2014. Belo Horizonte: TJMG**, Abril/ 2015. Disponível em: <http://www.tjmg.jus.br/ejef/noticias/cia-bh-divulga-balanco-de-2014.htm#.VkpDOHgVmOM>. Acesso em: 10/11/2015.
- WAISELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2014: Os jovens do Brasil**. Brasília. 2014. Disponível em <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014\\_JovensBrasil.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf)> . Acesso em 24/12/2016.
- WAISELFISZ, J.J. **Mapa da Violência 2015: Adolescentes de 16 e 17 anos do Brasil**. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015\\_adolescentes.php](http://www.mapadaviolencia.org.br/mapa2015_adolescentes.php)> . Acesso: 26/12/2016.
- ZILLI, L.F.; BEATO, C. Gangues juvenis, grupos armados e estruturação de atividades criminosas na Região Metropolitana de Belo Horizonte”. In: **Dilemas, Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. Rio de Janeiro: Edição Especial n 1, 2015, p. 73-110. Disponível em: < <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7317/5896> > Acesso em 21/10/16.